REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

2021
Nº 67 - ABR/JUN

REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Nº 67

NATAL, ABRIL/JUNHO- 2021

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado/ CJA Edições.

Arte da capa: Maria do Santíssimo

(Coleção de Onofre de Souza Neto).

Ficha Catalográfica

Catalogação na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – n.67 (mar. 1951 -). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Trimestral.
Número atual: 67, Abr/Jun.2021

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-rio-grandense de Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

SUMÁRIO

ARTIGOS E ENSAIOS

IVO VIVE A POESIA - Diogenes da Cunha Lima 11

CASCUDO, O HISTORIADOR - Vicente Serejo 13

MACHADINHO - Valério Mesquita.....18

RELEMBRANÇAS - Marcelo Alves Dias de Souza.....21

AUGUSTO SEVERO, O POLÍTICO - Armando Holanda. ...24

TONHECA DANTAS - MAESTRO DOS SERTÕES .....

Carlos Roberto de Miranda Gomes 31

TERRA, VIDA, OBRA E MORTE DE UM MÚSICO

Aluízio Alves 41

AO CENTENÁRIO DE HOMERO HOMEM

Francisco Galvão 45

CULTURA ANTIGA II - (Uma Síntese) - BABILÔNIA

Jurandyr Navarro.....48

A MOÇA COM BRINCO DE PÉROLA. - Elder Heronildes .61

O TEMPO NA POESIA DE PAULO DE TARSO CORREIA DE MELO - David de Medeiros Leite 65

VIAS PARALELAS:DOIS POETAS POTIGUARES

Horácio Paiva.....69

AUTA DE SOUZA E PALMYRA WANDERLEY O BRILHO QUE SE FEZ SOL - Silvanete Pereira da Silva Oliveira.....76

QUEM FOI PADRE IBIAPINA? - Benedito Vasconcelos Mendes. 94

LEVANTE ESCRAVO AMEAÇA NATAL NO DIA DA FESTA DA PADROEIRA - Luiz Eduardo Brandão Suassuna.....109

PANDEMIA E POLÍTICA - Damião Nobre.....112

CONTOS E CRÔNICAS

PANDEMÔNIO NA PANDEMIA - Iaperi Araujo 117

NÚBIO - Clauder Arcanjo.....121

A RIFA - Thiago Gonzaga 123

HERÓI POR ENGANO - Umberto Peregrino.....125

OS DIAS DENTRO DE MIM - Osair Vasconcelos.....127

CIDADES - Manoel Onofre Jr.....141

AS DOENÇAS DE BEETHOVEN

Daladier Pessoa Cunha Lima 146

POEMAS

AMAR - Jarbas Martins.....151

CARTA AO MEU AVÔ - Marcelo Navarro Ribeiro Dantas...152

O MOINHO COMO TESTEMUNHO - Alfredo Neves.....157

DESERTO - Kalliane Amorim.....158

POEMA DE ORENY JÚNIOR 160

UM SONETO E CINCO POEMAS BREVES DE ROBERTO LIMA.....161

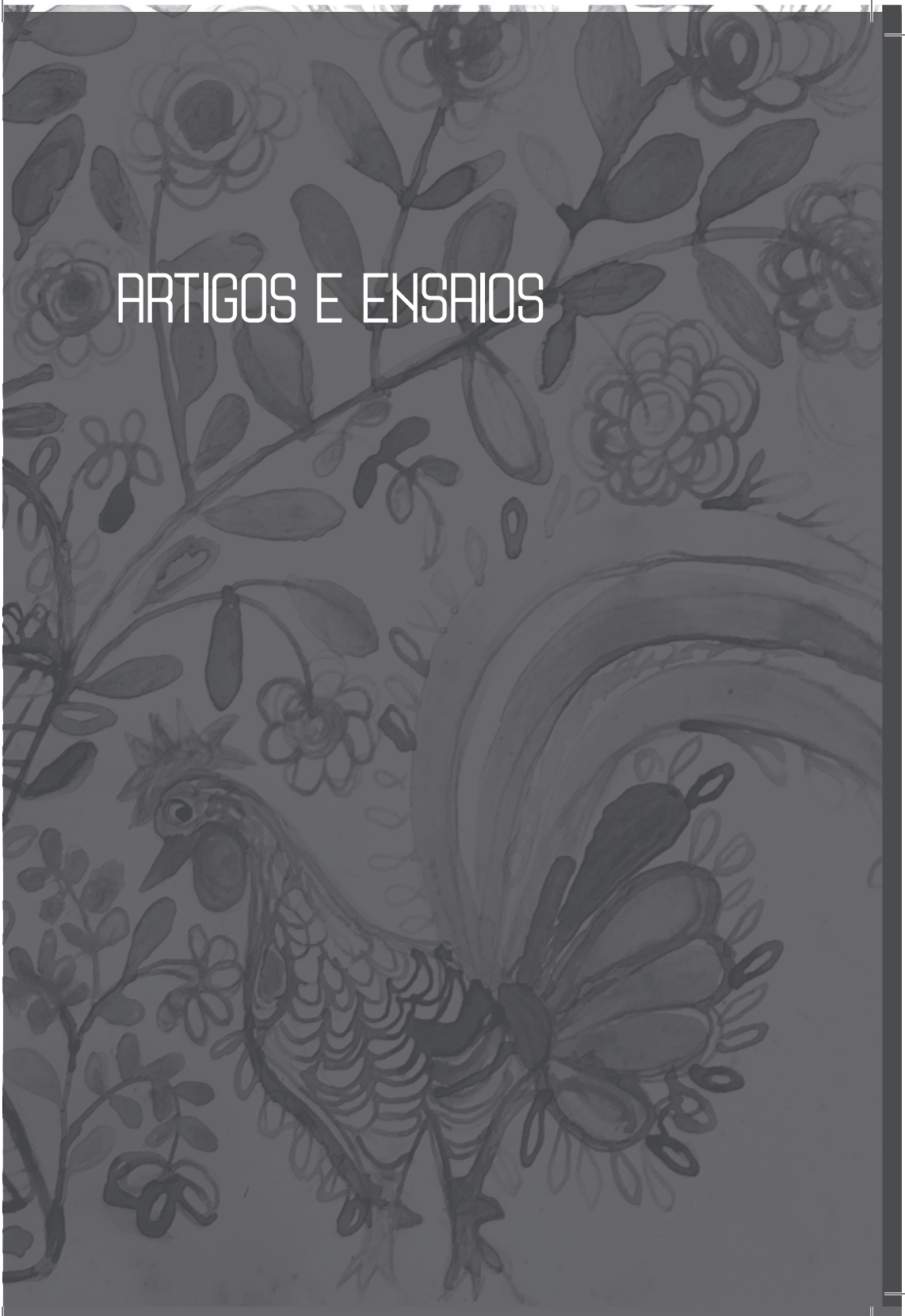
DISCURSOS

Nelson Ferreira Patriota Neto - Lívio Oliveira 167

JUBILEU DE OURO SACERDOTAL DE CÔNEGO JOSÉ MÁRIO DE MEDEIROS - Padre João Medeiros Filho.....182

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DO ACADÊMICO JOSÉ HERMÓGENES - Xisto Tiago de Medeiros Neto.....188

ARTIGOS E ENSAIOS



IVO VIVE A POESIA

Diogenes da Cunha Lima

A poesia é verdadeiramente traduzida quando a linguagem atinge o grau de excelência. Ivo Barroso consagra a tese de que só um grande poeta pode traduzir poesia. Ele traduz a nobreza intelectual de expressão saxônica e neolatina. Rimbaud, André Malraux, Gabriela Mistral, Montale, T. S. Eliot, Shakespeare e Hermann Hesse, entre outros, vestem a pele de Ivo.

A Inteligência Artificial (I.A.) gera traduções por computadores. Nunca será capaz de traduzir emoção. Ainda que toda tradução seja sistêmica, a feita por I.A. será sempre algo insosso. A condição humana é imprescindível. Gaston Bachelard define: "Deve-se reconhecer que a poesia é um compromisso da alma. Nos poemas manifestam-se forças que não passam pelos círculos de um saber".

O poeta Ivo Barroso é um caçador de palavras. Dispara tiros certeiros. Acerta a palavra exata. Tem o domínio das línguas trabalhadas, seus detalhes, do mais despercebido significado até às sonoridades especiais. Apesar de ser um clássico, ele pertence a vanguarda artística. E não descura das novas tecnologias, porque sabe que "O Poeta já não escreve. Sua escrita por mais breve ele digita".

Estimulando vocações intelectuais, notadamente de tradutores de Natal, Ivo Barroso aplaudiu as traduções de Luís Carlos Guimarães e Nelson Patriota. Convidado a participar da Feira de Livros de Frankfurt, pedi a Nelson que traduzisse o meu livro "Flores que Encantam o Brasil", inspirado na beleza das fotografias de minha filha Leila. Encantou-me o trabalho. Nascera uma nova poética. Por justiça, são três os autores do "Charming Flowers of Brazil".

Ivo vive, desde os sete anos, a poesia, com versos *cheios de rios, sois, savanas*. Ele continua jovem, mas faz previsão de um céu dos velhos: "algodões de nuvens doces ou salgadas que se desfazem

no céu da boca, colchões de nimbus que se amoldam à lembrança do corpo, nádegas de cúmulos alimentando a nostalgia do sexo".

Um literato de fama ironizou-me um dia dizendo que eu *dava honra dos altares* a esse meu ícone. Notei a tristeza da inveja e desviei a conversa para Dante Alighieri. Na "Divina Comédia" o castigo dos invejosos era no purgatório, ter as pálpebras costuradas com arame. Certas línguas também devem ser costuradas. Lembro ainda São Tomás de Aquino para quem a inveja é a tristeza pela felicidade dos outros.

Ivo Barroso é um homem feliz por dedicar a sua vida ao que ama, a ser fiel a si mesmo e a viver a poesia em plenitude.

DIOGENES DA CUNHA LIMA é poeta, escritor e advogado, autor de "Os Pássaros da Memória", "Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz" e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

CASCUDO, O HISTORIADOR

Vicente Serejo

"Assim trago minha solidariedade à homenagem que a Assembléia presta ao seu próprio passado..."
Câmara Cascudo

Luís da Câmara Cascudo nasceu e viveu, sobretudo, e mesmo diante de sua obra de polígrafo, como um historiador. O leitor erudito, muito cedo, deu ao seu olhar o bom timbre da história moderna, produzida pelo homem como centro produtor de cultura. E não aquela outra, prisioneira de nomes e fatos. Mesmo quando andou pelos campos do folclore, da etnografia, da sociologia e da antropologia, nunca permitiu que ao homem fosse dado outro papel que não fosse o de usina geradora de idéias e saberes.

Para não recuar a instantes mais remotos de sua bibliografia buscando citar artigos isolados e publicados em revistas do início do século XX, o historiador inaugura-se, formalmente, em meados da década de vinte. A sua vocação de historiador nasce por entre as *Histórias que o Tempo Leva...,* e certamente, estimulado pela força pioneira de Viriato Correia ao mostrar ao Brasil que os fatos históricos, para os eficientes fins pedagógicos, podem ser recriados livres da fronteira da realidade.

A rigor, e basta um olhar sobre sua história intelectual, Cascudo nunca abandonou aqueles núcleos, se podemos chamar assim, nos quais fez o plantio e a colheita dos saberes. Foi, a vida inteira, historiador e biógrafo, ensaísta e prosador, estudioso dos hábitos, costumes e tradições, os esteios da ciência do povo que defendeu antes da crítica universitária impor seus métodos muitas vezes restritivos, ao abrigar ou renegar idéias e percepções discriminadas como simples comentários impressionistas.

O biógrafo de Lopez do Paraguai, Conde D'Eu e do Marquês de Olinda muito cedo é leitor das narrativas dos grandes viajantes. Do conde Ermano Stradelli que estudou e divulgou pioneiramente no Brasil; de Henry Koster, que traduziu ao perceber suas anotações são como um monumento da formação brasileira a partir do Nordeste; a singular introdução aos gases e paliçadas asfixiantes de Nordenskiöld, e as notas indispensáveis à compreensão do príncipe naturalista Maximiliano na sua viagem ao Brasil.

Nos primeiros anos da década de trinta o historiador, mesmo mergulhado na província, parece de espírito preparado, e ousa o salto ao defender duas teses de envergadura nacional: a intencionalidade no descobrimento do Brasil e o marco colonial de Touros como o mais antigo chantado nas terras do Brasil, símbolo de posse e domínio. E apontando, assim, o Rio Grande do Norte, como o primeiro chão pisado no desembarque dos colonizadores portugueses que os historiadores brasileiros ainda omitiam.

Em abril de 1934, escreve ao grande historiador Rodolfo Garcia, considerado o maior do seu tempo, conterrâneo de Ceará Mirim, então diretor da Biblioteca Nacional e membro da Academia Brasileira de Letras. Informa a remessa dos dois ensaios em fins de 1933, como quem ainda espera uma palavra consagradora, para depois pedir acesso à carta de Roulux Baro, traduzida do holandês por Pierre Moreau, com a narrativa de sua visita aos Janduís norte-rio-grandenses, como sucessor de Jacob Rabi.

Os dois ensaios que originalmente circularam em pequenas edições autônomas, impressas aqui e remetidas para historiadores brasileiros em busca de consagração, abririam o pequeno elenco do livro que formalmente pode ser inaugurador de Câmara Cascudo como historiador, em 1940: *Informação de História e Etnografia*. Ao lado de outros ensaios sobre o índio e a consciência da propriedade privada, a tradição do dilúvio na cultura indígena brasileira, superstições meteorológicas e as aves no folclore.

Muito jovem e já professor catedrático de História do Atheneu, percebe a importância dos fatos políticos e administrativos na construção da história de um povo e lança *Governo do Rio Grande do Norte*. É o registro cronológico, anotado e circunstanciado dos governos. Da chegada de Manoel de Mascarenhas Homem, comandante da expedição colonizadora, em dezembro de 1597, a abril de 1939, quando Rafael Fernandes Gurjão reassume e, já como interventor, manda publicar o livro de Cascudo.

O historiador se consagra, definitivamente, com as Histórias de Natal, em 1947, e do Rio Grande Norte, em 1955, ambas incentivadas pelo prefeito e depois governador Silvio Pedroza, e a quem são dedicadas; além das notas para as histórias de Mossoró e Santana do Mattos. Câmara Cascudo, então com mais de sessenta anos, certamente conhecedor do *Ensaio sobre a História Política e Administrativa do Brasil*, de Rodolfo Garcia, um clássico insuperável da Coleção Documentos Brasileiros, também já tinha os olhos voltados para os fatos políticos, administrativos e jurídicos como manifestações essenciais à compreensão do processo histórico de uma sociedade politizada.

A sua *História da República no Rio Grande do Norte*, cobrindo da proclamação até a primeira eleição direta para governador, é um exemplo de suas preocupações. Para justificar o livro, que dedica ao pai, coronel Cascudo, vai buscar em Victor Duruy a jurisprudência das lembranças, mas nem por isso deixa de fixar as circunstâncias humanas daqueles anos de construção do sentimento republicano que teve em Pedro Velho seu líder e proclamador, e, também, a primeira oligarquia política no poder.

Câmara Cascudo, um defensor das duas expressões aparentemente similares - história e estória - para distinguir as narrativas reais ou inventadas, foi também, depois de Silvio Romero, o continuador no Brasil de Teófilo Braga e Adolfo Coelho pesquisando as variantes brasileiras dos contos tradicionais reunidos e estudados pelos dois grandes estudiosos portugueses. Cascudo contou histó-

rias, reuniu e propôs uma nova divisão para a novelística popular de contos colhidos em Portugal e no Brasil.

Mesmo ao estudar os gestos como formas expressivas da comunicação popular e sem palavras, ainda assim, trabalhando a força mnemônica e gestual, considerou ser uma *História dos Nossos Gestos,* como preferiu nomear. Contador de histórias e estórias foi também assim com a Imperatriz Porcina, um dos cinco livros de povo, e nas crônicas e artigos das Actas Diurnas, a coluna diária que publicou nas páginas de A República e depois do Diário de Natal, contando pequenas histórias antigas e novas.

Uma História da Assembléia Legislativa, com esse declarado cuidado de não parecer definitiva, é a primeira tomada de visão grande angular do papel do poder legislador na história política e administrativa do Rio Grande do Norte. Mas, sem intenção de ser única, diante de uma História que continua a cada reunião, impondo novos fatos ao processo histórico. Exemplo fiel do estilo cascudiano, sua narrativa gira em torno da presença humana. De suas iras e afeições, acordos, conflitos e ambições.

Uma História da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte nasceu de um convite do então presidente, deputado Moacir Torres Duarte, formulado em carta de 29 de setembro de 1971 e entregue pessoalmente ao historiador. A 5 de outubro, Cascudo formula, também em carta, a aceitação do convite e solicita ter à disposição da pesquisa os serviços técnicos do diretor do arquivo da Assembléia, à época Raimundo Alves de Souza, para auxiliar na busca de informações, documentos e atas indispensáveis.

Lastreada por grande documentação, com nomes, datas e registros históricos, ainda assim não é uma história morta, exumada dos arquivos. É a segunda e definitiva versão - a primeira e menor foi em 1953 e nunca publicada - de uma história viva e escrita por quem testemunhou a vida política do Rio Grande do Norte, tempo que tem a extensão de quase um século. Dos velhos deputados provinciais ao grito da primeira constituição republicana,

uma história erguida com os olhos de quem já escrevera antes, em 1965, a História da República, como se soprasse vida nos mortos inesquecíveis.

A iniciativa do presidente da Assembléia, deputado Ricardo Mota, reeditando esta *Uma História da Assembléia do Rio Grande do Norte* quarenta anos depois do seu lançamento, também é um sopro mágico de vida sobre os episódios políticos, sociais e administrativos que marcam a história do Poder Legislativo. Uma história de vitórias e derrotas, glórias e fracassos, sonhos e conspirações, resistências e rendições. Com seus heróis e seus loucos, santos e demônios, eis a história como ela foi e sempre será. Eternizada por esse animal político que é o homem, cercado de inquietações, geniais ou comuns, mas humanas. E humanamente compreensíveis. Afinal, a história de uma Assembléia é a própria história da democracia de um povo. Síntese do seu passado e dos seus sentimentos.

Natal, abril de 2012, nos quarenta anos da primeira edição desta história da Assembléia Legislativa.

(*) Prefácio originalmente escrito em abril de 2012, na presidência do então deputado Ricardo Mota, para integrar a segunda edição de Uma História da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, de Câmara Cascudo. O texto, inédito até agora, foi suprimido quando da edição lançada este ano de 2021, na presidência do deputado Ezequiel Ferreira.

VICENTE SEREJO é escritor, jornalista e professor aposentado da UFRN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais. Autor de "Cena Urbana", "Cartas da Redinha" e "Canção da Noite Lilás".

MACHADINHO

Valério Mesquita

Perdemos dia 26 passado, a figura do jornalista potiguar João Batista Machado, aquele rapaz, inquieto e idealista, que deixou a sua querida cidade de Assú, na década de 1960, para realizar seus sonhos em Natal.

Sua vocação se revelou espontaneamente. Foi uma opção de vida. Seu salto para a maturidade, exaurindo prematuramente sua adolescência, ocorreu ao exercitar o jornalismo na Tribuna do Norte. Nos anos 70, jornalista reconhecido e disputado, realizando inesquecíveis reportagens e entrevistas com os grandes homens públicos do Estado, encontrava-se no primeiro time do Diário de Natal. Naqueles tempos, o jornalista, além do compromisso com a verdade e a preservação de sua dignidade profissional, tinha que conviver com os constrangimentos emanados da conjuntura político-institucional. João Batista Machado jamais sucumbiu nos seus valores e nos seus compromissos ético-profissionais.

Câmara Cascudo, comentando em tom jocoso o quotidiano do viver em Natal, dizia que "nesta cidade tudo se vê, tudo se ouve, nada se esconde". O conceito profissional como jornalista digno e competente foi o referencial que levou o governador Tarcisio Maia a convidar João Batista Machado para assumir e exercer em seu governo o cargo de Secretário de Imprensa. Do mesmo modo nos dois governos de José Agripino Maia, de Radir Pereira e Vivaldo Costa. Também exerceu o cargo de Assessor de Imprensa da Federação do Comércio do Rio Grande do Norte e do sistema SESC/SENAC. Foi também Diretor de Comunicação Social do Tribunal de Contas do Estado.

Carlos Castelo Branco, que, através de sua coluna diária no Jornal do Brasil, registrou e analisou a nossa História em 50 anos

do século XX, dizia que o jornalista é, ao mesmo tempo, personagem e espectador da História.

E por falar em Castelinho, o genial jornalista que reinventou o jornalismo político no país com brilho e credibilidade informativa, devo dizer que João Batista Machado também assim procedeu com relação ao Rio Grande do Norte, tanto através de suas reportagens ao longo do tempo como através dos seus livros. E registro, igualmente, a simpatia e apreço que o pequeno grande jornalista piauiense devotava ao seu colega de Assú, amizade construída em Natal em 1982, quando aqui veio em missão profissional, deixando os dois, como não poderia deixar de ser, pelos bares e restaurantes natalenses, a marca registrada do consumo do melhor escocês. Quatro anos depois, Machado precisou retificar uma noticia veiculada na célebre coluna do Castelo no Jornal do Brasil a respeito da política do Rio Grande do Norte. E para merecer uma acolhida in totum, nessa coluna, só quem desfrutasse efetivamente de prestigio político e cultural ou da estima pessoal do renomado jornalista. O nosso João Batista ocupou o espaço que a amizade e a admiração do seu colega lhe permitia na edição do Jornal do Brasil de quarta-feira, 17 de setembro de 1986, através da transcrição de um longo esclarecimento.

Raymond Aron, um dos maiores pensadores do século passado, acrescentava que o jornalista seria sempre um espectador engajado, pela impossibilidade de desnaturar-se, ou seja, abdicar dos seus ideais, dos seus sonhos e dos seus sentimentos. Dizia que a condição humana aflora e explode, incontidamente, no dia a dia do jornalismo.

João Batista Machado fez História. Seus livros, todos eles, preservam a memória política do nosso Estado. Dá-lhe vigor e autenticidade. Assim se sucederam ”De 35 ao AI-5”, ”Política no atacado e no varejo”, “Anotações de um repórter político”, ”Como se fazia governador durante o regime militar”, “1960: Explosão de paixão e ódio” e “Perfil da República no Rio Grande do Norte”.

Da grande dama das letras francesas, Marguerite Yourcennar, ao ser recebida na Academia Francesa, foi-lhe dito que seu ingresso era uma redundância, pois a sua obra, há muito tempo, tornara-a habitante daquela casa secular. A vida profissional e a obra de João Batista Machado, limpo e isento, há muito tempo, tornaram-no membro da Academia Norte-Riograndense de Letras.

Hoje, ele fará falta não apenas ao jornalismo, mas aos órgãos de cultura e a plêiade de amigos e admiradores espalhados por todo o Rio Grande do Norte.

VALÉRIO MESQUITA é escritor e advogado. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Autor de "Notas de Oficio" e vários outros livros

RELEMBRANÇAS

Marcelo Alves Dias de Souza

Esta semana tomamos posse na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Cinco novos acadêmicos. Cerimônia pequena, dada a pandemia, já que os habitantes daquela Casa, embora chamados de "imortais", morrem deveras.

Assentei-me na cadeira 19. E é meu dever – e prazer – homenagear os que, construindo e honrando a Academia, passaram por lá antes de mim. Estes, sim, já idos, mas sempre relembrados, são os verdadeiros imortais.

Começo pelo mestre e patrono da Academia: Luís da Câmara Cascudo (1898-1986). Em 1936, ele foi fundador (cadeira 13) e inspirador da Casa, ali brilhando até o seu encantamento. Tanta coisa para dizer de Cascudo (até porque agora estou lendo o seu "Civilização e cultura", num exemplar da Editora Itatiaia, de 1983, dedicado aos meus pais). Mas apenas parafraseio suas próprias palavras, pescadas da crônica "O provinciano incurável". Cascudo queria "saber a história de todas as cousas do campo e da cidade. Convivências dos humildes, sábios, analfabetos, sabedores dos segredos do Mar das Estrelas, dos morros silenciosos. Assombrações. Mistérios". Jamais abandonou "o caminho que leva ao encantamento do passado. Pesquisas. Indagações. Confidências que hoje não têm preço. Percepção medular da contemporaneidade". "Livros. Cursos. Viagens. Sertão de pedra e Europa", Cascudo era de ouro e luz. E basta!

Ferreira Itajubá, o poeta, é o patrono da cadeira 19. Ele nasceu na Ribeira. O ano não se sabe ao certo. Coisa entre 1875 e 1877. Foi morrer no Rio de Janeiro em 1912. Um menestrel que se alimentava das ruas. Ator e homem de circo. Professor, jornalista e boêmio. Enxergo-o com uma mistura de Edgar Allan Poe e Noel

Rosa, acho que até pela foto mais conhecida do poeta. Os três morreram moços. Mário de Andrade disse: "O Brasil precisa conhecer melhor Ferreira Itajubá". Quem laborou nesse sentido foi o saudoso acadêmico Nílson Patriota, no seu "Itajubá esquecido" (FJA, 1981), biografia que tenho xeretado estes dias. As "poesias completas" de Itajubá, reeditadas, são coisa de poeta maior.

O professor Clementino Câmara foi o fundador da cadeira 19. Sobre ele, registra Leide Câmara, em "Memória Acadêmica" (IFRN, 2017), que "nasceu na Praia da Pipa, Tibau do Sul, atualmente Goianinha (RN), em 17 de janeiro de 1888, e faleceu em Natal (RN), no dia 18 de setembro de 1954, aos 66 anos". Foi acadêmico de 1936 a 1954. Líder maçônico, casou-se com uma sobrinha de Itajubá. Clementino cursou direito sem terminar. Foi ser jornalista e professor. Escreveu bastante, em especial sobre a língua portuguesa e história. Clementino foi um dos nossos mais cultos educadores.

Já Nilo Pereira (1909-1992), potiguar de Ceará-Mirim, pernambucano por adoção (onde se fez deputado, secretário de estado e professor da Faculdade de Filosofia do Recife), foi o primeiro sucessor da cadeira 19 da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Ficou lá de 1955 a 1992. Ouvi falar de Nilo Pereira, ainda menino, por causos contados por Aluízio Alves, que era meu tio por parte de mãe. Nilo Pereira era bacharel em direito. Foi professor, historiador, ensaísta e jornalista. Foi da Academia Pernambucana de Letras. Pelo conjunto da sua obra, que é enorme, ganhou o Machado de Assis, da Academia Brasileira, principal prêmio literário do país. Potiguares, acredito, só ele e Cascudo tiveram essa honra. Foi genial.

O último ocupante da cadeira 19 foi Murilo Melo Filho (1928-2020). Assentou-se em 1992. De Natal, ele "estagiou" nos jornais da sua terra. Foi moço fazer a vida no Rio de Janeiro. Foi jornalista badalado, trabalhando para o grupo Bloch/Manchete. Andou por Brasília e percorreu o mundo acompanhando Presiden-

tes da República. Foi da Academia Brasileira de Letras (de 1999 a 2020). Fez e escreveu história, sobretudo política. Destaco "Testemunho político" (Bloch, 1997) e "Tempo diferente" (Topbooks, 2005), que possuo com dedicatória extensiva a mim. Murilinho foi o único dos aqui relembrados que conheci pessoalmente.

De minha parte, rendendo estas homenagens, espero um dia podermos confraternizar todos juntos. Celebrar mesmo. Com muita luz. Como prega a divisa da Casa: "*Ad lucem versus*". Os imortais, em espírito. Os vivos, devidamente vacinados. Até porque, mesmo depois da posse, sendo propositalmente repetitivo, continuo morrendo de medo de morrer.

MARCELO ALVES DIAS DE SOUZA é escritor e Procurador Regional da República. Doutor em Direito (PhD in Law) pelo King's College London – KCL Autor de "Ensaios ingleses" e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

AUGUSTO SEVERO, O POLÍTICO

Armando Holanda.

"Sidera vincere conatus vincit mortem.Tendo se esforçado para vencer os astros, venceu a morte"(ALMINO AFONSO).

AUGUSTO SEVERO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO nasceu em Macaíba, em 11 de janeiro de 1864, e faleceu em Paris, no dia 12 de maio de 1902, aos trinta e oito anos de idade.

Na obra **AUGUSTO SEVERO**, **Um Pioneiro na Conquista do Espaço** (Sebo Vermelho, 2004), com prefácio de **AUGUSTO MARANHÃO**, o historiador **FERNANDO HIPPÓLYTO DA COSTA** consagrou-se como o mais destacado biógrafo de **AUGUSTO SEVERO**.

O autor registra que o biografado era um ser polivalente: atleta (nadador), declamador, cantor, poeta, guarda-livros, pequeno empresário, orador abolicionista, professor de matemática, vice-diretor de colégio, estudante de engenharia, projetista, inventor e **aeronauta pioneiro na conquista do espaço**.

AUGUSTO SEVERO, integrante da **FAMÍLIA ALBUQUERQUE MARANHÃO,** participou, enquanto Deputado Estadual, do Congresso do Estado do Rio Grande do Norte – 4 da República, ocupando o cargo de 1º Secretário da Assembleia Constituinte. Esse Congresso, composto por vinte e quatro Deputados Estaduais, foi eleito em 31 de janeiro de 1892, e instalou-se no dia 20 de fevereiro. No dia 22 de fevereiro, elegeu **PEDRO VELHO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO** Governador do Estado. A

princípio, funcionou como Congresso Constituinte, reformando a Constituição de 21 de julho de 1891. A nova Constituição foi promulgada em 07 de abril de 1892.

De 1891-1893, 1894-1896, 1897-1899 e 1900-1902, **AUGUSTO SEVERO** exerceu mandatos de Deputado Federal. **FERNANDO HIPPÓLYTO DA COSTA** (ob.cit, pág.27) ressalta que **AUGUSTO SEVERO** defendeu, na condição de Deputado Federal, projetos de interesse da Marinha de Guerra, dela granjeando bastante admiração. O relógio, que portava, quando ocorreu o acidente do balão **PAX** e seu imediato falecimento, tinha a seguinte inscrição no seu interior: **"GRATIDÃO DA MESTRANÇA E OPERÁRIOS DO ARSENAL DE MARINHA DA CAPITAL. 1º de janeiro de 1895". AUGUSTO SEVERO** era conhecido como o **"ALMIRANTE DO CONGRESSO"**.

Consultando-se o Centro de Documentação e Informação da Câmara dos Deputados, lê-se que **AUGUSTO SEVERO** relatou os orçamentos da Marinha de Guerra nos anos de 1895,1896,1897,1898,1899 e 1900.

AUGUSTO SEVERO foi o autor do Projeto de nº 112/1901, de 27 de julho de 1901, transformado na Lei de 24 de outubro de 1901, que possibilitou a concessão de um crédito de **cem contos de réis,** para que **ALBERTO SANTOS DUMONT** desse sequência aos seus inventos.

A redação do projeto, sob comento, tinha a seguinte redação:

"O Congresso Nacional decreta: Art. 1º - Fica o Governo autorizado a abrir o crédito de 100.000$000 (cem contos de réis) ao Ministério da Viação com o fim de ser esta quantia entregue ao Sr. ALBERTO SANTOS DUMONT, como prêmio, pelo resultado de sua experiência de um balão-dirigível, feita em Paris a 13 do corrente. Sala das Sessões, 17 de julho de 1901. Deputado AUGUSTO SEVERO".

O episódio, que não pode nem deve ser omitido da vida do Deputado Federal **AUGUSTO SEVERO,**

> **" e que está registrado no livro "Vida e Obra de Machado de Assis", de autoria de Magalhães Ramos, nas páginas 59,134 e 167 do volume 4, vem demonstrar o papel preponderante do deputado norte-rio-grandense na instalação e concessão, pelo Governo, de sede própria para a Academia Brasileira de Letras. Dizem o seguinte os textos em questão: "Trata-se, porém, de uma contagem de votos, e escrever-se-á então ao Rio Branco, para o preenchimento daquela formalidade. Na primeira vaga foi eleito o João Ribeiro, cuja solene entrada está marcada para o dia 30 de novembro; respondendo-lhe o José Veríssimo. A nossa principal questão é a casa. Falava a seguir num projeto apresentado a 1º de julho de 1898, autorizando o Governo a alojar a Academia num dos seus edifícios e a conceder-lhe outros favores. O projeto era atribuído por Machado ao deputado Eduardo Ramos. Mas este não o apresentara sozinho. Foram muitos os signatários, sendo o primeiro deles o deputado Augusto Severo de Albuquerque Maranhão, do Rio Grande do Norte e futuro aeronauta. ..." (Na correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo, à página 154, escreve aquele sobre a tramitação do projeto em questão, em capítulo intitulado "Um Postulante irresistível". Já na página 134, do livro acima, lê-se o seguinte: "Embora muito se tenha falado num "proje-**

to Eduardo Ramos" – a começar pelo próprio Machado de Assis, a rigor este era o "projeto de Augusto Severo", pois foi este deputado pelo Rio Grande do Norte o primeiro de seus vinte e oito signatários. Foi o projeto nº 1 da sessão legislativa de 1898 e tinha a seguinte redação: - ["Artigo 1º - é oficialmente reconhecida a Academia Brasileira de Letras, fundada na Capital da República para a cultura e desenvolvimento da literatura nacional. Artigo 2º - A Academia reger-se-á pelos seus Estatutos. Parágrafo 1º - Fica o Governo autorizado a dar-lhe permanente instalação em prédio público de que possa dispor. Parágrafo 2º - A Academia goza de franquia postal. Parágrafo 3º - São impressas na Imprensa Oficial as publicações oficiais da Academia e as obras de escritores brasileiros que ela houver reconhecido de grande valor. Rio de Janeiro, 1º de julho de 1898. Assinam: Augusto Severo, Tavares de Lyra, Guedelha Mourão, Verne de Abreu, N. Tolentino dos Santos, Anísio de Abreu, Olímpio de Campos, Rodrigues Dória, Luís Domingues, Castro Rebelo, Araújo Góes, Arroxelas Galvão, Eduardo Ramos, Martins Júnior, Lauro Sodré, A. Pinto da Rocha, Leôncio Corrêa, Ignácio Tosta, Francisco Gurgel, João Neiva, Rodolpho Miranda, Galeão Carvalhal, Torquato Moreira, Aristides de Queiroz, Júlio de Melo, Francisco de Paula Mayrink, Paula Guimarães e Angelo Melo..."] Já na página 167, pode-se ler o seguinte. "A 18 de junho de 1902, cumpria Machado, como

Presidente da Academia, um dever de gratidão, comparecendo às solenes exéquias de Augusto Severo...". (MAGALHÃES RAMOS,Vida e Obra de Machado de Assis, pág. 167, vol. IV).

Ao falecer, **AUGUSTO SEVERO** era Deputado Federal licenciado, tendo sido sepultado no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro, no dia 18 de junho de 1902, no mausoléu edificado com doações da mestrança e dos operários da Marinha de Guerra.

No monumento, lê-se a inscrição, ditada por **ALMINO AFONSO**: **"SIDERA VINCERE CONATUS VINCIT MORTEM" (Tendo se esforçado para vencer os astros, venceu a morte)".**

Em Paris, no dia 10 de agosto de 1913, foi inaugurada uma placa na avenida du Maine, 79, com a seguinte inscrição em francês: **"Ici sont morts, victimes de la science, SEVERO, aeronaute bresilien et son mecanicien le français SACHET. Chute du dirigeable PAX. Le 12 mai 1902"**. Em português: **"Aqui morreram, vítimas da ciência, SEVERO, aeronauta brasileiro e seu mecânico, o francês SACHET. Queda do dirigível PAX em 12 de maio de 1902".**

Eis **AUGUSTO SEVERO**, o político.

BIBLIOGRAFIA:

- ANAIS DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO NORTE

- AUGUSTO FERNANDES

O pioneiro esquecido, Editora Mousinho Artefatos de Papel, Recife, 1965.

- AUGUSTO SEVERO NETO

A outra face de Severo, Nossa Editora, Natal.

- CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS

- FERNANDO HIPPÓLITO DA COSTA.

Augusto Severo – Um pioneiro na conquista do espaço, Instituto Pró-Memória de Macaíba – Coleção Macaibense, Macaíba, 2004.

- MAGALHÃES RAMOS

Vida e obra de Machado de Assis, vol. IV, Rio de Janeiro.

ARMANDO HOLANDA é advogado, membro da Academia de Letras Jurídicas do Rio Grande do Norte e da Academia Norte-rio-grandense de Letras, dentre outras instituições culturais.

1871 - 2021
TONHECA DANTAS
CARNAÚBA DOS DANTAS - RN
150
ANOS

TONHECA DANTAS - MAESTRO DOS SERTÕES

Carlos Roberto de Miranda Gomes

A imortalidade consiste em rememorar as pessoas e os seus feitos através dos tempos.

Neste dia 13 de junho temos a honra de comemorar uma dessas figuras - o extraordinário músico e compositor TONHECA DANTAS, da Cidade da Música, onde nasceu há 150 anos (1871), no sítio Carnaúba de Baixo (Carnaúba dos Dantas-RN). Na realidade, **Antônio Pedro Dantas,** foi o 5º filho do segundo matrimônio do viúvo Tenente-Coronel da Guarda Nacional João José Dantas, com a escrava alforriada Vicência Maria do Espírito Santo, de um total de oito filhos: Pedro Carlos de Maria, José Venâncio de Maria, João Pedro Dantas, Manoel Nicolau Dantas, Antônio Pedro Dantas, Francisca Urçulina da Conceição, Maria Clara do Monte-Falco e Luís Felipe Dantas.

A cidade é parte do território sagrado do Seridó, onde habitaram os indígenas das tribos Janduís, Canindés e Pegas.

Apesar da paisagem sofrida da geografia sertaneja, cercania do riacho de Carnaúbas, as crianças sobreviviam livres, com pouca coisa a fazer, sobrando tempo para despertar a atenção para a música. Tonheca foi atraído pelos seus irmãos mais velhos, participando da banda da sua cidade, sob o comando de José Venâncio de Maria, costume que vem sendo conservado ao longo do tempo.

Na sequência dos seus estudos, destacou-se entre os demais executantes das partituras musicais, desde cedo enveredando na criação das suas próprias obras, inspiradas nas emoções da natureza e do relacionamento humano que nunca faltaram nos rincões da vida campesina.

Mesmo sem formação superior no estudo da música, pela sua perseverança, torna-se um autodidata da pauta, despertando

a atenção dos conterrâneos e adquirindo uma fama no nordeste, transcendendo para o resto do país e reconhecido no mundo da música universal.

Não sou pessoa conhecedora das profundezas da vida desse formidável Maestro, posto que outros dela já se ocuparam e jogaram para mundo os seus feitos e a sua história. Resta-me, então, **desenhar alguns fatos marcantes de uma vida de sacrifício e sucessos.**

Deixou o seu torrão natal e a paisagem das plantas arbustivas, dos cardeiros e das copas verdes dos juazeiros divididas com as silhuetas íngremes de pedregosas serras e serrotes nos idos de 1898 **e veio para a Capital em busca de emprego.**

Com o beneplácito político procura engajamento na Banda de Música do Batalhão de Segurança. Ao mesmo tempo outro protegido político, João Mamede, oriundo de Acari, já tradicional no campo da música, procurava a mesma oportunidade, forçando a realização de um concurso. Aqui vem o **primeiro fato singular**: *o concorrente é chamado a executar uma peça e escolhe o trombone. Na vez de Tonheca lhe é entregue partitura diferente e indagado qual o instrumento será executada a peça, tendo o mesmo respondido que era indiferente, causando espanto. Após os ajustes das palhetas inicia a sua prova através dos instrumentos ao seu dispor: sax-tenor, trompete, flauta e outros. Quando pegou o bombardino, a Comissão mandou parar. Em 30 de maio de 1898* ***foi contratado****.*

O contrato seria de três anos, mas antes de completar um ano deixou o posto e no raiar do novo século **resolveu ir para o Rio de Janeiro**. Para isso viajou até o porto de Cabedelo, PB, procurando transporte para o sul. Contudo, ao ver dois navios com destinos diferentes – sul e norte - **mudou de rumo** e foi para o norte, precisamente **Belém, Estado do Pará**.

Ainda sem definição de vida, certo dia ao passar por uma rua da cidade assistiu momentos de uma festa, onde tocava a Banda de Música da Polícia Militar, o que o atraiu. Ali, num intervalo

em que os músicos foram fazer um lanche, acercou-se dos instrumentos e não resistiu em arriscar alguns acordes. Logo retornam os músicos e ele se afasta, sem saber que o Mestre da Banda havia observado a sua atitude e que o chamou à sua presença. Encabulado, confessa que usou o clarinete. Na mesma ocasião um jovem da casa da festa o convida para comparecer ao seu escritório no dia seguinte para uma conversa sobre trabalho e lhe adianta uma nota de 100 mil réis. O encontro era com o Doutor Sílvio Chermont que lhe encomendou uma valsa para presentear a sua noiva no dia do aniversário – eis o **segundo fato singular**.

Após algum tempo concluiu a peça e a entregou para o Mestre da Banda de Música da Polícia Militar que a aprovou. No dia da festa (1903), o dono da casa pede que Tonheca seja o regente, na condição de autor da música e ele o faz com raro brilho. [Tonheca manteve com ele uma cópia, mesmo sem divulgá-la]. Essa música foi o embrião de Royal Cinema, que surgiria para o público de Natal, dez anos depois.

Por sugestão de um conterrâneo que o encontrou em Belém, foi tentar ingresso na Banda de Música do Corpo de Bombeiros de Belém. Aqui o **terceiro episódio singular:** *Submeteu-se a novo concurso e no dia da prova todos pararam para ouvir a sua execução. O Mestre entregou-lhe uma página de música – um dobrado espanhol, tocado em solo de clarinete e na regência, o Mestre procurou dar comandos complexos para ver a habilidade do potiguar e Tonheca não teve problemas. O Mestre interrompeu a prova e o examinado pensou no pior. Engano, o Mestre declarou – você está aprovado e todos o cumprimentaram, pois sabiam das dificuldades que foram colocadas e a sua superação*. Ficou agregado de 15 de junho de 1903 até 18 de março de 1909, quando foi excluído pelo término do tempo e retorna ao nordeste. Já então começava a ter problemas familiares.

Em 25/8/1910 pleiteou reingresso na Banda do Batalhão de Segurança de Natal e conseguiu contrato por três anos como músico de 1ª classe, mas foi excluído em 22/10, passando apenas 90 dias.

Diante disso procura serviço no Estado da Paraíba (Alagoa Grande) para as tarefas de ensino de música e tocar em festas, passando a viver de forma instável, com idas e vindas a Natal, com passagem por João Pessoa e Alagoa Nova.

Retornou a Natal em 1911 porquanto a cidade havia progredido mercê da grande administração do Governador Alberto Maranhão já dotada de bonde elétrico e energia, abertura de novas ruas, além de haver incentivado o teatro e a música. Nesse ínterim viveu novos momentos familiares difíceis, sempre contornados com dificuldade.

Foi nessa época que entramos na era do cinema mudo, inaugurando-se o Internacional para o qual passou a tocar permanentemente (1911), em seguida o Polytheama de João Gurgel e José Petronilo de Paiva.

Em 1912 fez breve retorno a Belém para resolver problemas familiares, logo regressando a Natal onde ocupou lugar de professor de música da Escola Normal em 1913. Neste mesmo ano novos cinemas são inaugurados, o Pathé e em seguida o Royal Cinema, oportunidade em que o proprietário José Petronilo encomendou uma música para servir de prefixo daquela Casa de exibição de filmes. Tonheca tirou da gaveta onde guardava suas composições exatamente aquela feita em Belém em 1903, pediu a uma aluna Maria Aparecida de Carvalho (depois Ferreira) para experimentar a versão para piano, entregando-a, posteriormente, ao proprietário do cinema e encaminhando-a à publicação, em junho de 1914, pela Casa Bevilacqua do Rio de Janeiro, juntamente com outra composição denominada Boas Festas. **Conta-se, então o centenário da valsa Royal Cinema a partir da sua execução pública em 1913.**

A esse tempo a música cresceu na apreciação da população e foram realizadas retretas nos coretos das Praças Augusto Severo e André de Albuquerque.

No ano de 1915 foi convidado para dirigir a Filarmônica de Santana do Matos, do Cel. Carvalho. Contudo, novos problemas

familiares desestabilizam a sua vida. Mesmo assim, conseguiu emprego mais seguro quando foi criada a Guarda da Mesa de Rendas, de onde se tornou funcionário a partir de 1917, dividindo seu tempo com a Filarmônica, época em que muito produziu no campo da composição de peças musicais, principalmente com as comemorações do centenário da independência (1922).

Em 1926 foi transferido para Açu provocando a sua procura, mais uma vez, pelo Estado da Paraíba, onde volta a Alagoa Grande e torna-se maestro da Banda do Batalhão de Segurança da Polícia Militar de João Pessoa, pelo período de 1927 a 1931.

Numa passagem pelo Estado de Pernambuco acontece o **quarto fato singular:** *Tonheca passava por determinado local e ali uma banda tocava a sua peça Royal Cinema, mas de forma deturpada. Intervém e toma a regência da banda dando a indicação exata da execução sob as indagações dos músicos que o interpelam. Ele então esclarece – sou o autor da música e estou ensinando como realmente ela deve ser tocada.*

Retorna a Natal e logo procura os seus velhos amigos de caserna. Mesmo sem ter mais a idade para a vida militar na corporação, pois dificilmente passaria no exame médico, foi aconselhado pelos amigos que fizesse um agrado ao Comandante Sandoval Cavalcanti, o presenteando com uma música em homenagem à sua esposa, D. Lydia Cavalcanti.

Aqui o registro do quinto episódio marcante: Cumpre a tarefa e seus amigos da Banda de Música ensaiam as partituras. O Comandante ao ingressar em seu gabinete encontrou o presente e pediu a opinião do Mestre da Banda que *fez uma apresentação, com a presença do compositor. O resultado foi plenamente satisfatório e muito elogiado.* O Comandante então lhe pergunta onde ele estava trabalhando e a resposta foi que estava desempregado. Pois deixou de estar! Retornou aos quadros da Polícia Militar, embora sendo liberado de coisas de maior esforço, nela permanecendo até o final de sua existência. Adoece em 1939 e ficou sob os cuidados do Dr.

Feijó de Melo e aos 69 anos falece, no final da tarde do dia 7 de fevereiro de 1940 (uma quarta-feira de cinzas), sendo o seu velório e sepultamento custeados pela Polícia Militar e sendo registrado em boletim o seu desligamento no dia 8, em razão do óbito, passando para a história como o Maestro dos Sertões.

Nunca deixou de ser reverenciado, tendo o seu nome colocado em rua desta Capital e criada uma sala especial no Teatro Alberto Maranhão, além de tornar-se Patrono da Cadeira 33 da Academia de Letras Maior do Estado a partir da reforma estatutária de abril de 1967, sendo escolhido para ocupá-la o também maestro Oswaldo de Souza, que tomou posse no dia 22/8/1968, com a presença da Banda de Música da Polícia Militar, fato que se repetiu na minha posse em 12/6/2015. Seu acervo foi resguardado pelos seus filhos Antônia Dantas da Silva e Antônio Pedro Dantas Filho.

Sua obra autoral é vasta, calculada pelos seus biógrafos como **superior a 1000** peças musicais até hoje executadas pelas bandas filarmônicas do Brasil e de além mar, com destaque especial para a Valsa Royal Cinema, que ressoou pelas ondas da Rádio BBC de Londres, durante a Segunda Guerra Mundial, até certo tempo executada como sendo de "autor desconhecido".

Ressalte-se o ecletismo dos gêneros de suas composições, contabilizando-se valsas, dobrados, hinos, polcas, maxixes, mazurcas, sambas, choros, xotes e marchas, mas igualmente transitou por outros gêneros musicais orquestrados. Muitas das suas composições levam nomes de pessoas, aves, sentimentos, lugares e de festas tradicionais.

Destacam-se, pela excelência das composições, além de Royal Cinema, outras obras: O Cisne, Valsa Delírio, Melodia do Bosque, Valsa A Desfolhar Saudades, a marcha solene Republicana, o dobrado Tenente José Paulino, as valsas Ana Dantas e Boas Festas, que ganharam notoriedade.

A par disso, o Rio Grande do Norte vem prestando-lhe homenagens, como o Projeto memória dos 100 anos da Valsa Royal

Cinema (2013), através da gravação de dois CD´s pela Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte, sendo um com treze músicas e o outro com documentos, fotografias e partituras e um e-book "A Desfolhar Saudades" – uma biografia, tudo partido da iniciativa do escritor Cláudio Galvão, a quem rendemos homenagens. Agora, um seleto grupo de admiradores programaram nova homenagem no seu sesquicentenário, com uma vasta programação em sua terra-mãe, e online (Youtube da Filarmônica Onze de Dezembro), que começa com a solenidade de abertura e participação da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte, lançamento do Selo Tonheca Dantas, nova edição do livro de Cláudio Galvão "A desfolhar saudades", e de outro livro sobre a história da composição de Royal Cinema, outorga de medalhas com o seu nome, entrega de Bottons, inauguração de uma escultura do Maestro dos Sertões, uma Alvorada Festiva no dia do seu aniversário e, afinal, Concerto de Encerramento com a Filarmônica Onze de Dezembro. Ao mesmo tempo. A Academia Norte-riograndense de Letras participa das homenagens com a edição de um CD com as músicas do homenageado, inclusive com Royal Cinema, cantada pela artista lírica pernambucana Ângela Rios (Ângela Maria - Ângela Maria Bezerra do Nascimento), dentro de um Projeto de Leide Câmara. O Conselho de Cultura do Estado, também, fará uma sessão especial, online, sob o comando de Iaperi Araújo.

Não pretendo cansar os leitores, pois sobre esse sertanejo genial, além de Cláudio Galvão, outros escritores se debruçaram na bela e sofrida história, como é o caso da escritora Leide Câmara, membro da ANRL, que em seu Dicionário da Música do Rio Grande do Norte e livro Memória Acadêmica, pontifica a trajetória do brilhante músico e dá conta da sua habilidade nos domínios de vários instrumentos de sopro e de corda, bem assim nomina as suas mais consagradas composições, indicando datas, além da discografia até o início deste milênio.

Do mesmo modo figura como verbete no Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira ressaltando Antônio Pedro Dantas

na condição de compositor, flautista, trompetista, saxofonista, violonista, clarinetista. Aprendeu elementos básicos de teoria musical com o irmão José Venâncio e com seu primo Felinto Lúcio Dantas.

Não posso omitir alguns registros de opiniões externadas sobre o seu valor com os pronunciamentos coletados e em seguida transcritos:

"A obra de Tonheca corria (e ainda corre) o risco de ficar no ostracismo, pois embora tenha sido um autor de renome nacional e uma referência para a música do Rio Grande do Norte, todo esse material encontra-se disponível apenas no acervo de poucos grupos e admiradores, com uma quantidade pequena de registros se comparada à grandeza de seu legado". (**Cláudio Machado** - Produtor Cultural da Cooperativa da Música Potiguar).

"Tonheca Dantas foi um sertanejo genial que, com os poucos recursos que dispunha para aprender música, alcançou um elevado nível de conhecimento técnico que, aliado a sua sensibilidade e criatividade, o levaram a mais elevada posição entre os músicos do Rio Grande do Norte, com uma popularidade que se estendeu pelo Nordeste e pelo restante do país. Não seria arriscado afirmar que ainda hoje este posto pertence a ele". Ainda: "sua melodia expressiva e cativante caiu logo no gosto do povo, invadindo bem cedo os saraus familiares através da sua partitura para piano" e foi assim que a valsa Royal Cinema tornou-se popular nos mais diversos ambientes, sendo tocada desde os pianos das famílias aos salões de bailes populares ou aristocráticos". (**Cláudio Galvão**, escritor).

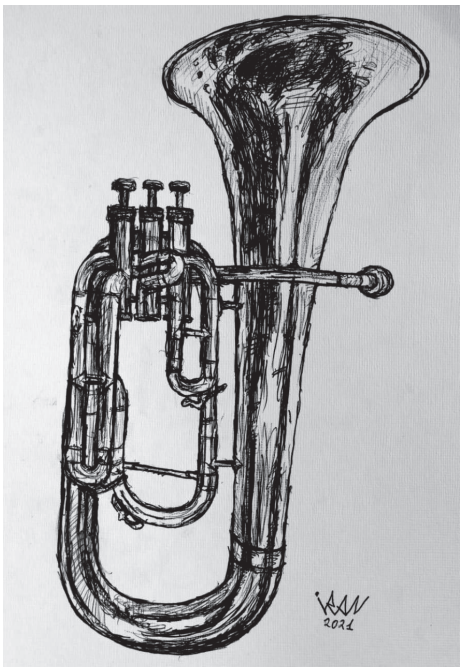
"Conhecia apenas a Royal Cinema da obra dele. Nesse projeto a obra de Tonheca está sendo arranjada para orquestra e isso dará uma nova roupagem, diferente do que as pessoas estão acostumadas a ouvir na música dele. A ideia de trabalhar a música de Tonheca Dantas é parte do trabalho que quero fazer de resgate da nossa imagem, nossa identidade. É importante que as gerações futuras conheçam a nossa história, a nossa tradição. Saibam quem foi Tonheca Dantas e qual foi a contribuição dele no âmbito musical do RN". (**Dr. Linus Lerner** - Maestro da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte).

"Um homem à frente do seu tempo, um autodidata, homem simples do interior do nosso Rio Grande do Norte, que foi capaz de elaborar músicas com muita qualidade". (**Eduardo Vila**, que é diretor do Grupo Vila/Morada da Paz, empresa que investiu no projeto via Lei de Incentivo à Cultura Djalma Maranhão, do Município de Natal).

O ex-prefeito de Natal, **Djalma Maranhão**, de saudosa memória, costumava chamar Tonheca Dantas de "Strauss Papa-Jerimum".

Termino esta minha saudação ao imortal MAESTRO com a expressão de **Antoine de Saint Exupéry**: **"*Aqueles que passam por nós/ não vão sós/Deixam um pouco de si/ e levam um muito de nós.*"**

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES é escritor, advogado e professor aposentado da UFRN. Membro Honorário Vitalício da OAB/RN, Professor Emérito da UFRN, Membro da ANRL, ALEJUR, AML, IHGRN e UBE-RN.



Desenho de Francisco Iran. Fotos de Evaldo Gomes.

TERRA, VIDA, OBRA E MORTE DE UM MÚSICO

Aluízio Alves

CARNAÚBA é um pequeno povoado do município de Acari. Distendem-se numa planície extensa, olhos eternamente voltados para o Morro do Cruzeiro, numa atitude estática de fé e numa homenagem reverente de devoção à capelinha e a Cruz fincada na crista da elevação sertaneja.

Conheci-o, assim, numa manhã de sol esplêndido que banhava os telhados chatos das casas humildes, invadindo-as num esbanjamento de luz.

Antes, porém, já conhecia a terra e a gente através dos pistões altissonantes, dos clarinetes ágeis, das trompas afinados, dos saxofones sonoros que ali encontravam os melhores executores, berço ignorado de músicos famosos, que saindo da terra pareciam trazer nos seus instrumentos as modulações dos pássaros sertanejos.

ANTÔNIO PEDRO DANTAS TONHECA, professor de emoção e de arte, a nascer no Rio Grande do Norte, só deveria mesmo nascer em Carnaúba. A terra parece esconder um segredo, uma intuição misteriosa e única para os filhos. Umas, dão poetas. Outras jornalistas. Algumas, juristas. Carnaúba, perdido no sertão seridoense, venido diante da altivez do morro altaneiro, concede aos que nascem sob o seu céu amoroso e límpido, o mistério das harmonias, sugestão dos ouvidos e encantamento das almas.

Escondida numa choupana pobre, nascia em 1871, mal saído o sol, uma criança morena-clara, olhos castanhos, cabelos escassos sorrindo para a Vida enquanto ela não lhe mostrava a amargura das lágrimas.

Esse menino, nascido à hora em que acordavam os passarinhos, cresceu, ficou homem e foi Tonheca, simplesmente Tonheca, guardando na existência humilde, a eternidade daquela hora porque

sempre ela se repetiu nas criações imortais de sua alma de artista.

Quantos dramas, porém, não se desenrolariam no palco intimo de sua vida simples, ignorados por todos, longe de conhecer as privações, as canseiras morais, as alegrias, as glórias, as desilusões, misturadas, instante a instante numa continuidade desconcertante e trágica!

A obra é reflexo da Vida. E a obra de Tonheca, tão farta que é difícil identifica-la, transmite-nos todas estas impressões especialmente agora que a Morte cerrou os seus olhos para abri-los do outro lado da Vida.

Ele experimentou, quando na mocidade, toda a inquietação dos grandes espíritos. Percorreu vários Estados. Foi regente da banda da Força Pública do Pará, do Regimento Policial da Paraíba, e no princípio deste século, dirigiu a banda da Força Policial do nosso Estado.

Compositor exímio e fecundo, deixou espalhada uma infinidade de composições, fazendo parte de várias companhias líricas, em obediência ao seu destino que a pobreza nunca permitiu certo e definitivo.

Além disto, regeu diversas bandas de música no interior, ensinando-lhes os primeiros acordes, ensaiando-as para a Vida quieta, provincial.

Nenhum compositor norte-rio-grandense, no desempenho de tão relevante função social, pode até agora, supera-lo em número e em beleza de composições. A Escola Normal da cidade deve guardar ainda 240 trabalhos de sua autoria, apresentados quando de um concurso na cadeira de música daquele estabelecimento.

Muitas venceram as nossas fronteiras. “Royal Cinema” e “Delírio” tocam-se, hoje, como já foram tocadas na Alemanha.

Outras, igualmente bonitas, poderiam citar, “Melodia do Bosque” é uma fantasia composta num jardim público, ao lado de uma igreja. Traduz todo o encanto da paisagem, movimentada pelo valor humano, com as pessoas que buscavam o templo na ân-

sia incontida da prece. Destaca o trinado das aves madrugadoras, formando, em tudo, emoções contínuas e inesquecíveis.

Obrigada quase toda a solo de clarinete, tem uma cada (final) dificílima, exigindo agilidade extrema. Executada pelo autor era uma joia maravilhosa de sentimento, de arte e de música. "Boas festas" é uma grande valsa, composta nas alegrias de um Natal festivo, mas com a lembrança acentuadamente triste de um Natal pobre, sem brinquedos e sem conforto.

E, então, em "Delírio" e "Royal Cinema", Tonheca atingiu distâncias raras e obstinadas. Esta é a peça consagradora do seu nome, evocando em acordes sonoros toda a tristeza da nossa raça, o farfalhar dos nossos arvoredos, a tragédia das nossas terras, valsa cheia de gemidos, de suspiros, de realidade e de vida.

Em todas elas, está a marca inconfundível do autor, glória que pede glorificadores, nome obscuro que pede palmas e implora bênçãos.

ANTÔNIO PEDRO DANTAS TONHECA, nascido em 1871, passou ao anonimato da morte a 7 de fevereiro de 1940, com 68 anos de idade.

Casou duas vezes, deixando desses matrimônios onze filhos, um dos quais, por curiosa coincidência, é músico da Força Policial e tem o nome do Pai.

Na sua terra, que mais lhe devia foi funcionário do Tesouro, regente da banda do antigo Batalhão de Segurança, e por fim *soldado-músico*, sem patentes, senão as dos aplausos públicos ao seu grande talento.

Vida, assim, tão simples, sem história e sem renome, teria de ser vida pobre, de quase penúria, sem o descanso justificável pela saúde precária e pela velhice impiedosa. Nunca passaria, pela uniformidade dos seus detalhes, de simples caminhada para Morte calma e silenciosa.

Dias antes de fechar os olhos no sono derradeiro, vi Tonheca, metido numa velha farda policial, olhos quase apagados, corpo inclinado para o chão como se não pudesse mais com o peso da vida.

Fazia marcha diária que todos nós fazemos para o nosso calvário, silencioso, triste, mas com a certeza de ter deixado o nome imortalizado por um imperativo de arte, de coração e de inteligência.

A 7 de fevereiro, sem juntas médicas, sem corpos de enfermeiros, sem aglomerações populares, morria calmamente. A última testemunha de sua existência, por um simbolismo encantador, finou-se com ele: a vela humilde, clarão de fé, grito aceso de esperança, pendente de suas mãos pálidas do ultimo esforço.

ANTÔNIO PEDRO DANTAS TONHECA – De onde estiveres, não maldigas nunca o teu destino incerto, a tua vida cheia de contrastes. Contrastes da pobreza do teu lar com a riqueza do teu talento, da fecundidade da tua alma com a ingratidão dos que te esqueceram. Ela humilde, que conservando um nome foi, em tudo o retrato do teu berço que lembra palmas agitadas para o céu, linha altaneira e invencível, vive achatada na planície, olhando para cima com a timidez com que a criança contempla a montanha maciça e elevada.

Abençoa-a assim, porque te concedeu a ventura de identificação com a terra, ela e tu, retrato único de uma mesma grandeza cercada pelo esplendor de uma mesma luz.

Fonte: "A VOZ DA CASERNA", boletim mensal da Sociedade Beneficente dos Sargentos da Força Policial do Estado do Rio Grande do Norte; matéria publicada incompleta, no Boletim, Ano I - Junho de 1940 - número I, página 4 e no Ano II – Março de 1941 – número 3, página 5, publicada completa.

Pesquisa realizada pela musicóloga e acadêmica Leide Câmara, por ocasião dos 150 anos de nascimento de Tonheca Dantas (1871-1940), Patrono da cadeira 33, e no transcurso dos 100 anos de nascimento do Acadêmico Aluízio Alves (1921-2021), Sucessor 1 da cadeira 17 da ANRL.

Natal, junho de 2021

AO CENTENÁRIO DE HOMERO HOMEM

Francisco Galvão

Fico imaginando se Homero Homem estivesse entre nós nesse momento especial da história. Que romance escreveria para o Brasil? Um escritor da sua grandeza nos presentearia com um texto insuperável. Teríamos, diante de sua inegável criatividade, um imenso prazer de ler. Nascido em Canguaretama, em 5 de janeiro de 1921, seu nome "Homero" fazia jus ao grego, pois sabia *poemizar* tão bem quanto seu homônimo. Seu pai, Joaquim Siqueira, um jurista vindo de Pernambuco, era da estirpe de Manuel de Mascarenhas Homem e foi um dos fundadores do América de Natal, o time vermelho, que já foi azul.

Como o futebol, filosofar parece simples, mas não é fácil; só os bons escribas conseguem. Como dizia meu pai: "Onde estiver um Siqueira, haverá um homem inteligente!" O Rio Grande do Norte nos deu um, que foi Homero Homem de Siqueira Cavalcanti, e espero não custar muito a aparecer outro. Hoje, ele faria como os craques da bola, que chamam para si a responsabilidade e decidem a partida como se jogasse sozinho, como se bastasse ele para resolver o problema dos livros que inspiram pessoas.

Homero Homem foi um esquecido na literatura dos potiguares. Escrevia sobre os dilemas, paradoxos e contradições humanas. Tais características são bem representadas em "Menino de Asas", uma fantástica história do diferente, do excluído, tão atual em nosso tempo. O "Menino de Asas" era, sobretudo, o que acreditava num mundo melhor, por isso podia "voar" e ser diferente. Depois de tanto tempo ainda nos deparamos com pessoas que podam os nossos meninos que nascem com mais asas do que braços. O Menino de Asas, porém, não se deixou intimidar: fez de tudo para vencer a rejeição. Nessa luta, além do preconceito, ele pode descobrir também a amizade e o amor.

Contradições humanas como essas estão presentes também entre "Canguleiros e Xarias", que apresenta a Natal provinciana que encantou tantos leitores. Eram cenas simples, onde aconteciam batalhas instigadas na rixa de classes sociais e do bairrismo belicoso dos pobres *Canguleiros* moradores das Rocas e Ribeira contra os nobres *Xarias* que habitavam o bairro burguês da Cidade Alta. Já em "Cabra das Rocas" percebe-se mais uma vez o paradoxo, pois um garoto que morava no mangue, resolveu entrar na escola dos ricos e se tornar um "bacana". Será que isso seria atual nos nossos dias? Estamos vendo em HD a repetição daquele filme analógico?

Aquela "Copa em Natal" deveria ter ressuscitado o nosso Homero, mas as coisas não funcionam assim; na cultura parece que vale a mesma lógica da caixinha de surpresa dos "Kinder Ovos" da vida. Sobre futebol escreveu coisas fantásticas e se tornou referência no assunto a nível nacional. Falava do esporte com a maestria dos grandes escritores, descrevendo jogadas e vivências cotidianas como um grande apaixonado, mostrando as emoções mais humanas dentro do campo. "O Goleador" e "O Moço da Camisa 10" foram duas obras inquestionáveis do seu gosto incontestável pelo esporte.

Ele era, sobretudo, um nordestino aguerrido e pontiagudo como as cactáceas, mas que, por dentro, era sensível como as flores dos tabuleiros litorâneos que conheceu em tenra idade. Só ele poderia expressar um "Luar Potiguar" e se tornou um "Agrimensor da Aurora". Pelo número de edições dos seus livros constata-se que foi o mais lido de todos os ficcionistas norte-rio-grandenses. A Academia Brasileira de Letras não teve cadeiras suficientes para ele, mas deu uma ao poeta Ledo Ivo, que teria sido seu único adversário intelectual. Divergiram e *trocaram farpas*, mas quando Homero faleceu, em 17 de julho de 1991, Ledo Ivo foi ao enterro e prestou homenagem ao desafeto de outrora.

Se estivesse vendo esses extremismos de hoje teria muito a falar, mostrando as contradições de quem renega a vacina e fura a

fila para se vacinar primeiro; falaria dos que não querem mudanças e reclamam dizendo que não podemos continuar assim; exporia os que criticam as administrações públicas e escolhem sempre os mesmos representantes. Homero mostrava, sem escrúpulos, as discrepâncias sociais sem ser muito percebido. Era aquele poeta potiguar distante, que morava no Rio de Janeiro e pouco se sabia sobre ele aqui. Infelizmente, seus livros foram ficando escondidos nas prateleiras das bibliotecas.

Os romances de Homero Homem são filhos do Modernismo e sua poética é profundamente ligada à geração de Carlos Drummond de Andrade, que disse o seguinte: "HOMERO nunca existiu? Este existe - é fato vero - e tanto fisga a poesia como boto, pampo ou mero". Não quero ser uma voz solitária gritando por seu nome no deserto da província. Chegou a hora, no centenário de seu nascimento, para conhecer a vida e a obra desse homem que não teve uma só existência, mas várias, antes de ser escritor.

FRANCISCO GALVÃO é escritor, sociólogo, mestre em Filosofia, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e da Academia de Letras de Canguaretama, autor do livro *A ressuscitada* entre outros.

CULTURA ANTIGA II
(UMA SÍNTESE)
BABILÔNIA

Jurandyr Navarro

Dando sequência a uma breve série de títulos memoriais da Cultura, obedecendo a ordem cronológica, mencionamos, de forma sucinta, o cenário civilizatório da distanciada Babilônia, envolta nas trevas da noite dos tempos.

Embora anoitecida em idade, a pátria de Hamurabi, deixou, à posteridade, descobertas amparadoras, em determinados pontos, da ciência indutiva, das letras e do viver, atuais.

Tal anoitecer civilizatório deixou clarões intermitentes, que ainda hoje, fulgem, quais estrelas no alto do céu.

Na literatura espelha o poema, a "Epopéia de Gilgamesh", em idade, o primeiro do gênero e que figura dentre os melhores considerados. A seguir, o "Quando lá do Alto". Entre os escritos chamados didáticos, autores citam, como um dos mais interessantes, o "Diálogo do Senhor e do Escravo", que reflete a "desmoralização da alta sociedade escravista". Em ruínas encontravam-se fábulas em verso, hinos divididos em linhas e estâncias, uns tantos versos profanos, rituais religiosos, que pressagiavam o drama.

A partir do reinado de Hamurabi, foram transcritas e concebidas narrativas mitológicas. Templos, organizaram bibliotecas em tabuletas, cuidadosamente classificadas, segundo o gênero e a obra, com etiqueta de argila, segundo o procedimento dos arquivos.

Soberanos outros, imitaram essa dedicação, em seus palácios. Porém, nenhum deles, esmerou-se, nesse proceder, como Assurbaníipal, rei assírio, que afirmara, ter recebido, dos deuses, "toda ciência da escrita". Preocupava-se, ele, com a memória cultural dos povos

anteriores ao seu tempo: Suméria e Babilônia. Daí, ter organizado a biblioteca de Nínive e de Bossipa, das ruínas das citadas povoações.

Rememora-se, aqui, um pequeno trecho, do grandioso poema épico. Um desses cantos, após sua vitória em sua cidade, Gilgamesh, "retira seu arnês de guerra, veste-se de branco, enfeita-se com a real insígnia e põe diadema". É quando a invencível Ishtar, tomada de amor, ergue para ele seus grandes olhos e diz: "Vem, Gilgamesh, vem, meu esposo. Teu amor dá-me como presente (...) eu te porei numa carruagem de lápis – lazuli e ouro; com as rodas douradas montada em ônix; serás puxado por grandes leões e entrarás em nossa casa, dentro do incenso de cedro. Toda terra perto do mar abraçará teus pés, reis se curvarão diante de ti, e te trarão, como tributos, os dons das montanhas e das planícies...!" Gilgamesh repele-a e recorda o duro destino, por ela infligido, anteriormente, a outros, inclusive à divindade Tammuz...

O poema expõe a cosmogonia e a mitologia babilônicas, dentre outros encantos da poesia épica... depois, pela Grécia sublimada, no heroísmo de Aquiles, na "Ilíada", em defesa do amor de Páris e Helena; e na "Odisséia", na amorosa atitude de Penélope, à espera do amado Ulisses, no retorno da guerra de Tróia...

A Babilônia, dentro do possível deu continuidade à literatura de sua antecessora, a Suméria, inspiradora da Escrita.

Assim o fez, noutro painel literário, o qual foi acima expressado, o seu ponto mais elevado é o do grandioso poema, no qual alude: "Gilgamesh tenta elucidar o mistério da vida e da morte".

Ditaram, outroras lendas, ter havido seres humanos, aos quais fora concedida, por divindades, a imortalidade! Então, empreende viagem a lugar divino, a fim de se encontrar com Utnapishtim, para saber como tornou-se imortal.

Doze tabuinhas quebradas da mencionada biblioteca de Nínive, hoje no Museu Britânico, revelam a poesia épica da Mesopotâmia. Num de seus apelos, aduz Gilgamesh:

"deus por dois terços
É um terço homem
Ninguém iguala a forma do seu corpo(...)
Todas coisas viu, mesmo as dos confins da terra,
Tudo arrostou, tudo aprendeu;
Devassou todos os segredos
Através o manto que o esconde.
Viu tudo que era oculto
E o que era coberto descobriu
Dos tempos antes do dilúvio trouxe notícia;
Dando-se a todos os trabalhos e azares;
Escreveu então numa pedra a história de sua obra".

O gênero épico, ou narrativo, expõe fatos extraordinários...

A aludida biblioteca, que as escavações, dirigidas pelo arqueólogo, Layard, trouxeram à luz as revelações repassadas, em 1849, possuía, em forma de chapas de terracota, tais informações e outros sinais da cultura babilônica. Exibia, em geral, memórias oficiais, observações astrológicas ou augurais, orações, hinos e genealogias de reis e de deuses.

O idioma babilônico foi uma evolução semita das passadas línguas da Acad e Suméria, porém, com diferente vocabulário. Os babilônios precisaram compor dicionários e gramáticas, a seu modo. Tanto na Babilônia, quanto na Suméria, os caracteres em vez de letras, representavam sílabas. A Babilônia nunca teve alfabeto próprio; contentou-se com o "silabário" de trezentos sinais. (Schneider).

O Direito, afirmou-se um ponto alto e positivo, na histórica evolução babilônica. A sua nascente consagração, imortalizou o inspirado monarca, com o advento do seu Código, ao seu nome incorporado.

As primeiras leis apareceram na Suméria, mas as principais, foram proclamadas pelo então divulgado Código de Hamurabi.

Sua fama vem do extraordinário monumento que o trouxe aos dias presentes. Em data de mil novecentos e dois, do atual calendário, em escavações efetuadas pela missão gaulesa da Pérsia, o que valeu ao Museu do Louvre a sua propriedade. "Extraordinário, também, o próprio monumento": um cilindro cônico de dura pedra negra de dois metros e vinte e cinco de altura e quase dois metros de circunferência na base. Na face anterior, do seu cimo, um relevo mostra o rei, de pé, em atitude de adoração, diante de Shamash, deus do sol e também da justiça, identificado por meio de chamas que brotam de suas espáduas. Toda superfície do bloco está recoberta de cuneiformes dispostos em colunas, das quais algumas foram marteladas pelos vencedores, como o foi também, o disco solar que se achava sobre a cabeça do deus; no total, cerca de três mil e seiscentas linhas do texto.

Transcrito em tabuletas, o Código expandiu-se até muito além, influenciando, outras legislações de povos outros.

Após o seu Prólogo, peça principal, segundo autores de literatura religiosa, política e moral, anunciando os "julgamentos de equidade", destinados a "estabelecer o Direito no pais", seguem-se duzentos e oitenta e duas proposições. Alude a um caso concreto. Prossegue definindo as devidas medidas legais e demais...

Na Religião, a Babilônia se expressou em grau elevado, por ser, na época, uma fascinação. Igualmente ao homem, o deus necessita de uma residência, que é o Templo.

A fim de propiciar a felicidade do deus, o culto é completado com a alimentação do mesmo, de iguarias e bebidas, ditadas pelo ritual, com flores, vapores e eflúvios de perfumes. Havia uma sacerdotisa, "rainha do prazer". A magia tinha o seu papel nesse teatro de fantasia ritual. De importância, a adivinhação, com sonhos interpretados e aconselhamentos divinais, transmitidos atra-

vés o ritual clerical. Explorada, também, a natureza, por labaredas, voos de pássaros, sonhos, meditações... como assim narrativas mitológicas, cosmogônicas e sedutoras, ilusões, por todos acreditadas.

Shamash era o deus do sol; Nannar, deusa da lua; Bel ou Baal, a terra; Anu, o imóvel firmamento...

O panteão babilônico não contava menos de cem deuses. O seu rei, Marduc, que granjeou o título de Bel – senhor! Havia o deus da vegetação, Dumuzi; Adad, o da tempestade e da tormenta...

Na época do reinado de Hamurabi, havia uma prática ritual para as mesmas divindades, seguindo iguais ritos, a mesma religião do rei Gudéia, na Lagash sumeriana e Sin, o deus – lua, da antiga cidade de Ur.

Figuraram, num infinito panteão, variados deuses: do raio, furacão, rios, montanhas... Os que reinam em diferentes esferas, o ceú, a terra, a água, o subterrâneo... Cada cidade com seu deus e sua deusa.

Intenso o comércio babilônico. Mostrava-se um povo mercantil. A apreciável parte de documentos encontrados, têm o caráter comercial: vendas, empréstimos, contratos, comissões, sociedades, doações, permutas, acordos, legados, notas promissoras e outros. Em suas ações mercantis, "conciliava a ganância e a piedade".

A Astronomia foi a ciência especial dos babilônicos, pela qual se tornavam famosos no mundo antigo. Cada planeta equivalia a um deus, interessado e vital nos negócios humanos: Júpiter, era Marduc; Mercúrio, Nabul; Marte, Nergal; o Sol, Shamash; a Lua, Sin; Saturno, Nivib; Vênus, Ishtar. Cada movimento de estrela determinava, ou prenunciava algum acontecimento na terra; se, por exemplo, a lua estava baixa, era sinal que uma distante nação se submeteria ao rei; se estivesse em crescente o rei venceria o inimigo...foi a partir dessa Astrologia e anotação das estrelas, que, lentamente, se desenvolveu, a sua Astronomia. Em 2.000, a.C., os babilônicos já tinham uma cuidadosa fixação dos movimentos do planeta Vênus; haviam determinada a posição de várias estrelas e iam, aos poucos, levantando o mapa do céu.

A Matemática era baseada na divisão do círculo em 360 graus e do ano em 360 dias: desta base emergia um sistema de cálculo sexagesimal. A numeração só usava 03 sinais: um sinal para 01, que se repetia até 09; um sinal para 10, que se repetia até 50; e um sinal para 100. A computação se tornara fácil por meio de tábuas, não só de multiplicação e divisão, como de meios, quartos, terços, quadrados e cubos de números básicos. A geometria calculava áreas irregulares e complexas.

A arquitetura artística era subordinada aos interesses religiosos e do poder político, principalmente, o culto politeísta da época.

Palácios principescos e religiosos templos ostentavam monumentos prediletos.

Muralhas erguidas e fortalezas bem cuidadas se elevavam, visando a proteção da cidade. Atestam estudiosos, que as qualidades defensivas de Assn, impressionavam. Assim, também, o formato do cais feito de material sólido, ao lado do Tigre e também de um canal; um fosso inundável; muro interno e externo; torre em saliente...

Em Corsabad, a "muralha de Sargão". Por sua vez, o plano circular cede lugar ao retilíneo. Todavia, nada ultrapassa em tamanho as fortificações, exertas da Babilônia, ao tempo de Nabucodonosor, também de forma retilínea, num espaço de 18 kmts., com muralhas superpostas e torres reforçadas.

Admirável engenhosidade para a época!

A técnica das fortificações babilônicas, nos vales do Tigre e Eufrates, serviram de modelo para os gregos, após anos decorridos.

A Estatutaria, outrossim, se fez presente. Nesses dias, de passado longínquo, verificou-se de singular importância. Mais de uma obra arcaica chegou à celebridade: mais que a sua qualidade estética, vale o testemunho que nos é conferido das concepções religiosas babilônicas.

Escassas as estátuas de divindades. Das raras, a de Mâri, que provém do seu palácio, representando uma deusa, usando um ves-

tido de babados, tendo à cabeça uma tiara, suas mãos mantém, sobre o ventre, um vaso de cuja boca – pois estátua é ôca – escorre água, deixando, ao escorrer, marcas pela túnica; trata-se de bem-estar e de fertilidade.

Na Decoração, exibia-se a esmaltada e a pintada. Tais afrescos representavam cenas religiosas, para enfeitar seus templos, e também, em apresentações de atos rituais de sacrifícios e adoração. A decoração era utilizada em esmalte em tijolos; uma delas curiosa, espelhou-se, em realização desse gênero artístico, no reinado de Nabucodonosor, qual seja, a fixada na chamada "Porta da deusa Ishtar".

A Agricultura deu a devida continuidade a esse passado remoto, na conformidade dos coletivos interesses. Viveu-se essa passagem com a sua economia subjugada aos ditames da ação oficial, tiveram vez o artesanal, locomoção por transportes da época e as devidas matérias primas. Houve mercado através de valores, com a natural falta da moeda. Estalões de valor, de metais e da cevada, com a colaboração do cobre e do chumbo.

Sabe-se, que a Babilônia teve algumas dinastias, no entanto, autores citam, em seus escritos, somente alguns de seus soberanos, aos quais, transcrevo nestas linhas, obedecendo a sua cronologia.

Hamurabi é mencionado como dirigente da sexta dinastia. Ocupou a Suméria e Acad, tendo seu reinado dado esplendor ao progresso da sua terra natal. Inúmeros os feitos do seu governo. Além de exímio administrador, portou-se como um intelectual genial, para a época, já que o seu Código de Leis, tornou-se um dos marcos da Antiguidade, "pontificando-se como um fator positivo na história da Mesopotâmia". Suas leis induzem esclarecer os conhecimentos das classes e grupos da sociedade babilônica e suas jurídicas relações. O Código exibe o terceto: introdução; texto propriamente dito; e conclusão. Incluso nele, duzentos e oitenta e dois artigos, dos quais trinta e três perderam-se, em virtude de sua deterioração da Estela de basalto, em que estavam traçados.

O soberano genial fora intitulado: “Rei do Direito”!

Foi ele o consagrado autor da marcante obra jurídica da Mesopotâmia.

A civilização babilônica influenciou os países vizinhos: Síria, Fenícia e Palestina.

A dinastia de Hamurabi unificou a Mesopotâmia e constituiu o babilônico império.

As suas leis espelharam um legado comparável, diz autores, àquele que Roma deixou para o mundo moderno.

Dessa época foram transcritas narrativas mitológicas. Determinados templos organizaram bibliotecas, com tabuletas classificadas segundo gênero e obra, empilhados em cestos.

A Babilônia, era considerada um exemplo e modelo. Exibia-se um colosso, sob o ângulo intelectual. No seu famoso código, havia classificação, dentre outros, também, os deveres morais. Certamente as palavras “justiça”, “equidade”, “verdade”, são pronunciadas vezes várias. Hamurabi sabia divulga-las, tal as enumeradas, às vezes, de forma implícita, em seu Código, no íntimo, quer satisfazer a Shamash, “deus da Justiça”, fazer resplandecer o Direito no país.

Mas, no fundo, a justiça identifica-se à vontade dos deuses, cujas razões, escapam à compreensão humana; e ela deve julgá-la, elucidam comentaristas do assunto.

Anteriormente ao Código de Hamurabi, haviam leis esparsas listadas, tal o código de Lipitshtar, do poder real de Isin, uma das capitais das sociedades formadas no alvorecer babilônico, após a queda da terceira dinastia de Ur, cidade sumeriana, onde se diz ter nascido o famoso profeta Abrahão.

A unificação da Mesopotâmia, sob o poderio babilônico, dá-se durante a sexta dinastia, com Hamurabi, governante hábil e consciencioso, nome imortalizado pela história dos povos.

Outro soberano, de invulgar empreendimento cultural consagratório, na medição daquele afastado período, foi Nabucodonosor.

Assumiu o reinado fazendo uma espécie de proclamação ao deus Marduc, o soberano vaporoso do então sistema espiritual politeísta: "Tal minha preciosa vida, eu estimo a sua sublime aparência! Fora da minha cidade da Babilônia, eu não escolhi entre todos lugares nenhuma morada(...) Por sua ordem, ó misericordioso Marduc, que a casa que eu construí perdure para sempre, e possa eu saciar-me com o seu esplendor, chegar à velhice dentro dela, com abundante prole, e nela possa receber o tributo dos reis de todas regiões, de toda humanidade".

As riquezas materiais acumuladas ele as despendeu à formosura arquitetônica pública, embelezando o espaço social.

"Não é esta a grande Babilônia que construí?", proclamava sem modéstia.

Segundo Heródoto, nesse tempo a Babilônia era rodeada de 66 milhas de muralhas, tão amplas, que um carro de 04 animais podia correr em cima; a área circundada media 200 metros...

Deodoro Sículo, menciona um túnel de 16 metros de largura.

Quase todos os prédios de tijolos, na sua maioria, de ladrilhos esmaltados. Quando retirados das escavações; exibiam a vaidosa inscrição; "Eu sou Nabucodonosor, Rei da Babilônia!"

Vislumbrava-se, junto à cidade, um zigurate (cume, pináculo) de sete andares; na parte superior, localizado estava o santuário, onde figurava uma mesa de ouro maciço e o suntuoso leito, no qual, cada noite, alguma mulher dormia ou esperava contato com algum deus... Tal estrutura mais alta que as pirâmides do Egito, seria, provavelmente, a "torre de Babel".

Seiscentas jardas, ao norte da corte, alteava-se a colina de Kasr, sobre a qual, Nabucodonosor construiu o mais esplendoroso de seus palácios. Perto dali, avistava-se os celebrados "Jardins Suspensos",

pelos gregos considerados, uma das "Sete Maravilhas do Mundo". Nabucodonosor o fizera para satisfazer sua amada esposa, Amitis, habituada aos parques reais, aos paraísos de sua terra natal, Média, onde passara sua infância, filha que era do soberano Ciáxares.

Por esse tempo, aumentado foi o número de canais, construído um açude de 150 metros de circunferência, e demais realizações dessa área.

Anteriormente de pedras, os instrumentos passaram a ser de metal. Surge a arte de fundição, beneficiada da exportação.

Grassava, na Babilônia, a chamada prostituição sagrada, somente abolida, muito adiante, com Constantino, na oficialização do Cristianismo triunfante, por ele declarado.

Isolando algumas mazelas sociais, consideradas naturais, para a baixa moral, dessa época, eivada de seitas e religiões, politeístas, Nabucodonosor modelou seu reinado com marcantes realizações. A sua administração foi por muitos proclamada e admirada por outros.

Uma noite, no seu palácio, despertou do sono, sobressaltado, que a História marcou como, o "Sonho de Nabucodonosor", que o inquietou, por demais, a ponto de convocar sábios, magos e adivinhos, para sua decifração. Estes concluíram, em uníssono, que "não havia, no mundo, quem o decifrasse".

Tal resposta irritou ainda mais o rei, que determinou, de imediato, a morte de todos eles.

Então, surgiu Daniel, que disse-lhe: "Há um Deus, no céu, revelador dos mistérios e que te mostrou, através do sonho, as coisas que iriam acontecer, na evolução do tempo. Viste, ó rei, quando estavas dormindo, uma grande estátua: a cabeça era de ouro; o peito e os braços de prata; o ventre e as coxas de bronze; as pernas de ferro; e os pés, parte de ferro e parte de barro. Uma pequena pedra desprendida da montanha vizinha, sem que intervissem mãos humanas, rolou e foi esbarrar nos pés da estátua. O colosso se partiu e ficou reduzido a pó, ao passo que a pequena pedra cresceu até

tornar-se uma montanha grande, que ocupou toda terra".

Explicação do Sonho: em seguida, revelou Daniel, ao rei, a significação do sonho, dizendo: "O Deus do céu lhe concedeu o reino, o poder e a glória: és, portanto, a cabeça de ouro. Depois de ti virá outro reino menor que o teu; um reino de prata. O terceiro reino será de bronze e dominará toda terra. O quarto reino, semelhante ao de ferro, há de quebrar e esmagar os outros reinos; mas será fraco ao mesmo tempo, e é por isso que viste metade dos pés de ferro, metade de barro. Finalmente, o próprio Deus suscitará um império que devastará todos os reinos da terra e subsistirá eternamente".

Nabucodonosor então prostrando-se em terra, disse: "Na verdade vosso Deus é o Deus dos deuses e o Rei de todos os reis". Deu a Daniel magníficos presentes e o elevou à dignidade de príncipe de todos os países da Babilônia.

Após determinado espaço de tempo, Baltasar, um dos netos de Nabucodonosor, conhecido pelos letrados dos sagrados livros, como o rei ímpio e profanador dos vasos sagrados. Foi, ele, o último soberano Babilônico.

Em certa ocasião, no final do seu reinado, apesar dos inimigos estarem às portas da cidade, mandou, Baltasar, preparar lauto banquete para oferecer aos agraciados do seu reino. Em dado momento da festa, excitado pelo efeito da bebida exagerada, determinou a vinda, à sua presença, dos vasos sagrados, retirados pelo avô, Nabucodonosor, do templo de Jerusalém, e, sem algum respeito, deles serviu-se para consumir a bebida, com os convidados. No mesmo instante apareceu, na parede da sala "uma misteriosa mão que ali escreveu algumas palavras". De imediato o rei empalideceu, tremendo-lhe todo corpo. Determinou a presença, urgente, de todos os sábios da corte, porém, nenhum deles conseguiu decifrar a escrita, ali exposta, e muito menos interpretá-la.

Em desespero, apelou para a presença de Daniel, o mesmo que socorreu seu avô, em caso parecido.

De imediato, disse-lhe Daniel: "Tú te levantaste, ó rei, contra o Senhor do céu e profanaste os vasos sagrados. Por isso mandou Deus escrever na parede estas palavras: Mané, Tecel, Farés – isto é: contado; pesado; dividido".

A explícita significação, é a seguinte: "Deus **contou** os dias do teu reinado e lhe pôs termo; tu fostes **pesado** na balança da justiça e achou que eras leve; teu reino será **dividido** e dado aos medas e persas".

Ainda na mesma noite, Baltasar foi assassinado no próprio palácio. Os medas e persas conquistaram suas terras (2).

Algum tempo depois, Ciro, rei dos persas, apoderou-se do país e de todo reino da Babilônia.

Das rainhas babilônicas, cito duas dirigentes do reino: Nitócris e Semírames. Esta, construiu os colossais diques, a fim de conter o Eufrates, no seu leito, impedindo-o de inundar os verdejantes campos à sua margem.

Nitrócris, abriu canais ao norte da Babilônia. Edificou monumental cerca, tanto pela altura, quanto pela largura, e outras obras.

Ergueu um Mausoléu, às portas da cidade, com a inscrição, de caráter étmico: "Se algum dos reis que me sucederem, em Babilônia, vier a faltar dinheiro, abra este sepulcro e lance mão de quanto desejar; mas deve evitar abri-lo por outros motivos, pois, se não tiver do dinheiro grande necessidade, poderá, arrepender-se disso".

O túmulo permaneceu intacto até o reinado de Dario. Este, então, mandou abrir o sarcófago real, encontrando, apenas, o corpo da rainha Nitócris, com os dizeres: "Se não fosses insaciável de dinheiro e ávido de ganho inconfessável, não teríeis aberto o túmulo dos mortos". (Linhas tiradas de Heródoto). (3).

Apreciável parcela dos afeitos a uma ampla tradição dos povos, concorda com o autor da expressão:

"As nações nascem estóicas e morrem epicuristas", ou seja, surgem incitadas pelo heroísmo e desaparecem alucinadas pelo gozo da luxúria...

1. – Nossa Herança Oriental – Distribuidora Record – RJ – 1963;

2. – História Sagrada – Frei Bruno Henser – Ed. Vozes Ltda – Rio – 1982;

3. – Antiguidades – Ed. Fulgor – 1993 – S.Paulo – História do Mundo.

JURANDYR NAVARRO é escritor e professor aposentado da UFRN. Ex-presidente da Fundação José Augusto, ex-presidente do IHGRN, Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de "Páginas de Verão" e outros livros; organizou a antologia do Padre Monte.

A MOÇA COM BRINCO DE PÉROLA...

Elder Heronildes

Diógenes da Cunha Lima, sempre o soube, é uma inteligência farta, prodigiosa e abrangente, aliada a uma cultura e a um poder descritivo como escritor, ensaísta, ficcionista, que impressionam; coroando tudo isso, a inigualável e incomparável verve poética que encanta, envolve e é contagiante. Isso, todos nós sabemos há muito tempo.

O que não se sabia e nem se tinha conhecimento, é que ele detém um poder incomum mesmo, nunca visto e nunca aparecido entre nós, até, de em tão poucas palavras, às vezes quase nenhuma, dizer tanto, tudo e mais alguma coisa. Subindo ao Céu e voltando à terra, num passe de mágica.

Fazer com maestria ilações controvertidas, às vezes, e aprofundadas e visíveis, outras. É o tudo, dentro do tudo, é o nada dentro do nada, em pequenas doses. É a mistura, sensível, de prosa e verso, sem a quebra da beleza da construção literária, embora talvez não fosse essa a intenção, como permitindo ao leitor descobri-la através dos elementos sensitivos expostos ou subliminares.

E melhor, sem seccionar o elo, sem quebrar a corrente, sem eliminar o começo, o meio e o fim. Você, lendo, sente quando começa e termina, pondo à mostra, não só a agudeza estilística, como a agilidade na elaboração do texto que provoca, tão somente, a satisfação de quem o ler.

Observa-se, de relance, em alguns micro contos, que às vezes lembram e nos levam a pensar em poemas "hai –kai", com um singelo redobramento, que em nenhum momento perde a sua singeleza, embora se possa vislumbrar, aqui e ali, um perfeito enredo. A semelhança parece-me, se limita ao tamanho e não ao conteúdo, a forma ou à sensitividade lírica.

Mesmo curto, sinteticamente falando, as peças se juntam e se formam de maneira ágil, perfazendo com naturalidade um diminuto percurso que mesmo assim não perde aqueles elementos essenciais e exigidos a uma obra de arte; onde deve imperar a palavra, fundamental em qualquer texto, quer em prosa quer em poesia. E é com palavras que se faz literatura, todos dizem unanimemente. E é a pura verdade.

E Diógenes, em "Moça com Brinco de Pérola" ... seguiu literalmente essas assertivas, fundamentais e necessárias quando se elabora uma obra que demonstre por entre faces diferençadas um conteúdo profundo que, sem fugir ao escopo criativo e ficcional, atinge com palavras o cerne apropriado dos elementos vitais em se tratando de literatura, a expressão legítima do termo..

Sobreleva em "Moça com Brinco de Pérola.." a primazia da constatação correlata de situações que emanam de uma rica memória, que traz em determinados momentos, o sobrenatural ao terreno comum, concreto, entrelaçando-se abstratamente, situações diferentes, mas de elevado conteúdo, inclusive poético, aliado a habilidade na elaboração do texto, que vai e vem sem perder a graça.

Juntar o abstrato e o concreto em poucas, ou quase nenhumas palavras, não é fácil, e Diógenes o faz com elevada habilidade, tal qual um arquiteto, como se estivesse construindo um castelo literário, não se lhe podendo faltar a correta aplicação das palavras.

Mais uma vez as palavras que têm que ser presenças marcantes e indispensáveis em qualquer construção literária, quaisquer que sejam os gêneros e a aplicabilidade estilística, inafastáveis em situações dessa natureza.

Não pensava adentrar tanto, como o fiz, na apreciação da "Moça com Brinco de Pérola..." de Diógenes, mesmo sem a arte e o engenho aconselháveis em tais situações. Contudo, o pecado já foi cometido, restando o seu encerramento.

Mas, vejam só, relendo o livro, salta à mente, como uma faísca relampejante, que algo pairava acima das minhas vãs considerações, que poderiam ser mais sintéticas e menos analíticas e não o foram.

Fixei-me, por alto, na urdidura dos contos mirins, os pequenos contos, sem penetrar-lhe o espirito, a força criativa que se derrama por suas páginas.

E ao fazê-lo senti poesia, lirismo, envolvimento emocional, sentimenal e subjetivismo, fazendo emergir um elemento de arte de grande intensidade. A poesia, o tom poético, a essência da arte que se inseria naquele processo criativo, ficcional, ondulado e envolvido em verdadeiro estado poético. Não se pode excluir de a 'Moça com Brinco de Pérola" o cerne poético que povoa todo percurso daquilo que se pode vislumbrar, diminutamente expressado, que é o enredo.

Contaminando a prosa, faz crescer no seu interior, intrinsecamente, numa subjetividade digna de nota, um fecundo lirismo, numa simbiose que põe em destaque uma arte extravasada pelo espírito de elementos ali reinantes, de maneira imperativa, diga-se. E lirismo aberto, compreensível e claro, não aquele "comedido e comportado" condenado por Bandeira.

Já que se falou no poeta, pode-se acrescentar como alguém disse sobre ele: " o máximo de poesia, num mínimo de palavras."

Em certo momento, lendo Diógenes e o seu "Moça com Brinco de Pérola..." passa pela cabeça, rapidamente, sentindo a sua vizinhança, " A Vaca e o Hipogrífo" de Mário Quintana, não em semelhança conteudística, mas no aspecto puramente intelectual. Os dois, me parece, caminham com certa semelhança na armação do trajeto, guardando cada qual, a sua própria essência elaborativa, pondo em relevo os seus diminutos textos destacando-se a personalidade estilística de cada qual, diferentemente.

Terminaria destacando alguns desses diminutos textos, certamente os que mais me sensibilizaram e aprofundaram a crença de que o autor faz uma junção hábil e inteligente, sem perder a beleza, do imaterial e o material, de lá e daqui, vejam:

"Foi preciso a morte de uma árvore para o Cristo receber a morte sobre a madeira."

Só alguém, com habilidade e maestria e elevado poder criativo, teria condições de fazer uma junção tão perfeita.

Se fosse escrevedor tudo que gostei neste livro de Diógenes, faria outro livro. O impossível seria trazer a beleza e o encantamento que fluem de suas páginas, às vezes de maneira graciosa e leve. Mas, mesmo sabendo que já estou incomodando tomo a liberdade de transcrever mais alguns que me penetraram profundamente:

"Todos diziam que o flautista tocava mal. Ele não acreditava. Um dia, quando posicionou a flauta, até sua alma fugiu do corpo."

E esta, diz tudo em quase nenhuma palavra: Junta o material ao imaterial. O possível ao impossível.

"Não morreu. Apenas perdeu a sombra." Mais, esta é genial:

"Próximo à guilhotina reflete o condenado: a minha cabeça está tão bem acomodada com meu pescoço." Outro magnifico:

"Cansado de refletir, o espelho faz um apelo: apaguem a luz."

Esta tem uma dimensão do próprio mistério da cruz.

"Jesus, carpinteiro, esculpia no coração a sua cruz".

A leitura é agradável, mas fui longe demais. Fico por aqui.

ELDER HERONILDES é poeta, escritor e advogado. Ex-reitor da UERN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e atual presidente da Academia Mossoroense de Letras (AMOL).

O TEMPO NA POESIA DE PAULO DE TARSO CORREIA DE MELO

David de Medeiros Leite

Princípio
...
O poema esteve onde sempre estive:
ao alcance da
mão,
sob todos os
passos,
o poema vive.
P.T.C.M.

Emily Dickinson estabelece a distinção entre poetas que trabalham para a permanência e poetas que trabalham para o tempo. Esta análise propõe-se extrair da poeticidade de Paulo de Tarso Correia de Melo o "tempo" como uma das vertentes, ousando abranger os significados lírico, metafórico e, até mesmo, o sentido cronológico que o poeta potiguar, propositadamente, oferece em meio aos versos. Tal diversificação está registrada nas mais de duas dezenas de livros de sua produção.

Sua estreia deu-se com ***Talhe Rupestre*** (Natal: Cooperativa Cultural Universitária do RN Ltda., 1993). Seguindo-se:

- ***Natal: Secreta Biografia*** (Natal: Edições Triângulo, 1994). Prêmio Estadual de Poesia Auta de Souza - 1991.
- ***Folhetim cordial da guerra em Natal e cordial folhetim da guerra em Parnamirim*** (Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1994). Prêmio Municipal de Poesia Othoniel Menezes - 1991;
- **Romances de Alcaçus** (Natal: EDFUERN, 1998);

- ***14 Moedas Antigas*** (Natal: Separata da Revista da ANL, 2001);
- ***Casa da Metáfora*** (Natal: Separata da Revista da ANL, 2002);
- ***Rios dos Homens*** (Recife: Edições Bagaço, 2002). Indicado ao Prêmio Portugal Telecom 2003);
- ***O Sobrado das Palavras*** (Recife: Edições Bagaço, 2005);
- ***Auto de Natal: O Menino da Paz*** - Edição Coletiva 2005 - 2008 (Natal: PMM, 2008).

Essa primeira fase de publicações de Paulo de Tarso Correia de Melo (2001 - 2008) mereceu da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, como parte das comemorações dos 50 anos de fundação dessa instituição, uma esmerada edição do livro:

- ***Talhe Rupestre: poesia reunida e inéditos*** (Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, 2008).

Merece destaque o fato da referida obra ter organização, introdução e notas do professor e escritor Carlos Newton Júnior. Como também faz-se necessário registrar os títulos inéditos incluídos nessa reunião poética:

- ***Uma Nova Antologia Pessoal;***
- ***Sabença;***
- ***Cartas de Amerigo e Outros Cantares da Terra Natal;***
- ***Assuntos de Família.***

Um retrospecto do material publicado, até agora, revela um traço onipresente em todos os volumes: uma intencional unidade temática no que se refere à escrita ou agrupamento dos poemas.

Observa-se, a partir daí, que cada trabalho espelha um corte temporal. Esse tempo não é apenas retratado cronologicamente. Análise que inclui, necessariamente, uma discussão interna do momento cultural enfocado.

Exemplificamos em alguns títulos: ***Folhetim cordial da guerra em Natal e cordial folhetim da guerra em Parnamirim*** não é apenas o primeiro tratamento literário da presença dos americanos em Natal, durante a segunda guerra. O conjunto de poemas discute o encontro entre a civilização americana sofisticada tecnologicamente e a nossa civilização rudimentar, ingênua e doce. Internamente, procura mesclar a poesia dramática inglesa e o cordel nordestino.

Casa da Metáfora não é apenas um recorte temporal. É uma tentativa de mostrar que a metáfora física é um traço da poesia popular do qual não escapa o cordel. Assim, nos títulos do poeta em comento, pode-se verificar:

- Um corte temporal;
- Uma análise cultural do tempo retratado;
- Uma discussão interna do tempo cultural referido.

Numa segunda fase de publicação (2010 - 2015), Paulo de Tarso Correia de Melo confia o primeiro tomo a uma jovem editora local:

- ***Sabor de Amar*** (Mossoró: Sarau das Letras, 2010).

Extrapolando os limites da província, Paulo de Tarso passa a ter livros publicados com parcerias editoriais no além-mar:

- ***Livro de Linhagens*** (Mossoró: Sarau das Letras; Porto - Portugal: Corpos Editora, 2011).

Obs.: o mesmo título é publicado em terras portuguesas.

- ***Livro de Linhagens*** (Porto - Portugal: Corpos Editora; Mossoró: Sarau das Letras; 2011).

- ***Misto Códice - Códice Mestiço:*** *Versión e prólogo de Alfredo Pérez Alencart* (Mossoró: Sarau das Letras; Salamanca - Espanha: Trilce Ediciones, 2012).
- ***Diário de Natal*** (Mossoró, Sarau das Letras, 2013).
- ***Livro de Louvor - Libro de homenage:*** *Versión e prólogo de Alfredo Pérez Alencar* (Mossoró: Sarau das Letras; Salamanca - Espanha: Trilce Ediciones, 2015).

Paulo de Tarso Correia de Melo diz sobre o ***Livro de Louvor***: "A discussão interna é comigo mesmo, um ajuste de contas com um poeta forte como queria Harold Bloom. Resumindo: os motores de toda essa poesia são o tempo, o fazer humano e a mudança. Isso perpassa os vinte e um volumes até agora publicados".

Nesse tempo de pandemia, P.T.C.M. confessa dois possíveis acréscimos: "Um diário poético a ser chamado ***Caderno de Quarentena*** e um volume que não sei se levarei a termo".

No retrospecto avaliado, chama atenção, do ponto de vista literário, que a fecunda obra de Paulo revela tendência a uma forma híbrida entre poesia e romance, verificando-se desde o ***Folhetim*** e ***Rio dos Homens***.

Outra confissão do poeta no epílogo da conversa: "Não tenho muitas ilusões. Consola-me os ecos positivos dos Encontros Ibero-americanos de Poesia em Salamanca, aos quais tenho comparecido recentemente e que já me renderam figurar em uma dúzia de antologias internacionais, bem como as traduções de dois volumes por Alfredo Perez Alencart, intermediadas por David Leite".

DAVID DE MEDEIROS LEITE é poeta, escritor e professor da UERN. Doutor pela Universidade de Salamanca. Autor de "2020", "Cartas de Salamanca", "Ruminar" e outros livros. Membro da Academia Mossoroense de Letras e de outras instituições culturais.

VIAS PARALELAS:
DOIS POETAS POTIGUARES

Horácio Paiva

Atribuem a Cascudo haver dito que *"Natal não consagra nem desconsagra ninguém"*. Mas - *alvíssaras!* - Natal é também mãe aconchegante: ergue um berço esplêndido às margens do Potengi, onde acalenta (no silêncio ou mesmo na balbúrdia dos incautos) seus filhos legítimos e legitimados. E entre eles se encontram, certamente, os poetas **NELSON PATRIOTA** e **JOÃO CHARLIER FERNANDES**, portando cada um, a tiracolo, seu bornal de pérolas, reveladas, pelo primeiro, no **"LIVRO DAS ODES"** (editado em 2012), e, pelo segundo, no volume de poemas **"ENTREGA AO MITO"** (editado em 2016).

Quem leu esses dois livros não pode ficar calado: opta pelo partido da consagração, tal o seu óbvio valor. São duas joias, acrescentadas ao acervo literário de um Estado tradicionalmente voltado para a Poesia.

Caminham em vias paralelas, lado a lado, mas distanciados no estilo e no silêncio que a cidade lhes impõe, talvez por inércia. Entanto, convergem em dois pontos: qualidade textual e universalidade temática.

Com efeito, seus acordes nada têm de provincianos e neste aspecto diferem do que outrora fora, até certo ponto, usual na tradição lírica potiguar. Ademais, sua qualidade textual revela o essencial: harmonia - fruto da síntese *beleza e verdade*, ambas irmãs, como diria Emily Dickinson, ou, como queria Keats, em sua famosa "Ode sobre uma urna grega", *"Beauty is truth, truth beauty"* (*"A beleza é a verdade, a verdade a beleza"*). E é o que também penso: não existe beleza sem verdade. *"Vi na Verdade, certa vez,/ a amiga de meu pensamento..."* (Alfred de Musset). Repetiria mais

tarde essencialmente o mesmo o grande Rodin: *"Beleza é a verdade profunda que transparece através da forma"*.

Mas diferentes matizes os justificam, e demarcam a distância entre os dois.

As "odes" de Nelson são encantadoras e resgatam, com originalidade, um gênero hoje pouco usado pelos chamados "pós-modernos". O diálogo é interior e, os textos, do mais puro impressionismo, embora com acentos clássicos. A sua leveza, ou doçura, fez-me lembrar, à primeira leitura, a antiga sonoridade da *saudade e sombra de Marános*, do querido Teixeira de Pascoaes, mestre do saudosismo português; versos de Neruda, sobretudo aqueles de suas *odas elementales*, quando tratam do tema *amor*, e ainda, como não poderia deixar de ser, o gosto da raiz ancestral das odes horacianas, que tanta influência exerceram em Fernando Pessoa (Ricardo Reis).

Além disso, seus versos deixam às claras a sua própria alma e tecem uma relação de intimidade instantânea com o leitor, digna de um grande poeta. Aliás, é ele quem diz, em sua "Ode ao derradeiro segredo": *"Não me importa a resposta/ desde que expresse a essência de minha alma"*. E vê-se que há música na alma e nos poemas, mesmo quando se adentra a "noite voraz". Além da "oculta voz" que fala por trás dos poemas, há também uma música que parece evocar, pela estética e harmonia, a antiga, introspectiva e permanente sonoridade de um Debussy... *"A vida, Laura,/ a preciosa vida/ nos chama!"* Não há dúvidas, e o *"Prélude à l'après-midi d'un faune"* diz a mesma coisa.

Aliás, também com apelo à vida, à sensualidade e ao amor inicia Mallarmé o seu poema *"Le faune"*, fonte de inspiração de Debussy para o seu poema sinfônico: *"Ces nymphes, je les veux perpétuer./ Si clair,/ leur incarnat léger, qu'il voltige dans l'air/ assoupi de sommeils touffus./ Aimai-je um rêve?"* (Traduzo: *"Essas ninfas, eu as quero perpetuar./ Tão claro,/ seu leve encarnado, que volteia no ar/ adormecido em densos sonhos./Terei amado um sonho?"*.

Guardiã estética desta resenha, a provar-lhe veracidade, é a bela *"Ode à oculta voz",* reproduzida ao seu final.

NELSON PATRIOTA nasceu em Natal, capital do Rio Grande do Norte, no dia 4 de novembro de 1949, e faleceu no dia 6 de janeiro de 2021. Seus pais, como a maior parte de seus parentes próximos, eram naturais de Touros, cidade litorânea, também do Rio Grande do Norte. Passou toda sua infância na rua Padre Pinto, no bairro da Cidade Alta, Natal. Apesar de sua enorme atividade intelectual, quer como jornalista, quer como promotor cultural e escritor (com vários livros publicados e por ele organizados), editou apenas um livro de poemas de sua autoria: o belo LIVRO DAS ODES, do qual extraio uma de suas odes mais representativas e a reproduzo, ao final desta resenha, a ODE À OCULTA VOZ. Já em prosa, no gênero ficção, é autor de "Colóquio com um leitor kafkiano" (2009), "Um equívoco de gênero e outros contos" (2014), havendo publicado, mais recentemente, o romance "Tribulações de um homem chamado silêncio" (2015), e, mais recentemente, "Caderno de Espantos seguido de Vaticínios da Língua do Não"(2019).

Não menos surpreendente - e mágico - é o singular caminho de JOÃO CHARLIER FERNANDES. Nele, há dois perfis, ambos responsáveis pela grandeza de sua poesia: o barroco, pelo preciosismo da linguagem, e o gótico, pelo preciosismo das imagens - o que nos traz o fio encantador, o ambiente mágico de integração espiritual de sua poesia a outras artes, e, entre estas, a presença, ainda que simbólica, da música e da arquitetura.

Não há exagero em situar, na sua leitura, a lembrança de velhas e eternas catedrais góticas, associada ao som do órgão e do cravo, diletos intérpretes da música absoluta de tantos geniais artistas barrocos, a exemplo de Bach, Vivaldi, Scarlatti...

Tais perfis, postos, com maestria, em rigorosa disciplina no ato de escrever, são formadores de uma obra bela e original, e que, embora contemporânea, situa-se, com feição de perenidade, à mar-

gem das tradicionais escolas delimitadoras do tempo estilístico. Com acerto pode-se incluir "Entrega ao Mito" no rol das melhores obras literárias - no segmento Poesia - do Rio Grande do Norte.

O encanto provocado agora pela leitura atenta e profunda da obra de Charlier remete-me à emoção que senti, no final da década de 1970, ao ler, pela primeira vez, outro admirável poeta, que também revela natureza gótica: Paul Celan, judeu romeno de língua alemã que, com o advento da Segunda Grande Guerra, exilou-se e fixou residência na França, onde veio a falecer em 1953.

De Charlier, destaco, ao final desta resenha, em reprodução integral, a belíssima elegia às antigas arcas, ou melhor, arcazes (cujo título por si só é precioso achado), *"Nênia para os velhos arcazes"*, uma obra-prima, com a notável e nítida presença dos aspectos gótico e barroco, e, nesse sentido, referência maior do livro.

JOÃO CHARLIER FERNANDES nasceu em Caraúbas, sertão do Rio Grande do Norte, no dia 20 de maio de 1944, filho de Reinaldo Fernandes Pimenta, tabelião público, titular do 2º Cartório Judiciário da Comarca de Caraúbas, e de Gizélia Gurgel Fernandes Pimenta, ambos de tradicionais famílias sertanejas. Após concluir o primário em Caraúbas, veio para Natal, onde concluiu, no Atheneu, o curso clássico. Desde criança, lê muito, e suas primeiras produções poéticas datam de sua adolescência. Participou, em Natal, do chamado "Movimento dos Novíssimos", que agrupava jovens escritores da época (início da década de 1960). Incluído em diversas antologias, publicou na imprensa local e nacional. Poeta, ensaísta e crítico literário premiado. Só recentemente, em março de 2016, surge o seu belíssimo "Entrega ao Mito", do qual extraio a joia - joia entre joias - e aqui a reproduzo.

Enfim, eis os poemas, na sequência das datas de publicação das obras que os incluem ("Livro das Odes", de 2012; "Entrega ao Mito", de 2016), e espero em Plutarco (que na inspiração e no exemplo me emprestou régua e compasso) a sua aprovação ao método e às escolhas:

De NELSON PATRIOTA:

ODE À OCULTA VOZ

Há uma voz por trás dos teus poemas
que me fala com palavras
mas ecoa nos meus ouvidos
com a doçura do vinho que bebo nos teus beijos
há uma voz por trás dos teus poemas
que me diz mais do que diriam tratados e cabalas
que não tergiversa a respeito das coisas verazes
e que dá aos fatos da vida a dimensão que eles merecem
há uma voz por trás dos teus poemas
que faz confidências de teus sonhos de mulher
e te digo que sim
que por tua causa
fiz-me devoto de uma seita ainda inominada
mas capaz de cumular-me de dádivas inenarráveis;
que por tua causa
tornei-me infenso a tudo que não lembre o
branco do mármore
ou o bruto granito dos sentidos
que por tua causa
fiz de ti a minha causa
aquela pela qual serei capaz de coisas
que nem aos meus olhos confesso
(coisas que sei que, se somadas às aspirações dos
outros homens

poderiam abalar os alicerces da ordem e do caos
de um universo inteiro)
por isso
e pelo mais que dispensa dicção
digo que tens a chave, a senha, o código
desse segredo
Correntes de luz e trevas se digladiam ante nossos
olhos
Ignora-as
Amigos laicos e devotos sugerem, preocupados,
medidas saneadoras para os nossos desvios
doutrinários
Ignora-os
Nossos amigos mais chegados, constrangidos,
Fazem um ar pesaroso às nossas costas,
(deplorando as "loucuras" que ainda faremos)
ignora-os ainda assim
Nossos filhos temem que de tanto agirmos sob o
domínio
dos nossos egoísticos propósitos
Terminemos nos desgarrando como dois pássaros
ébrios
Lançados num voo cego
Ousa ignorá-los, se fores capaz
A vida, Laura,
a preciosa vida
nos chama!

De JOÃO CHARLIER FERNANDES:

NÊNIA PARA OS VELHOS ARCAZES

Arcas: memória que eu prendo
Mas redimo.
Nelas ficaram os epitáfios
E os meus passos
Quase mantos frios.

Guardiãs de trapos
E pedaços
Nelas ficaram os ornatos
De aios e magos alados
Florões de traços
Esmagados
Pelos pálios.
Arcas: grã-vassalas
Dos vesanos
Nelas só ficaram os
Desenganos.

HORÁCIO DE PAIVA OLIVEIRA é poeta, advogado, escritor, presidente da Academia Macauense de Letras e Artes – AMLA, membro da União Brasileira de Escritores – UBE/RN, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – IHGRN.

AUTA DE SOUZA E PALMYRA WANDERLEY

O BRILHO QUE SE FEZ SOL

Silvanete Pereira da Silva Oliveira

1 INTRODUÇÃO

Na produção literária do Rio Grande do Norte, não podemos nos abster dos movimentos sócio-intelectuais que impulsionaram os chamados grupos poéticos do Estado e que se fizeram no tempo, espaço, tanto pessoais quanto sociais. Nas obras desses grupos encontraremos elementos do que se toma como tempo (passado, presente e futuro), com características da vida do autor (família, dores, amores), de sua região (natureza, costumes) ou fatos sociais (política, religião, interações sociais) para compor e transformar emoções em elementos da história do tempo vivido. Por tanto, contextualizar as poetisas em questão é lembrá-las no cenário potiguar e nos desafios na sua trajetória em seu tempo, espaço do particular e público. Destacamos, na visão de Alfredo Bosi (2008), a instância poética:

> [...] a instância poética parece tirar do passado e da memória à existência; não de um passado cronológico puro – o dos tempos já mortos –, mas de um passado presente cujas dimensões míticas se atualizam [...]. A épica e a lírica são expressões de um tempo forte (social e individual) que já se adensou o bastante para ser reevocado (*sic*) pela memória da linguagem. (BOSI, 2008, p.131-132)

Nesse ponto, de não nos determos a um tempo puramente cronológico, mas de significação ao espaço vivido e visto, destacamos autores elencadas com suas poesias em uma nova fase da literatura brasileira: o romantismo. De antemão, este trabalho tem a intenção de apresentar poemas das escritoras Auta de Souza e Palmyra Wanderley num aporte aos elementos da fase Romântica contida em suas produções como forma de comparação e, também, em composição a seu grupo familiar, na busca por elos na formação intelectual e de produção às suas obras. Para pensar no estudo destacaremos poemas que exaltam, opõem e revelem os percalços em sensações, impressões, em dores e amores que das suas almas escapavam e ultrapassaram seu corpo para compor no papel versos do que foi vivido ou visto. Neste estudo, em vias gerais, dispomos das seguintes reflexões: a quem interessava a produção literária, especificamente a da poesia, em meio aos contratempos da metade século XIX até a metade do século XX em uma província como a do Rio Grande do Norte? A demanda era vista por quem? Quem eram os seus produtores e consumidores? Onde eram divulgadas essas produções? Essas questões irão nortear este trabalho como chamado para as configurações dos ciclos sociais em seus espaços, no entanto, não é nosso objetivo respondê-las pontualmente, e sim de perceber as contribuições no quadro local de uma Natal em ascensão.

Com isso, as obras destacadas aqui terão lembranças da demanda dos padrões e discurso das suas produtoras - Auta de Souza e Palmyra Wanderley - que mesmo com o rigor para adequações souberam conduzir seus esforços para a maestria, no qual os poemas além da beleza simbólica e lírica destacam os anseios particulares e sociais tão lancinantes dos momentos vividos. No que podemos destacar como anseio particular (dores, amores, indagações) para a reflexão social (configurações locais), Alfredo Bosi (2008), aponta que "O poema aparece em nossa cultura atulhada de empecilhos como um ato de presença puro, forte, arroubado, premente." (BOSI, 2008, p.141). Diante dessas configurações, ainda destacamos a figura da mulher nos entraves do poderio masculino na produção e divulgação da poesia local da época.

Para sistematizar o trabalho, dividimos este em: "Um lugar ao sol na cidade em ascensão", que sintetiza a importância do grupo familiar das autoras que direcionaram ou incentivaram a produção e lança as configurações sociais das poetisas em "O brilho na poesia local", onde discutimos os poemas em um contexto romântico e de seus elementos.

2 UM LUGAR AO SOL NA CIDADE EM ASCENSÃO

No quadro local quanto às primeiras produções literárias, as poetisas que se destacaram, certamente, foram Auta de Souza (1876-1901) e Palmyra Wanderley (1894-1978). É notória a importância de suas obras para enaltecer o trabalho intelectual das mulheres norte-rio-grandenses. As representantes apresentaram poemas que perpassaram o seu tempo e tornaram-se exemplos de conquistas em uma época em que era comum silenciar quem já não tinha voz. Sem dúvidas as poetisas em destaque, não foram as únicas que se lançaram no quase intocável mando viril de seu tempo, mas nos portamos a elas como referencial de reconhecimento que tiveram diante do campo ocupado. Já em *Alma patrícia*, livro de Luís da Câmara Cascudo, elas foram citadas entre dezoito grandes nomes da seleta obra potiguar, como assinala Alexandre Alves:

> Em suma, os poetas potiguares do início do século XX eram, praticamente, "mimetizadores" da escassa literatura que chegava às terras norte-rio-grandenses, não escapando aos padrões da época, como era de se esperar. No transcorrer de *Alma patrícia*, a primeira obra no estado a dar conta da esporádica produção literária norte-rio-grandense, há dados biobibliográficos de dezoito autores e entre os citados surgem Auta de Souza (1876-1901), Segundo Wander-

> ley (1860-1909), Henrique Castriciano (1874-1947), Ferreira Itajubá (1876-1912), Gothardo Neto (1881-1911) e Palmyra Wanderley (1894-1978). (ALVES, 2011, p.14).

Com certa modéstia e distanciamento quanto à vasta produção dos centros literários, os acontecimentos com vista à produção e os grupos sociais, permearam o Estado com ares de refinamento. Para melhor visualizar as poetisas em seus pares, sintetizamos o seu grupo familiar na busca por elos na formação intelectual e de produção das suas obras.

Comecemos, portanto, com Auta de Souza (1876-1901). Filha de ilustres comerciantes de Macaíba, cidade onde nasceu. Logo após o falecimento de seus pais acometidos pela tuberculose (doença que também foi algoz da poetisa) foi adotada, ela e seus irmãos, por sua avó materna, conhecida por Dindinha. Foram cercados por todos os cuidados, receberam boa educação e cresceram em um ambiente propício aos percursos intelectuais. Nessa perspectiva, de onde ela estava inserida, surgiu a maestria poética que encantou e marcou o nome da mulher no círculo de intelectuais da região do Rio Grande do Norte. Segue abaixo uma sucinta descrição para localização - autor e leitor - sobre a importância da família Castriciano na região e na construção intelectual da autora do *Horto*.

Quadro 1[1] – Componentes Familiares de Autora

Francisco De Paula Rodrigues ___ -1882 (Avô materno)	Comerciante e proprietário da Paula, Eloy e CIA, financiadora de algodão e açúcar.

1 Cascudo, Luís da Câmara. Vida Breve de Auta de Souza.

Silvina Maria Da Conceição De Paula Rodrigues (Dindinha – avó materna). 1828-1908	Demonstrou saber muito mais, orientar e formar da moral prática. A vida de seus netos foi a sua própria vida.
Eloy Castriciano De Souza 1842-1881 (Pai de Auta)	Comerciante e proprietário da Paula, Eloy e CIA, financiadora de algodão e açúcar. Foi governador local / deputado provincial.
Henriqueta Leopoldina Rodrigues 1852-1879 (Mãe de Auta)	Sinhazinha típica da sua época. Casa-se com dezenove anos incompletos e se torna mulher e mãe dedicada.
Eloy Castriciano de Sousa 1873-1959 (Irmão de Auta)	Deputado em oito legislaturas federais e duas vezes senador da República (Fica no Rio de Janeiro. Vem ao Estado nas "férias parlamentares"). Publicou em A República muitos e bons sonetos.
Henrique Castriciano De Sousa 1874-1947 (Irmão de Auta)	Teve nove anos como vice-governador do Estado, fundador da Escola Doméstica. Divulgou seu primeiro livro aos 18 anos.
Irineu Leão Rodrigues De Sousa 1875-1887 (Irmão de Auta)	Escrevia poemas já aos doze anos. Foi vítima de acidente com um candeeiro que o levou a óbito.

Auta Henriqueta de Souza 1876-1901	Estudou no Colégio de São Vicente de Paulo, em Recife, aprendeu o idioma Francês. Era frequentadora assídua da, iniciante, biblioteca particular do irmão Henrique.
João Câncio Rodrigues de Souza 1877-1933 (Irmão de Auta)	Poetava e tocava piano. Foi o único a deixar descendência.

Importante também para o estado foi a família Wanderley. Influentes na vida política e intelectual da cidade construíram carreiras no cenário das artes, letras, políticas de Assu e Natal. Palmyra, filha e neta de escritores, com tios e tias engajados nos movimentos sociais e culturais dos arredores, seguiu carreira nos escritos da família. Teve excelente educação, onde pode estudar no Recife e quando retornou à cidade do Natal teve grande participação dos seus escritos em jornais e revistas. Com auxílio do governo do estado norte-rio-grandense publicou seu primeiro livro, em 1918, intitulado *Esmeraldas*. Em 1930 publicou seu segundo livro, *Roseira Brava*, edição premiada pela *Academia Brasileira de Letras*. Igual à poetisa anterior, segue uma descrição sucinta da família Wanderley.

Quadro 2[2] – Componentes Familiares de Palmyra Wanderley.

Luiz Carlos Lins Wanderley 1831-1890 (Avô paterno)	Natural de Assú. Primeiro médico natural do estado, considerado o primeiro romancista do Rio Grande do Norte. Foi comendador, vice-presidente da província, deputado estadual da Assembleia Legislativa, além de ser dono de uma tipografia.

2 SILVA, Maiara Juliana Gonçalves. A vida intelectual dos natalenses

Francisca Carolina Wanderley (Avó paterna)	Esposa e avó dedicada.
Manoel Segundo Wanderley (tio de Palmyra)	Nascido em Natal, era médico e poeta. Foi professor do colégio Atheneu, inspetor de saúde, de higiene no porto de Natal, diretor do Hospital da Caridade e deputado estadual.
Ezequiel Wanderley (tio de Palmyra)	Fazia parte do clube escolástico norte-rio-grandense, local de aglutinação dos intelectuais. Escreveu o livro Poetas do Rio Grande do Norte, em 1922. Fundador do "café o Potiguarânia" (frequentado por seleto grupo da sociedade).
Celestino Carlos Wanderley 1862-1942 (Pai de Palmyra)	Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, nascido em Assú, exerceu os cargos de Promotor Público, Procurador Fiscal do Tesouro Estadual, Procurador da República e Juiz Substituto Federal. Foi escritor de poemas e contos.

Anna Guimarães Wanderley (Mãe de Palmyra)	Escritora
Palmyra dos Guimarães Wanderley 1894-1978	Estudou no Colégio da Imaculada Conceição, completou seus estudos em Recife, no Colégio das Damas Cristãs. Escritora, poeta, editora e uma das fundadoras da revista Via-Láctea.
Carolina Wanderley 1891-1975 (prima de Palmyra)	Poeta e, também, fundadora da revista Via-Láctea, foi professora primária e colaborou com diversos jornais e revistas de seu tempo.
Maria Carolina Wanderley Caldas 1876-1954 (Sinhazinha Wandeley era tia de Palmyra)	Foi professora e trabalhou no Grupo Escolar Tenente-Coronel José Correia. Colaborou com diferentes jornais do Estado. Escreveu poemas, textos em prosa, hinos e peças teatrais apresentadas pelos seus alunos.

Percebemos com a verificação dos quadros, o cenário de cada autora, onde se norteia um grupo distinto de intelectuais que contribuíram para a ascensão das suas produções, sendo mais aceitável (nunca fácil) uma exposição aos seus trabalhos. Dentro de seus modos de representações e de manifestações, a poesia circu-

lou por salões, sobrados, festas, cerimônias, cafés, clubes, editoras sendo que "No interior desses ambientes, ocorreram práticas de socialização que possibilitaram a formação de círculos de amizade, a constituição de grupos, e às trocas e debates acerca das produções literárias" (SILVA, 2014, p.321). Aos poucos e com os grupos de amigos, as nossas poetisas foram se embreando à casta social norte-rio-grandense no que se refere à divulgação das suas obras. Dessa maneira, localizamos as autoras em um lugar de privilégio social, mas com grandes batalhas no que se diz respeito ao espaço ocupado por elas na produção poética e em suas próprias dores[3], na busca por um lugar ao sol na poética do Estado. No estudo organizado por Constância Lima Duarte e Diva Cunha que deu origem ao livro *Via-láctea de Palmyra e Carolina Wanderley* (2003, p.12), as pesquisadoras mostram indícios desse lugar ocupado pelas mulheres intelectuais da época:

> Desde o início, tínhamos consciência de que o "cuidado" que a sociedade declarava ter para com a mulher e a ênfase na sua fragilidade, serviam, na verdade, para encobrir a discriminação a que o gênero feminino estava submetido. [...]. A grande descoberta foi encontrar aqui e ali, uma voz ousando romper o círculo – afetuoso sim, mas de ferro trançado – e produzindo trabalhos que atestam e marcam sua presença no mundo. (DUARTE; CUNHA , 2003, p.12)

Em contraposição aos obstáculos que as poetisas viveram, o aparato familiar trouxe-lhes bons incentivos aos seus estudos e certo direcionamento aos seus trabalhos. No entanto, declaramos que o poderio familiar serviu (bem necessário) para dar-lhes certa visibilidade numa província nordestina quase que esquecida dos

grandes centros da Metrópole. Nada foi, portanto, uma delimitação à expressividade das escritoras, pelo contrário cada uma declarou a contento versos dos mais diferentes sentimentos às suas dores e amores, ao seu lugar e às pessoas ao seu redor.

3 O BRILHO NA POESIA LOCAL

Com a chegada da família real no Brasil (1808) e com as convicções da independência (1822), o Romantismo (1836 a 1881) ganha força no país em meados do século XIX. Com isso cresce nos escritos nacionais elementos de sentimentalismo, individualismo, uma valorização nacionalista e exaltação à natureza, como destaca Antonio Candido (1999) "No Romantismo predomina a dimensão mais localista, com o esforço de ser diferente, afirmar a peculiaridade, criar uma expressão nova e se possível única, para manifestar a singularidade do país e do Eu." (CANDIDO, 1999, p.38). Diante desta fase a construção literária do estado não se estabelece em linha cronológica com o resto do país. Em estudo sobre os Pós-Românticos no Rio Grande do Norte, o professor Humberto Hermenegildo Araújo (2004) destaca o desequilíbrio das produções românticas já em um período considerado a entrada da primeira fase do modernismo (1922 a 1930):

> [...] o momento correspondente ao período que se poderia chamar de "pós-romântico" e que vai, grosso modo, de 1880 a 1922. [...] Nesse período, assim como no subseqüente (modernista), existia o desequilíbrio entre "algumas toneladas de poema" e a inexistência do romance [...]. (ARAÚJO, 2004, p.2)

3 Auta de Souza Foi diagnosticada aos 14 anos com tuberculose morrendo aos 25 anos, não realizou o sonho das moças da época: casar e construir uma família, Palmira Wanderley teve um grande sofrimento quando perdeu seu noivo no dia do seu aniversário de 28 anos. Casa-se, mais tarde, não deixa descendente, seus bens são delapidados, morre aos 85 anos só e pobre.

É, então, nas manifestações sentimentais, do lirismo e da exaltação do cenário local que configura-se a fase romântica do país e tem no poema "a sua sede principal" (CANDIDO, 1999, p.40). Para tratarmos os poemas aqui descritos é necessário um pequeno recorte, ou seja, salientamos que a obra ganha diferentes interpretações pelos olhos e ouvidos do leitor. O poeta e sua obra sempre estarão em tempos diferentes, retratando um passado no presente, com imagens e comportamentos do que um dia foi estrutura ou emoção, sendo, então, presente para retratar em defesa à vida, convicções e sentimentos. Sentimentos estes, que despertam e afligem pensamentos individuais, não cabendo a quem sugere uma nova leitura ser o ponto final das emoções retratadas, porque nem tudo que vai ao papel pode ser definido como verdade absoluta, visto que o poeta esconde em sua infinita alma mais coisas do que sai de suas mãos. Nesta defesa, a um posicionamento de quem sugere uma nova interpretação é indicada por Luís da Câmara Cascudo em *Vida Breve de Auta de Souza*, que declara:

> O tempo é um revelador, valorizador, renovador. Mas tudo isso em fórmulas sucessivas, vivendo e olhando. [...], Um poeta, um romancista, um pintor, um músico são sempre vítimas do julgamento coletivo consagrador, feito com o mosaico dos lugares comuns lustrosos. Fixam o gabarito e a estatura que se mantém, bem pode ser diversa da realidade interior. (CASCUDO, 2008, p.29)

Desse ponto, buscaremos nos versos elementos que interligue poemas das autoras em uma fase denominada de romântica, numa apresentação a elementos locais e de dores postas em circulação em seus versos do seu presente para transbordarem em versos do

que as fez vida. Vida essa, que transcorre do Romantismo e brota dos poemas símbolos, figuras, imagens e elementos do brilho local. Acompanhemos os poemas das autoras de *Horto* e de *Roseira Brava*.

O Beija-flor

Acostumei-me a vê-lo todo dia
De manhãzinha, alegre e prazenteiro,
Beijando as brancas flores de um canteiro
No meu Jardim – a pátria da ambrosia.

Pequeno e lindo, só me parecia
Que era da noite o sonho derradeiro...
Vinha trazer às rosas o primeiro
Beijo do Sol, nessa manhã tão fria!

Um dia, foi-se e não voltou... Mas, quando
A suspirar, me ponho contemplando,
Sombria e triste, o meu jardim risonho...

Digo, a pensar no tempo já passado:
Talvez, ó coração amargurado,
Aquele beija-flor fosse o teu sonho!

(Souza, Auta de. *Horto*, outros poemas e ressonância. 2009, p.105)

Soneto da distância

Muito mais que tristeza! Uma amargura
Me dói no coração, pobre e sozinho.
Aflito, o meu olhar o teu procura,
Sem poder alcançar-te no caminho.

Insisto em ver-te, mas, que desventura!
Nem, sequer, os teus passos adivinho...
Nem, ao menos, te avisto, que tortura!
Na distância se perde o meu carinho.

Solto a minha alma em busca, pela estrada;
Tu partiste mais cedo que a alvorada.
Ninguém me dá notícia, que maldade!

E eu fico o dia inteiro a procurar-te
Em vez de ti, encontro em toda parte,
A sombra pensativa da saudade.

(*Roseira Brava*, 1965, p.191)

No poema em destaque de Auta de Souza como forma imagética, apresenta-se em "Beijando as brancas flores de um canteiro / No meu Jardim – a pátria da ambrósia." no qual, podemos nos portar para um lindo jardim de canteiros cheio de rosas brancas, em um belíssimo café matinal desfrutando um delicioso manjar dos deuses. Em *Manhã no Campo* (AUTA, 2006, p.188) podemos perceber, na primeira estrofe, essa cena imagética do oásis no campo.

Estendo os olhos pelo prado afora:
Verduras e flores é o que a vista alcança...
- Bendito oásis onde o olhar descansa
Quando saudades do Passado chora.

Em *Soneto da distância* encontramos nos versos "Solto a minha alma em busca, pela estrada" e "A sombra pensativa da saudade" a personificação das palavras alma e sombra, que ganham condições humanas quando a alma sai em busca pela cidade e a sombra tende a pensar. Vemos também em o *Tocador de Sinos,* em sua última estrofe, no primeiro verso, a personificação quando é sinalizado que os sinos contam.

E os sinos contando amargamente
Toda tristeza que seu peito invade,
Os sinos dobravam milagrosamente,
- E o tocador finou-se de saudade.
(*Via-láctea de Palmyra e Carolina Wanderley*, 2003, p.81)

Os sonetos – com duas quadras e dois tercetos – dispõem em estrofes rimadas entrelaçadas no primeiro e no segundo alternadas. Apresentam sentimentalismo marcado pela dor do eu lírico em *O Beija-flor* (A suspirar, me ponho contemplando, / Sombria e triste, o meu jardim risonho...) e também no *Soneto da distância* (Muito mais que tristeza! Uma amargura / Me dói no coração, pobre e sozinho.) Esse sentimentalismo permeia os dois sonetos que transcorrem em dor até o final. Uma dor de saudade, mas consciente de que não há volta, só existem o sonho e o pensamento de outrora. Essa saudade vai permear os sonetos em lembrança e em significado no presente vivido no poema, sendo que o eu lírico porta-se ao passado para reviver antigas lembranças. Nesse contexto, podemos perceber a retomada de um passado tanto no poema de Auta de Souza (Digo, a pensar no tempo já passado:) quanto no de Palmyra Wanderley (A sombra pensativa da saudade.).

Outro ponto que podemos destacar é a ideia atrelada à inércia e ao movimento. Enquanto no poema de Auta de Souza encontramos um eu lírico observador que faz referência ao observado sem quase movimento (Acostumei-me a vê-lo todo dia / A suspirar, me ponho contemplando); no poema de Palmyra Wanderley encontramos versos que atestam uma grande movimentação do eu lírico (Aflito, o meu olhar o teu procura, / Sem poder alcançar-te no caminho. / E eu fico o dia inteiro a procurar-te / Em vez de ti, encontro em tôda parte,). Esta ideia de movimento e inércia pode ser discutida pela própria condição da saúde de Auta de Souza porque ao fazer versos, na maioria das vezes, tinha seu quadro agonizante como inspiração. Vejamos no trecho a seguir de *Ao meu bom anjo* uma passagem desse quadro de luta.

Quero fugir do mundo tenebroso,
Labirinto de dores...
Mensageiro divino, vem comigo,
Quero sonhar, viver, sorrir contigo,
No Éden há só flores!
(AUTA, 2009, p.78)

Vemos no poema um eu lírico pedindo socorro pela sua condição, e afirma que há um lugar em que se pode viver sem dor (No Éden há só flores!). As flores são usadas como metáfora de paz para o seu mundo tenebroso (Quero fugir do mundo tenebroso).

Palmyra Wanderley vem também com forte sentimento de dor, característico da fase romântica, mas o eu lírico sensibiliza-se com a dor e a condição do outro, no exaltar do cenário local. Segue trecho, para observação, do soneto *Nordeste*:

Que mais feliz o teu destino fôsse,
Do que sujeito ao sol que te consome.
Pedes na seca a esmola de água doce

E um pedaço de pão porque tens fome.
(Roseira brava, 1965, p.145)

Como visto o romantismo apresenta-se nos poemas das duas autoras que em meio a versos, estrofes, rimas, em dores, amores e nos elementos sociais destacam-se no cenário potiguar e nos desafios das suas próprias vidas.

4 CONCLUSÃO

As escritoras, a partir de sua poética, retrataram bem a fase romântica da literatura, na vida cotidiana e nas configurações locais na mais profunda lírica do "Eu". Seus trabalhos cheios de simbolismos, exaltação da natureza, evocação religiosa, retratam suas dores, amores numa beleza carregada de emoção e sentimento.

Nessas configurações destacamos a árdua luta das nossas poetisas no mando varonil, em seu tempo. Elas tiveram narrativas importantes na elite e intelectualidade potiguar, na qual jogaram luz a outras pautas em relação às mulheres norte-rio-grandenses que se projetaram ao longo dos seus diferentes escritos e que nos permitem continuar em narrativas diversas, sejamos nós de qual grupo quisermos ser.

Para tanto, o percurso que fizemos até este ponto, é fecundo. Não cabe aqui ou em outro trabalho o fim das reflexões do que se fez ou do que se faz poeta e poema no Rio Grande do Norte, porque o que é pertinente a todas as produções daqui ou dali, do mais célebre ou do mais singelo, no ponto sobre estudos e estudados, é o poder falar dos poemas e dessas produções que perpassam tempos e se tornaram história de vida em nossa localidade, propagando elementos, discursos, e lutas para além da nossa limitada província.

Enfim, é desejo que o brilho da poesia e de seus poetas, poetisas seja cada vez mais ressignificado, apreciado e vislumbrado em diferentes instâncias, ao contrário do que era (?), e tome pro-

porções de sol em nossa cidade, ainda em ascensão no reconhecimento e divulgação da poesia local.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alexandre Bezerra. À esquina de um país: panorama potiguar entre 1900-1920. *In*: ____ **Poesia Submersa**: poetas e poemas no RN. Mossoró: Queima-Bucha, 2014. p.13-48

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. Pós-românticos no Rio Grande do Norte. *In*: LINO, Joselita Bezerra da Silva; SILVA, Francisco Ivan da (org.). **Múltipla palavra**: ensaios de literatura. João Pessoa: Ideia, 2004, p. 93-104.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesi**a. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vida breve de Auta de Souza**: 1876-1901. Natal: EDUFRN, 2008.

SILVA, Maiara Juliana Gonçalves da. **Em cada rua, um poeta. Em cada esquina, um jornal: a vida intelectual natalense (1889-1930)**. 2014, 343f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. 2014.

SOUZA, Auta de. Horto, outros poemas e ressonâncias: obras reunidas. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2009.

Via Láctea de Palmyra e Carolina Wanderley. Natal, 1914 – 1915 / Estudo, organização e notas Constância Luma Duarte, Diva Maria Cunha Pereira de Macêdo. _ Natal, RN: Editora NAC, CCHLA/ NEPAM, Sebo Vermelho, 2003. 126 p.

SILVANETE PEREIRA DA SILVA OLIVEIRA Graduada em Pedagogia (2016) e pós-graduada em Literatura e Cultura do Rio Grande do Norte (2018) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora em atuação na Educação Infantil (2016).

QUEM FOI PADRE IBIAPINA?

Benedito Vasconcelos Mendes

Padre-mestre Ibiapina (José Antônio Pereira Ibiapina, 1806-1883) foi um professor, advogado, juiz de direito, chefe de polícia (delegado), deputado geral do império (deputado federal) e padre diocesano cearense, que se tornou famoso em todo o Nordeste brasileiro, por suas ações como missionário evangelizador e como filantropo, no interior dos Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Suas viagens entre cidades litorâneas eram feitas em barcos ou navios (vapor) e nos sertões e serras, a pé, em carro de boi, a cavalo e quando ficou paralítico, fazia pequenas viagens em liteiras e redes, levadas nos ombros de beatos e de fiéis. Nasceu em Sobral-CE e morreu na Casa de Caridade de Santa Fé, no município de Solânea-PB, onde passou os últimos 10 anos de vida e lá foi sepultado.

Ibiapina, depois de ter sido noivo, Professor da Faculdade de Direito de Olinda-PE, Juiz de Direito e Chefe de Polícia em Quixeramobim-CE, Deputado Geral do Império no Rio de Janeiro e Advogado famoso em Areia-PB e em Recife-PE, decidiu, aos 47 anos incompletos, ser Padre e experimentar uma prática sacerdotal diferente, idealizada por ele, baseada na caridade, no trabalho, na penitência, na oração, no aconselhamento, na evangelização e na administração dos Sacramentos da Igreja Católica. Foi o primeiro líder religioso a exercitar a religião no templo e fora dele, cuidando do espírito e do corpo dos mais necessitados. Foi pioneiro na realização de uma prática religiosa singular, que tinha a caridade e o amor ao próximo como bens maiores. Este modo distinto de fazer religião, usado nos sertões nordestinos, aproveitava algumas tradições culturais dos sertanejos, como o misticismo, o apadrinhamento, o aconselhamento, a romaria e o trabalho no sistema de mutirão. Vários outros líderes religiosos carismáticos sertanejos,

contemporâneos do Padre-mestre Ibiapina, copiaram sua maneira diferente de praticar a religião. O Beato Antônio Conselheiro, por exemplo, com exceção das casas de caridade e dos hospitais, fazia tudo que Padre Ibiapina fazia: construía capelas, igrejas, cruzeiros e cemitérios. Para ajudar os mais necessitados, fazia roçados, barreiros (pequenos açudes) e cacimbões, sempre utilizando o sistema de mutirão. Ele só não edificava hospitais e casas de caridade, porque não merecia o apoio das classes abastadas dos lugares onde atuava. Somente os ricos podiam colaborar financeiramente, para criar e manter em funcionamento os hospitais e as casas de caridade. O Beato Antônio Conselheiro praticava um tipo de religião marginal, voltada exclusivamente, para os pobres e miseráveis e sem apoio dos padres e sem ajuda financeira dos letrados e poderosos das vilas e cidades que visitava. O Padre-mestre Ibiapina era o missionário das multidões, detentor de uma oratória eloquente, convincente, madura, elegante, coerente e que transmitia muita fé em Deus e na Santa Igreja Católica. Ibiapina foi o peregrino que evangelizou e transmitiu a fé, o missionário que praticou, com excelência, a caridade e o benfeitor que melhorou a vida dos mais necessitados. Seu biógrafo Celso Marques Mariz, 1885-1982, o denominou "Apóstolo do Nordeste" e o Padre Francisco Sadoc de Araújo, 1931- , em sua bem documentada obra sobre o Padre Ibiapina, o chamou de "Peregrino da Caridade". O grande sociólogo Gilberto de Mello Freyre, 1900-1987, considerou o Padre Ibiapina como a maior figura da Igreja Católica no Brasil, sob a ótica do cristianismo social. O povo o chamava de "Santo do Nordeste", "Santo Missionário", "Pregador das Missões", "Evangelizador do Sertão", "Peregrino Evangelizador", "Apóstolo do Nordeste", "Santo Peregrino" e outros nomes.

Padre Ibiapina introduziu uma forma de saudação, que ainda hoje é usada pelos sertanejos da região semiárida:"Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo". Resposta: "Para sempre seja Louvado".

- **DESCENDÊNCIA FAMILIAR**

Padre Ibiapina era descendente de tradicionais e abastadas famílias sobralenses. Seus pais, Francisco Miguel Pereira, 1774-1825 e Tereza Maria de Jesus, 1785-1823, provinham de famílias importantes da região, com boas tradições morais, culturais e religiosas e de elevadas posições sociais e financeira. Eram proprietários da Fazenda Olho D'água, onde nasceu, foi batizado e viveu até os 10 anos de idade o Padre Ibiapina. A Fazenda Olho D'água localizava-se a cerca de 40 quilômetros do centro da cidade de Sobral, na direção da Serra da Ibiapaba. O pai do Padre Ibiapina, Francisco Miguel, no final de sua vida, devido ao seu engajamento e ao de seu filho mais velho, Alexandre Raimundo Pereira Ibiapina, 1804-1826, na Confederação do Equador, passou por sérias dificuldades financeiras, tendo morrido pobre e com muitas dívidas. Com o desfecho da revolução (Confederação do Equador), pai e filho foram condenados à pena capital. O pai, Francisco Miguel, não teve perdão e foi fuzilado no dia 7 de maio de 1825, no antigo Campo da Pólvora, atual Passeio Público, em Fortaleza, onde dias antes já tinham sido fuzilados Coronel João de Andrade Pessoa (Pessoa Anta), 1787-1825, e Padre Mororó (Gonçalo Inácio de Loyola Albuquerque e Mello, 1774-1825), que também foram mártires da Confederação do Equador. Seu filho, Alexandre Raimundo, foi condenado à morte, juntamente com o pai, mas teve a pena comutada em degredo perpétuo, na Ilha de Fernando Noronha, e lá teve morte misteriosa nos penhascos ao redor do Forte dos Remédios, talvez empurrado por soldados nos desfiladeiros, que descem até ao mar.

Francisco Miguel teve oito filhos, quatro homens e quatro mulheres, sendo o terceiro deles, o Padre Ibiapina. Além de Sobral, Francisco Miguel e sua família moraram em Ibiapina-CE (alguns meses de 1816), Icó-CE (1816-1819), Crato-CE (1819- 1822) e Fortaleza (1822-1825). Em Icó e no Crato desempenhou a função de Escrivão e Tabelião e em Fortaleza exerceu o cargo de Escrivão da Fazenda. Em 1823, já residindo em Fortaleza, perdeu

sua mulher e em agosto de 1824, viúvo, envolveu-se de corpo e alma, juntamente com seu filho Alexandre Raimundo, no movimento revolucionário Confederação do Equador, que culminou com sua prisão, após a morte de seu comandante Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, 1789-1825, que também era o Presidente da República do Equador no Ceará. A morte de Tristão Gonçalves e a prisão de Francisco Miguel e de seu filho Alexandre Raimundo ocorreram no dia 31 de outubro de 1824, na cidade de Jaguaribara, no interior do Ceará. Na Confederação do Equador ocupou o posto militar de Tenente-coronel e foi eleito Deputado Constituinte, representando o Ceará junto à Assembleia Constituinte da Confederação do Equador.

Era costume entre os confederados escolher um "nome de guerra", que era adicionado como sobrenome. Antônio Miguel escolheu "Ibiapina", alterando, assim, seu nome para Antônio Miguel Pereira Ibiapina. Depois seus filhos também adotaram o sobrenome Ibiapina.

• FORMAÇÃO EM DIREITO E EXERCÍCIO DAS FUNÇÕES DE PROFESSOR UNIVERSITÁRIO, DEPUTADO DO IMPÉRIO, JUIZ DE DIREITO E CHEFE DE POLÍCIA

Em 1832, Ibiapina formou-se na primeira turma do Curso de Ciências Jurídicas e Sociais (Direito) da pioneira e histórica Academia de Ciências Sociais e Jurídicas da Cidade de Olinda, uma das duas primeiras faculdades de direito criadas no Brasil, em 1827, juntamente com a famosa Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, em São Paulo-SP. Inteligente e estudioso que era, ao terminar o curso, foi ser professor de Direito Natural, na faculdade onde se formou e, por coincidência, o seu irmão João Carlos Pereira Ibiapina, 1810-1875, foi seu aluno. Ao terminar o ano letivo como professor da Faculdade de Direito de Olinda, foi à Fortaleza

para se casar com sua noiva, Carolina Clarense de Alencar Araripe, 1817-1867, porém foi surpreendido com a notícia do casamento inesperado de sua noiva com um primo dela, Antônio Ferreira Lima Sucupira. Carolina Clarense era filha do Presidente da República do Equador no Ceará, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe.

Em 1834, Ibiapina tomou posse como Deputado Geral do Império, representando o Estado do Ceará na Assembleia Legislativa Nacional, para a legislatura de 1834-1837. Após os trabalhos legislativos como Deputado Geral do Império, do ano de 1834, no Rio de Janeiro, ele voltou ao Ceará e tomou posse como o primeiro Juiz de Direito da Comarca de Campo Maior, hoje, Quixeramobim-CE, cargo para o qual tinha sido nomeado, a cerca de um ano atrás, por Carta Imperial de 13 de dezembro de 1833. Em Quixeramobim, por solicitação do Governador do Ceará, Padre José Martiniano Pereira de Alencar, 1794-1860, ele assumiu também a Chefia de Polícia da citada cidade. Ocupou o cargo de Juiz de Direito durante três meses e no começo de 1835 pediu demissão e voltou ao Rio de Janeiro para exercer suas funções de Deputado.

- **EXERCÍCIO DA ADVOCACIA**

Ao encerrar-se o seu mandato de Deputado na Assembleia Nacional em 1837, Ibiapina não quis mais continuar na vida política e retornou a Recife, onde pretendia abrir escritório de advocacia, mas iniciou sua vida de advogado na Paraíba, atuando no fórum da Vila Real do Brejo de Areia, onde residiu por cerca de três anos e ficou famoso como advogado criminalista. Sua atuação como advogado foi excepcional. Ficou na história a antológica defesa que o Dr. Ibiapina fez de um pobre e desgraçado réu (Felipe José da Silva, natural de Acari-RN, que morava na comunidade de Poções, próximo de Areia-PB), que estava sendo condenado à morte por enforcamento por ter matado o amante de sua esposa, quando o surpreendeu em pleno ato sexual com sua mulher (Maria Manuela da Conceição, nascida em Açu-RN). O amante era

o próprio pai dela e só fazia três meses que o jovem casal tinha se casado. Com a habilidade de competente criminalista que era, usando seus excepcionais dotes oratórios e tendo coerência na argumentação, conseguiu evitar a pena capital do desvalido réu. Este inusitado e complexo crime passional, envolvendo incesto, delito de adultério e homicídio, exigiu uma defesa minuciosa e competente, que Dr. Ibiapina fez por escrito. Este fato o transformou em mito. Os poetas populares fizeram ampla divulgação do ocorrido, em suas obras de cordel.

De 1840 a 1850, Ibiapina advogou em Recife-PE, onde conquistou merecida fama, por sua competência profissional. Residia com suas irmãs Maria José Ibiapina, 1814- e Ana Ibiapina, 1815-1912, além da preta Lulu, doméstica, que Ibiapina tinha como filha. Morava em uma pequena casa alugada na Rua Santa Rita, 37, no Bairro São José, em Recife. Em 1849, Dr. Ibiapina sofreu uma forte desilusão de sua profissão de advogado, quando tomou conhecimento da decisão judicial de dar ganho de causa ao adversário de um de seus clientes. Esta inesperada e injusta sentença feriu os sentimentos de honradez deste consciencioso advogado, que para preservar sua dignidade abandonou a profissão e passou a ter uma vida reclusa, de estudo e oração. Ibiapina devolveu ao seu constituinte a importância recebida pelos seus honorários advocatícios, doou aos colegas sua excelente biblioteca e tornou público sua decisão de nunca mais voltar a advogar.

• VIDA RECLUSA DE ESTUDO E MEDITAÇÃO

Dr. Ibiapina, desencantado do matrimônio, desenganado da política e da magistratura e agora desiludido da justiça dos homens resolveu dedicar-se, de maneira exclusiva, à prática religiosa, na esperança de encontrar a plena realização de sua vida. Embora Dr. Ibiapina tenha conseguido excelência em tudo que fazia, seu passado foi marcado por decepções e desilusões. Em 1850,

aos 44 anos de idade, após deixar de advogar, passou três anos morando em um sítio que tinha comprado, passando a ter uma vida reclusa de meditação e de oração.

O sítio onde o Padre Ibiapina ficou isolado, em vida contemplativa, de reflexão e de estudo aprofundado de Filosofia e Teologia, localizava-se à margem direita do Rio Capibaribe, em Caxangá, perto da povoação da Várzea, próxima de Recife. O local era bucólico, bonito, tinha um bem cuidado pomar, um florido e lindo jardim e uma Capela dedicada a São Francisco de Paula. As águas correntes e límpidas do Rio Capibaribe, que cortava a propriedade, completavam a beleza e a tranquilidade do local, apropriado para a reflexão e meditação. Ele usava a capela para as suas orações, meditações e para assistir à missa dominical, além de cuidar do jardim e do pomar, enquanto sua irmã caçula, Ana, preparava as refeições e a limpeza da casa. Neste ambiente de solidão, acolhedor e de paz, Ibiapina refletiu sobre seu passado, planejou o seu futuro e decidiu ser sacerdote, para servir a Deus e aos homens. Dr. Ibiapina analisou, minuciosamente, sua vida passada, de tantas e variadas vicissitudes e planejou o seu futuro. Em uma de suas reflexões, assim escreveu Dr. Ibiapina: "Desde o começo da minha vida, que as desgraças me cercam. Meu pai fuzilado pela política; meu irmão desterrado, onde morreu desgraçadamente; minhas irmãs, em tenra idade, abandonadas em casas de parentes, deram ao meu espírito uma direção tão penosa que aprendi a pensar seriamente, na idade da juventude, e com pendor sempre para as coisas penosas". Depois desta experiência contemplativa, Dr. Ibiapina conquistou a paz espiritual e decidiu realizar a vocação sacerdotal, que lhe acompanhava desde criança. Vendeu o referido sítio de Caxangá e com o dinheiro comprou a casa da Rua Santa Rita, em Recife, onde tinha morado.

- **ORDENAÇÃO SACERDOTAL E SEUS TRÊS PRIMEIROS ANOS DE PADRE**

Voltando a morar em Recife, depois de ter passado três anos afastado do convívio social, isolado em seu sítio de Caxangá, Dr. Ibiapina continuava com o firme propósito de ser padre, mas não externava esta vontade a ninguém. Certo dia, atendendo ao pedido de dois padres amigos do Dr. Ibiapina (Cônego Lourenço Correia de Sá e Padre Francisco José Tavares da Gama) e com o conhecimento do Bispo Dom João da Purificação Marques Perdigão, 1779-1864, o acadêmico Américo Militão, amigo comum dos dois padres, do Dr. Ibiapina e do Bispo Dom João, foi até a casa do destacado advogado sugerir que ele se ordenasse. Assim respondeu Dr. Ibiapina: "Senhor Américo, o Senhor foi mandado hoje aqui pela Providência. Saiba que meu espírito há muito luta com esta ideia e esse é o meu maior desejo, mas eu não me achava com coragem de me abrir com ninguém. Faça ver ao Senhor Dom João que quero ordenar-me, mas não me sujeito a exame nenhum. Se for possível assim, muito bem. Do contrário, nada se fará". Cerca de um mês depois, no dia 3 de julho de 1853, Dr. Ibiapina foi ordenado sacerdote, por Dom João da Purificação, com 47 anos incompletos. No dia 26 de julho do mesmo ano, na Igreja da Madre de Deus, em Recife e na presença de suas duas irmãs, Maria José e Ana, Padre Ibiapina celebrou sua primeira missa. Após ser ordenado, Padre Ibiapina foi nomeado, por seu Bispo Dom João da Purificação Marques Perdigão, para ser Vigário Geral da Diocese de Olinda e Recife, e depois, Lente de Eloquência Sagrada, no Seminário de Olinda. Também no Seminário Diocesano de Olinda, Padre Ibiapina foi professor da disciplina História Sagrada e Eclesiástica.

- **VIDA MISSIONÁRIA DE PEREGRINAÇÃO, EVANGELIZAÇÃO E CARIDADE**

Em 1855 ocorreu uma grave epidemia de cólera-morbo, que provocou milhares de mortes nas províncias (estados) nordestinas. Esta terrível peste sensibilizou tanto o Padre Ibiapina que ele decidiu abandonar o magistério no Seminário Diocesano de Olinda para se dedicar inteiramente aos doentes e miseráveis no interior do Nordeste.

No dia 8 de dezembro de 1855, por ocasião da celebração do primeiro aniversário da Proclamação do Dogma da Imaculada Conceição de Maria, Padre Ibiapina tomou a decisão de alterar o próprio nome, passando a assinar sem o sobrenome "Pereira", substituindo-o pelo complemento "de Maria", em homenagem à Mãe de Deus. A partir daí, Padre José Antônio de Maria Ibiapina iniciou sua vida de missionário peregrino, no interior do Nordeste, levando a mensagem confortadora e transformadora do Evangelho, juntamente, com o exercício da caridade aos sertanejos mais humildes e abandonados. Por cerca de 28 anos, o Padre-mestre Ibiapina peregrinou no interior de cinco Estados nordestinos (Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí) realizando as santas missões, onde pregava o evangelho, celebrava missas, novenas, batizados, casamentos e outros atos religiosos; fazia orações, prédicas e aconselhamentos; rezava o terço e o rosário; cantava o ofício de Nossa Senhora, salmos e ladainhas; entoava cânticos e louvores. Como líder comunitário, utilizando o trabalho dos fiéis no sistema de mutirão, construía igrejas, capelas, cruzeiros, cemitérios, fazia açudes, roçados, cacimbões, casas paroquiais, pequenas bibliotecas, hospitais, escolas e as benfazejas Casas de Caridade, que eram orfanatos para crianças abandonadas do sexo feminino. Ele construiu 22 Casas de Caridade, para criar, educar e dar formação moral, religiosa e profissional às crianças e jovens órfãs ou que os pais não tinham condições de criá-las e educá-las. Cada casa de caridade tinha seu regulamento, sua escola, sua capela, sua enfermaria, seus aposentos, sua cozinha e seu refeitório. As

internas recebiam educação formal, para aprenderem a ler, escrever e contar; educação religiosa e moral e educação profissional, onde recebiam aulas de corte e costura, bordado, fiação, tecelagem, arrumação da casa (cama, mesa e banho) e de culinária, além de artesanato de cipó e palha. Cada casa tinha suas cuidadoras, que eram as irmãs voluntárias (beatas) lideradas pela Irmã Superiora, que cumpria, rigidamente, os regulamentos, elaborados pelo Padre-mestre Ibiapina. As Irmãs de Caridade usavam hábitos e tinham vida reclusa, de oração, jejum, penitência e caridade, além da prática diária da religião católica. Eram beatas voluntárias, pois não pertenciam às ordens religiosas formais, instituídas pelo Vaticano. Nas Casas de Caridade só moravam mulheres e não tinham empregadas nem escravas. As tarefas da casa eram executadas por todas que lá moravam. Os irmãos (beatos) faziam os trabalhos externos e tiravam esmolas para a manutenção da casa. Todas as casas de caridade tinham seu grupo de "Irmãs de Caridade" (conhecidas por beatas, freiras ou simplesmente irmãs) e de Gideões, que eram pessoas de destaque do lugar, que se comprometiam em angariar dinheiro, alimentos e outros bens, para a manutenção da Casa de Caridade. Algumas das Casas de Caridade tinham gado e outros animais, que eram cuidados pelos beatos. As vacas produziam leite, as galinhas produziam ovos, e os ovinos, caprinos, suínos e aves forneciam carne para a alimentação das que habitavam na casa. Além da Tia Aninha, beata irmã do Padre- mestre Ibiapina, que vivia na Casa de Caridade de Gravatá do Jaburu, em Pernambuco, uma outra beata que ficou bastante conhecida foi a Irmã Vitória de Santa Júlia Ibiapina, moradora da Casa de Caridade de Triunfo-PE. Os beatos mais famosos foram o Irmão Inácio, natural de Açu-RN, Irmão Aurélio, nascido no Crato-CE e o Irmão, mestre-escola, Antônio (Antônio Modesto de Maria Ibiapina, 1857-1927). O Irmão Inácio acompanhou o Padre-mestre Ibiapina desde 1862, quando decidiu deixar Açu-RN e acompanhar o peregrino missionário até sua morte em 1883. Na grande seca de 1877-1879, ele foi o principal arrecadador de recursos para a manutenção das casas de caridade. Acompanhava Ibiapina em

suas viagens, fazendo mandados e prestou relevantes serviços às Casas de Caridade.

Entre 1856 a 1860, Padre Ibiapina dedicou-se às vítimas do cólera-morbo no interior de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba. Iniciou suas atividades no pequeno e atrasado povoado de Gravatá do Jaburu, hoje Gravatá do Ibiapina, atual distrito do município pernambucano de Taquaritinga do Norte. Primeiramente, ele construiu aí um pequeno hospital para tratar os coléricos, uma capela e um açude e, posteriormente, a primeira Casa de Caridade, das 22 que construiu ao longo de sua vida. Concomitante com a construção da Casa de Caridade de Gravatá do Jaburu, em 1860, foi também organizada a Casa de Caridade de Mossoró-RN. Depois de inaugurar a Casa de Caridade de Gravatá do Jaburu, Padre Ibiapina trouxe sua irmã Ana Ibiapina, que se tornou beata e dedicou sua longa existência, exclusivamente, aos serviços da referida instituição. Adotou o novo nome de Beata Ana Maria de São José, mas era chamada, carinhosamente pelo povo, de Tia Aninha. Ela viveu neste orfanato até sua morte, que ocorreu em 1912, com 97 anos de idade.

Após a morte do Bispo da Diocese de Olinda, Dom João da Purificação Marques Perdigão, assumiu o Bispado Dom Manoel do Rêgo Medeiros, 1829-1866, que dividiu a Diocese em quatro Províncias: Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas, e nomeou, em 1866, o Padre Ibiapina para ser Visitador da Província da Paraíba, mas ele praticamente não exerceu este cargo, porque Dom Manoel do Rêgo faleceu inesperadamente, oito meses depois de sua posse. Um fato interessante e digno de recordação ocorreu em 1867, durante uma visita que Padre Ibiapina fazia ao povoado de Fazenda Grande, hoje cidade de Floresta-PE. Neste período, Floresta estava vivenciando acirradas e cruentas lutas políticas. Neste ambiente hostil de ódio e esfacelamento das famílias, nas lutas pelo poder político, Padre Ibiapina tomou para si a tarefa de apaziguar e desarmar os adversários. No púlpito falou com eloquência e externou seu grande poder de persuasão. Chamou os contendores à razão e a aderirem à fraternidade. Ao terminar sua

preleção mandou cavar no centro da rua principal da vila uma circunferência, com alguns palmos de profundidade e ordenou com sua autoridade de Padre carismático, que os homens, de todos os partidos políticos, depositassem suas armas na circunferência escavada. Pouco a pouco, os inimigos rancorosos da véspera, à beira daquele estranho buraco, atiravam as armas e estendiam, uns aos outros, as mãos amigas. Depois, Padre Ibiapina mandou fechar com cimento o arsenal. Posteriormente, Padre Ibiapina ergueu sobre o local um cruzeiro, como símbolo da fé e do amor entre os homens. Em Vila Bela, hoje município de Serra Talhada-PE, o Padre-mestre Ibiapina fez o mesmo gesto simbólico, que fizera em Floresta. Mandou cavar um buraco em frente a matriz e enterrou as armas brancas e de fogo, que estavam em poder dos fiéis.

Por ocasião das Santas Missões que o Padre-mestre Ibiapina pregou em 1862, em sua terra natal, Sobral, ocorreram dois fatos curiosos, um foi a presença de Antônio Vicente Mendes Maciel, 1830-1897, que à época trabalhava como caixeiro em Sobral e que seria o futuro beato Antônio Conselheiro, protagonista da Guerra de Canudos. A outra curiosidade foi a queima de objetos de vaidade e distração que, segundo Ibiapina, atraiam vício, prostituição, ociosidade e desordem, como violas, violões, rabecas, guitarras, bandolins e tamborim. Foram também queimados balões e biqueiras. Após a sua prédica contra os vícios e objetos de vaidade e distração, os fiéis, de livre e espontânea vontade, foram trazendo seus instrumentos musicais para serem queimados na fogueira aberta em frente à igreja. Achava ele que o divertimento em festas dançantes, atraia bebedeira, brigas e mortes. A grande obra que o santo missionário realizou em sua terra foi a inauguração da Casa de Caridade de Sobral, em 1862. Um dos Gideões da Casa de Caridade de Sobral, Senador do Império Francisco de Paula Pessoa, 1795-1879, doou 340 cabeças de gado, para garantir a manutenção da referida casa.

O primeiro Bispo do Ceará, Dom Luís Antônio dos Santos, 1817-1891, visitou a Casa de Caridade de Sobral poucos dias após

sua inauguração e ficou deveras impressionado com a grandeza desta obra, para dar guarida às meninas órfãs e desamparadas da região de Sobral e resolveu oferecer 380 mil réis para ajudar nas despesas iniciais daquele asilo de crianças e jovens desvalidas.

Uma curiosidade ocorrida nas missões do Cariri Cearense, realizadas pelo Padre-mestre Ibiapina, foi a presença do jovem Cícero Romão Batista, dois meses antes de ele começar seus estudos no Seminário da Prainha, em Fortaleza. Muito tempo depois, Padre Cícero veio a ser um dos principais líderes religiosos, que ajudou a moldar os padrões da prática religiosa adotada pelos sertanejos. Esta religiosidade típica do povo do interior do Nordeste foi formada, por terem vivido, na mesma época e na mesma região, expressivos líderes religiosos carismáticos, dentre eles Padre Ibiapina, Padre Cícero (Cícero Romão Batista,1844-1934), Beato Antônio Conselheiro (Antônio Vicente Mendes Maciel, 1830-1897), Beato Zé Lourenço (José Lourenço Gomes da Silva,1870- 1946), Beato Zé Senhorinho (José Ferreira da Costa, 1892-1938) e Frei Damião (Pio Giannotti, 1898-1997).

A Casa de Caridade do Cariri foi inaugurada no dia 2 de fevereiro de 1865 e situava-se na vila de Missão Velha, hoje cidade de Missão Velha, no Sul do Ceará. Como vimos, as duas primeiras Casas de Caridade construídas pelo Padre-mestre Ibiapina foram as de Gravatá do Jaburu, em Pernambuco, e a de Mossoró-RN, no ano de 1860, e as duas últimas foram as das cidades paraibanas de Campina Grande e Cabaceiras, em 1872. Padre-mestre Ibiapina morou seus últimos 10 anos de vida na famosa Casa de Caridade de Santa Fé, em Solânea-PB. No dia 30 de dezembro de 1875, quando pregava na vila do Triunfo, hoje cidade de Triunfo-PE, foi acometido de uma congestão cerebral (AVC - acidente vascular cerebral) que lhe paralisou as pernas, ficando a partir daí paraplégico, preso a uma cadeira de rodas. No dia 7 de janeiro de 1876, ainda convalescente, foi trazido sobre uma cama, nos ombros dos amigos, de volta ao seus aposentos, na Casa de Caridade de Santa Fé. Não podendo mais realizar longas viagens, passou a administrar

as demais Casas de Caridade espalhadas pelo Nordeste por cartas. Em Santa Fé ficou sendo professor, confessor, capelão e administrador da Casa de Caridade.

Durante a grande seca de 1877-1879, a miséria tomou conta do sertão nordestino. O rebanho bovino da região foi todo dizimado pela fome e pela sede e grande parte da população humana sucumbiu à fome e às doenças, como o cólera, a varíola e a catapora. Faltou comida para alimentar as residentes das Casas de Caridade e para os flagelados da seca que, diariamente, recebiam comida, remédio e apoio espiritual das Irmãs moradoras das Casas de Caridade. Sem poder viajar, por estar paralítico e com saúde precária, Padre-mestre Ibiapina autorizou o Beato Inácio a viajar ao Rio de Janeiro para tirar esmolas, para alimentar os desvalidos da seca. Irmão Inácio, com carta de recomendação assinada pelo Padre Ibiapina, trajando camisolão azul de beato, com uma grande cruz pintada na parte da frente, bentos pendurados, descalço, cabelos e barba crescidos, chamava a atenção dos cariocas. Irmão Inácio arrecadou 22 contos de réis, quantia significativa, que deu grande ajuda ao Padre Ibiapina, para comprar alimentos para os famintos.

O retrato clássico do Padre-mestre Ibiapina existente na Casa de Caridade de Santa Fé foi pintado pelo grande pintor paraibano Francisco Aurélio de Figueiredo e Melo, 1854-1916, irmão do famoso artista brasileiro, de fama internacional, Pedro Américo de Figueiredo e Melo, 1843-1905. Este importante quadro, óleo sobre tela, não se encontra mais no prédio-museu da Casa de Caridade de Santa Fé, pois o levaram para ser guardado em outra cidade.

Em 1992, Padre-mestre Ibiapina foi proclamado, pela Congregação das Causas dos Santos do Vaticano, como Servo de Deus. Seu processo de canonização, como santo oficial da Igreja Católica, continua em andamento no Vaticano.

- **LITERATURA CONSULTADA**

- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. Padre Ibiapina: Peregrino da Caridade. Fortaleza-CE, Gráfica Tribuna do Ceará, 1995, 213 p.

- CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. "Padre Ibiapina" in: Livro das Grandes Figuras, v. 6, Natal, 1989.

- MARIS, Celso Marques. Ibiapina, um apóstolo do Nordeste. João Pessoa-PB.Editora União, 1942.

- FREYRE, Gilberto de Mello. Sobrados & Mocambos. Rio de Janeiro, 1967. t 1.

- HOORNAERT, E. Crônica das Casas de Caridade Fundadas pelo Padre Ibiapina. Fortaleza-CE. Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006; 252 p. (Coleção Outras Histórias, 39).

- MARIS, Celso Marques. Ibiapina, um Apóstolo do Nordeste. João Pessoa-PB. Editora União, 1942.

- SILVA, B. Padre Ibiapina. Fortaleza-CE. Ed. Demócrito Rocha, 2002. 104 p. il. (Coleção Terra Bárbara).

BENEDITO VASCONCELOS MENDES, engenheiro Agrônomo, Mestre e Doutor. Membro efetivo da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Academia Mossoroense de Letras, Instituto Cultural do Oeste Potiguar, Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e do Centro Cultural do Ceará.

LEVANTE ESCRAVO AMEAÇA NATAL NO DIA DA FESTA DA PADROEIRA

Luiz Eduardo Brandão Suassuna

> "mataram o capitão Enrique Félix de Menezes e deixaram muitas pessoas feridas".
>
> TERMO DE VEREAÇÃO, 1738, f. 27v-28

Há, no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, um documento que mostra a preocupação dos "vereadores do Senado da Câmara" de Natal sobre

> muitos negros e negras que estavam amocambados e se sublevaram do poder dos seus senhores e andam saindo pelos caminhos e passagens, agindo contra os passageiros e moradores da Capitania e os insultando; mataram o capitão Enrique Félix de Menezes e deixaram muitas pessoas feridas e por isso muitos moradores estavam receosos de castigar os seus escravos, temendo que eles fugissem para os mocambos, já que os que estavam sublevados incitavam-nos; além disso os negros e negras cativos sublevados roubavam casas, roças, lavouras, bois e vacas . . .
>
> (TERMO DE VEREAÇÃO, 1738, f. 27v-28)

Um ponto interessante a se destacar é o dia da reunião do Senado da Câmara, como era chamada a câmara de vereadores na época: 21 de novembro de 1738, dia da padroeira da cidade, Nossa Senhora da Apresentação. O temor era grande, o medo da situação ficar incontrolável. Cada tempo tem seus medos.

Mas o que era a cidade do Natal em 1738? Quantos habitantes tinha? Em 1810, quando Henry Koster, passou por Natal, disse: "se lugares como esse são chamados de cidades, como seriam as vilas e aldeias?" (KOSTER, 1942, p. 158). E Câmara Cascudo diz que por ocasião da independência do Brasil, em 1822, a cidade tinha 800 habitantes (CASCUDO, 1973, p. 11). Imagine Natal em 1738, quase um século antes das informações acima. Um arruado de casas simples perdido no meio do tempo, vivendo de roçados de subsistência, de alguma caça e, principalmente, da pesca.

Não se sabe quantos escravos se revoltaram, deveriam ser poucos, haja vista a quantidade de habitantes da cidade. O documento da época dar a entender ser movimento esparso, não diz nomes nem menciona líder. Não se tem notícia de como terminou a rebelião.

NOTAS

O funcionamento do poder legislativo na capitania do Rio Grande possuía algumas especificidades, como, por exemplo, as votações que ocorriam todos os anos no dia da Padroeira de Natal, em 21 de novembro. Os homens bons, que não possuíam crime, reuniam-se no Senado da Câmara para escolher seis eleitores que teriam como objetivo eleger vereadores para a Câmara em três listas, além de votarem para a ocupação dos lugares de juiz ordinário, procuradores e juiz de órfãos. As reuniões ocorriam no consistório da Matriz de Nossa Senhora da Apresentação (MEDEIROS, LEMOS, 1980). Estranha-se esse fato ter sido tratado no dia festivo da padroeira, demonstrando o medo generalizado da população quanto a outras possíveis rebeliões escravas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASCUDO, Luís da Câmara. **Movimento da independência no Rio Grande do Norte**. Natal: Fundação José Augusto, 1973.

KOSTER, Henry; CASCUDO, Luís da Câmara. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. V. 01. São Paulo: Nacional, 1942.

MEDEIROS, Tarcísio; LEMOS, Vicente de. **Capitães-mores e governadores do Rio Grande do Norte**. Natal: Tip. CERN, 1980.

TERMO DE VEREAÇÃO do Senado da Câmara de Natal. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Caixa 03 – Livro 1737-1742 – Folhas 27v-28, 1738.

LUIZ EDUARDO BRANDÃO SUASSUNA é professor e escritor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Coautor do livro " História do Rio Grande do Norte".

PANDEMIA E POLÍTICA

Damião Nobre

O Brasil e o resto do mundo vivem há mais de um ano um de seus piores momentos. Um simples vírus de alta taxa de transmissibilidade e letalidade vem mudando a história da humanidade pois somente em nosso país já ceifou quase meio milhão de vidas, incluindo grandes amigos nossos.

Na era da informação em nossa mão e nosso bolso, a internet e as redes sociais têm prestado serviços e desserviços mas só prestam desserviços pois atrás do aparelho que dissemina mensagens há os dedos e a voz de muitos radicais, irresponsáveis e sedentos de aparecer e até os conscientes de que estão espalhando inverdades. Médicos de diversas especialidades, inclusive sem nenhuma formação em infectologia, se transmutam em cientistas e espalham "sua receita", a receita miraculosa que cura e evita a doença, quando sabemos que a única forma de evita-la é a vacinação.

No Brasil, especialmente onde há alguns anos se instalou uma polarização, um radicalismo político afetando até as relações pessoais, a coisa chega a atingir proporções absurdas que envolvem as normas de boa conduta e ignora a ciência.

Pessoas despreparadas, desinformadas e radicais, sentindo-se donos da verdade, se aglomeram em grupos de forma a voltarmos aos idos de 1904, quando o povo se amotinou contra a vacinação contra a varíola. O inacreditável é que esses grupos chegam a contar com médicos.

Sabemos que o COVID-19 é um vírus e, assim sendo, dispomos de poucas armas contra ele, especialmente por ser um novo vírus. Milhões de pessoas morreram de AIDS nas décadas de 1980

e 1990, uma outra doença provocada por vírus, até que se encontrassem as armas para o seu controle e ocorreram muitas tentativas. Por isso, quase tudo o que se fala e escreve carece de comprovação científica e só bem mais tarde saberemos quem tem razão. Chega de jogar conversa fora!

Como a medicina não é uma ciência exata como a matemática, há ótimos médicos tratando de uma forma e outros tratando diferentemente, todos cientes de que estão fazendo o melhor e alguns, que caçam a todo custo os holofotes, buscando virar celebridades.

Há todo tipo de opinião e algumas, lamentavelmente contaminadas pela politização da pandemia, mas não parece ter o mínimo de sensatez quem é contra as aglomerações, o uso de máscaras e os cuidados pessoais, como também ser contra a vacinação.

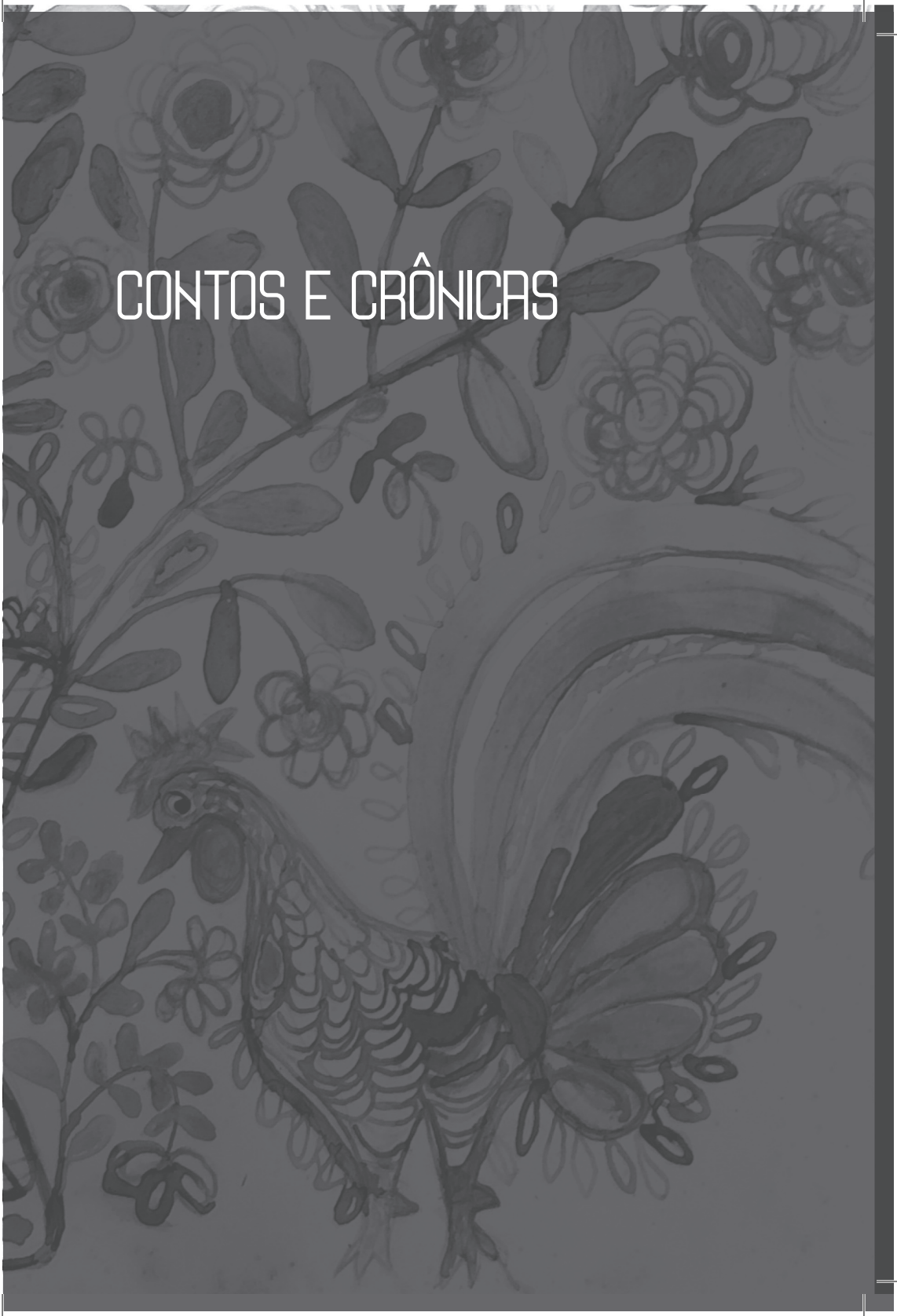
A ciência trabalhou rápido e disponibilizou diversas vacinas para, pelo menos, evitar as formas mais graves da doença. Temos que tomá-las! Venham de onde vierem, desde que tenham a aprovação da Anvisa, é a única forma de controlar a pandemia.

Uma verdadeira guerra fria se instalou dentro desse imenso país baseada na intolerância política e patrulhamento ideológico. Precisamos parar com isso e nos comportarmos como seres civilizados, permitindo ao outro que pense diferente de nós sem o classificarmos com os termos pejorativos que inundam as redes sociais. Temos que despolitizar a discussão sobre a pandemia e procurarmos os verdadeiros especialistas, os cientistas que temos e sabemos quem são.

Eu estou feliz por estar vacinado e só espero que toda a minha família e os meus amigos o sejam em breve pois chega de perde-los.

DAMIÃO NOBRE é médico e escritor, autor de "Radiola - conversa de música" e outros livros.

CONTOS E CRÔNICAS



PANDEMÔNIO NA PANDEMIA

Japeri Araujo

Naquela vila do Seridó, antigamente as pessoas tinham o hábito de bem cedinho varrerem as calçadas e uma parte da rua que lhes era domínio. Aproveitavam e varriam o lixo, folhas secas e excremento de animais, para a frente das casas vizinhas. Uma pequena maldade para se vingar do falatório da vizinhança, da falta de solidariedade numa precisão e do olho grande no marido. Quando a Vila passou a cidade, arrumaram uns varredores que faziam aquele serviço com vassourões e uma carroça de mão onde colocavam os entulhos para levarem até um monturo nos fundos da igreja onde era despejado a céu aberto. Mariinha era a única que seguia o ritual. Não permitia que os varredores fizessem o serviço que ela assumira como questão pessoal. Tinha uma pinimba com as vizinhas dos dois lados e continuava a varrer o lixo para um lado, casa de Marical e para outro, casa de Hosana.

Quando falaram que uma tal pandemia estava chegando na cidade, ficou preocupada. Que danado seria aquilo? Uma doença? Uma praga? Foi na igreja perguntar ao padre Ambrosio. Ele nem ligou. Aposto que também não sabia, mas recomendou cuidados. Lavar bem as mãos de vez em quando, usar um pano na cara quando fosse falar com alguém e ficar dentro de casa. Sequer ir a missa e as reuniões do Apostolado nas noites de terça feira. Aí, danou-se. Como se preparar praquela guerra se nem na igreja podia ir. Ali era um lugar santo. Como a tal pandemia que devia ser coisa do cão, o tinhoso, o bicho sem nome, o asmodeus, coisa ruim, fedorento, bufarinheiro poderia entrar no templo de Deus? Só podia ser coisa daqueles tempos. Era isso mesmo, mocinhas indo prá igreja quase nuas, com um shortinho que só faltava amostrar as polpas da bunda, sem véu ou manta cobrindo a cabeça? Só podia ser. O pé de péia tava em todo canto da cidadezinha. Nos bares

com moça fumando e bebendo, quase nuas, nos bailes de agarração com umas músicas que só falava nome feio. Parecia tudo festa em casa de rapariga de tanta esfregação que via. Via não, que nem olhava. Escutava os mexericos nas reuniões do Apostolado. O padre? Nem ligava. Era como se fosse uma coisa natural. Claro que nas festas da igreja ele não permitia. As músicas tinham que ser das antigas. Nada de contratar músico. Botava no serviço de som, discos de Nelson Gonçalves, Anisio Silva, Dalva de Oliveira e todos os antigos que cantavam com a voz de cantor. Por isso que as festas do padroeiro só davam velhos. Mas era o que bastava. Velho é que tinha dinheiro prá sustentar as obras da igreja. Os novinhos que gostavam dessas músicas de safadeza não iam porque não eram tocadas nessas festas.

Tempos modernos comentava sua única amiga.

Dona Flauzina era ainda muito mais antiga do que ela.

- Sou das antigas sim, dizia quando ia fazer as compras na feira, vestida de saia até os pés, cabeção fechado no pescoço e mangas compridas.

- E mais, só uso preto, de luto do meu finado marido que foi antes de mim faz 37 anos. Não afroxo meu luto. Sou dessas não que com 7 dias de viuvez já tá vestindo encarnado e de olho em outro macho. Me respeitem, joviu?

Para se prevenir, da pandemia que ela não sabia o que era, Mariinha passou a usar um pano-de-chão molhado com álcool nas frestas da porta e das janelas.

- Aqui ela não entra.

Ela era a pandemia de que falavam tanto.

- Eu sei quem é. Escuto rádio. Não sou como umas e outras que não escutam rádio mas vivem de olho na televisão da praça instalada pela Prefeitura, vendo novela de safadeza. Ah, não. Sou das antigas, mas sou atualizada. Sei de tudo que se passa aqui e

até em Caicó. Pandemia é uma coisa inventada no estrangeiro prá diminuir o povo do mundo. Já é difícil imaginar a terra como uma bola e o povo que vive lá em baixo não cair. Por isso que lá em baixo da terra não tem gente, senão caia todo mundo no céu. Um dia, vai faltar chão e o povo vai descendo, vai descendo e acaba indo morar lá embaixo e não sei como vão viver de ponta-cabeça.

Dona Flauzina que ouvia de olhos arregalados tanta ciência da comadre parecia que nem respirava.

- Deus me livre de me mandarem prá lá, comadre Mariinha. Eu sofro de labirintite, se ficar de cabeça prá baixo o sangue desce todo prá cabeça e acabo tendo um derrame. Me tirem dessa mudança.

- Pois é, comadre no estrangeiro tem muita gente com essa labirintite da senhora e esse povo todo se juntou prá pedir a dona Pandemia prá inventar um germe que matasse muita gente prá caber aqui por cima mesmo.

Mariinha respirou fundo e olhou pro céu.

- Só Deus na causa. Não deixo minha casinha que é minha por nenhum Palácio em baixo da bola da terra e se for por mim essa tal Pandemia pode chegar na minha casa.

A palestra amornou por ali até que não sei qual das duas sugeriu falarem no assunto na reunião do Apostolado, mesmo com a proibição do padre de se reunirem.

- Mariinha, mulher, voce é que deve puxar conversa na reunião. Voce é muito estudada e tem que conversar com todo mundo prá gente se unir contra esse desmantelo do cão.

A comadre ouvindo o nome do fute se benzeu e acertaram conversar com as mulheres do Apostolado.

Na terça, Mariinha mandou um menino expedito à casa das companheiras da agremiação religiosa, mandando dizer que por conta da proibição do padre, ela queria uma reunião no quintal de

sua casa. Claro que não transmitiu tanta informação ao menino que saiu de casa em casa levando o recado. Era muita coisa prá dizer e acabaria metendo os pés pelas mãos.

- Basta dizer que a reunião do apostolado será às 6 da noite aqui em casa e que não faltem

Na hora aprazada, as mulheres foram chegando. Vinham com um pano na cabeça que variava de um véu preto a uma toalha de banho. No pescoço a fita vermelha com a medalha do Sagrado Coração de Jesus. Todas de vestido escuro até quase o mocotó. Primeiro rezaram o Oficio da Conceição e depois do Amém, Mariinha tomou da palavra.

- Tá chegando nesses dias, aqui uma tal de Pandemia que não sei o que vem fazer. Por certo ispicular qa vida da gente. Parece que vem em um tal de coronga que no meu pensar é coisa do diabo. O padre me disse que é prá gente usar um pano na cara, ficando só com os olhos de fora prá num soltar cutícula e tem que passar alquigel nas mãos.

Ninguém entendeu nada. O pior é que dois anos antes, a cidade que não tinha luz elétrica recebeu um motorzinho gerador de luz que só aguentava um bico em cada casa e mais os quatro postes da praça da igreja. O motor funcionava somente até 8 da noite, mas piscava duas vezes antes de apagar. Era o sinal para o povo ir prás suas casas. Nessa hora, o motorzinho já muito usado explodiu numa festa de luzes e tudo virou escuridão.

IAPERI ARAUJO é médico escritor e artista plástico. Professor aposentado da UFRN. Ex -Presidente da Fundação José Augusto. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outas instituições culturais. Atual Presidente do Conselho Estadual de Cultura

NÚBIO

Clauder Arcanjo

Início do turno da manhã, Núbio subia no alto do prédio e espiava o mar.

Quando do começo do expediente da tarde, lá voltava outra vez. Desta feita para se encantar com o firmamento.

Final do dia, antes de bater o cartão, resolveu retornar ao topo do edifício e se emocionar com a chegada do crepúsculo.

— De novo por aqui, Núbio?

— Boa tarde, seu Delmiro. Melhor diria, boa noite. Sim, sempre por aqui.

— Sei. E o trabalho?

— Tudo bem. Em especial quando, antes de pegar no batente, vejo o mundo do alto: o mar, o céu...

— Sei. E o trabalho... nada.

— Só aceito emprego no qual eu possa fazer isso. Lá onde moro, patrão, a gente dá de cara com a vida na sua completa baixeza: esgotos a céu aberto, casebres amontoados, trapos estendidos nos varais...

— Sei.

— Se me permite, seu Delmiro, aquela mais brilhante, lá no fundo, observe bem, é a constelação Cruzeiro do Sul.

— Sei.

— E se o senhor ficar mais um pouco, eu infelizmente não poderei, flagrará o esplendor da Escorpião, com o oceano cá embaixo em maré alta.

— Sei. Em que direção?

— Ali. Aqui, assim.

— Humm...

— Muito bem, terei que ir, a última lotação para onde moro sai às sete. Patrão, amanhã a gente se encontra.

Delmiro nem escutou as últimas palavras de Núbio, toda a sua atenção estava voltada para o mundo das estrelas.

CLAUDER ARCANJO é poeta, escritor e editor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, e da Academia de Letras do Brasil. Autor de "O Fantasma de Licânia", "Lápis nas Veias" e vários outros livros.

A RIFA

Thiago Gonzaga

Era uma vez um senhor muito simples chamado Márcio Francisco. Pai de família esforçado, dava duro todos os dias, trabalhando como servente de pedreiro para trazer o sustento para casa. A família dele não era pequena: esposa, seis filhos, quatro homens e duas mulheres, três netos, duas noras e um genro, um gato e um cachorro, e um canário, dentro de uma gaiola velha, que nunca cantava. Todos morando na mesma casa, de apenas dois quartos, sala e cozinha e um banheiro, sem chuveiro, tomavam banho de cuia. A esposa, dona Adelaide, trabalhava de secretária do lar, era assim que ela gostava de dizer às colegas vizinhas, fofoqueiras de plantão, que ficavam de tarde, nas janelas para observar a vida alheia, pelo menos até começar a novela das seis.

Todo mês, a família passava um verdadeiro sufoco, tinha que escolher: um mês pagavam a água, outro mês pagavam ao prestamista, outro mês pagavam a luz, outro mês pagavam a bodega; não dava para pagar todas as contas de uma única vez, por causa de outras despesas domésticas inadiáveis. Além de tudo, o pai, não largava de maneira alguma o vicio do cigarro e da cachaça, consumida sagradamente todo final de semana. Ô vida boa aperreada, dizia dona Adelaide, olhando para o céu, como se esperasse cair das nuvens um pacote de dinheiro.

Certa vez, dona Adelaide pediu para a filha mais nova, Ademárcia, (nome escolhido a dedo pelos pais dela) pagar uma conta de luz, numa lotérica próxima de casa. Toda feliz, a menina imaginando que ia sobrar troco para comprar um confeito, foi cumprir o mandado sob os gritos da mãe: vá ligeiro como quem rouba, menina, e volte logo, não fique por aí brincando, já basta os seus irmãos perambulando no mundo.

Indo pelo meio da rua, a jovem andava distraidamente a caminho da lotérica, quando deparou-se com o anúncio da rifa de um super carro do ano, zero quilômetro. Logo pensou: se ganhasse aquele prêmio, seria uma oportunidade extraordinária da sua família mudar de vida, e ela finalmente deixar de andar com sandálias furadas e roupa rasgada. Foi Deus quem me fez vir por essa rua, eu sabia, isso é um aviso divino, matutava a menina, olhando para o lindo automóvel que reluzia numa vitrine. E a danadinha nem sequer pestanejou, comprou um bilhete da rifa com o dinheiro de pagar a conta de luz.

Voltou para casa feliz da vida, anunciando a boa nova, achou ter feito um ótimo negócio. Ao ouvir a história da filha, a mãe num momento de raiva deu-lhe umas boas chineladas, e avisou que contaria tudo ao pai assim que ele retornasse do trabalho. Não deu outra: quando o pai chegou, tome peia de novo, dessa vez de cinturão.

A situação financeira da família piorou; agora teria que arrumar dinheiro emprestado, ou voltar a comprar fiado na bodega da esquina.

No dia seguinte, bem cedo, ao abrirem a porta da frente, os pais da menina deparam-se com um carrão novinho em folha, estacionado defronte à casa. Haviam ganho a rifa...? Começaram a soluçar de emoção, as lagrimas caíam como goteiras. Ninguém acreditava naquilo. Foram ver de perto. Era o carro da companhia de eletricidade, que tinha ido cortar a luz. Ademárcia levou outra surra.

THIAGO GONZAGA é escritor. Autor de "Literatura Afrodescendente no Rio Grande do Norte no Século XX" e outros livros.

HERÓI POR ENGANO*

Umberto Peregrino

O soldado Pereira veio no arrastão do sorteio militar, procedente dos seus cafundós silenciosos. Chegou brabo, brabo. E era medroso de tudo quando se viu envolvido nas múltiplas atividades forçadas de um opulento quartel de Cavalaria.

Positivamente não daria um bom soldado. Era errado, moleirão, desatento e desinteressado em todas as tarefas que lhe tocavam.

Vinha, assim, o soldado Pereira, completamente obscuro, no Regimento. Mas um dia o Regimento foi sacudido por algo sério e novo. Rebentara uma Revolução em São Paulo.

O Regimento desde logo foi posto em marcha a caminho da frente em combate. E aí coube-lhe lutar em um setor muito crítico. Era a chamada frente do Túnel, serra da Mantiqueira.

Pois bem, quando o Regimento entrou em fogo o soldado Pereira revelou-se um assombro. Os combates eram encarniçados. E Pereira virou o homem do dia. Bala pipocando prá todo lado e ele de pé andando, levando ordens, tranquilo e indiferente como em combates simulados nos tempos camaradas da instrução.

Tornou-se logo o indicado para as missões mais arriscadas: reconhecimentos, ligações, reabastecimentos.

Quando foi um dia, numa hora apertada, o soldado Pereira recebeu a missão de ir à retaguarda, afim de trazer munições para as armas automáticas.

Lá se foi ele. Mas o caso é que chegando ao Posto de remuniciamento, estavam sendo municiados os carregadores que ele devia conduzir para a frente.

De repente Pereira grudou um olhar de espanto sobre aquelas balas miudas que ele conhecia dos exercícios de tiro ao alvo, agora espremidas certinhas nos carregadores de aço. E teve então esta interrogação assustada:

"Espera aí, são estas as balas que estão atirando lá na trincheira ?

Quebrou-se o encanto do soldado Pereira. Já não houve quem o fizesse voltar levando a munição.

- Volto não.

O jeito foi aproveitá-lo daí por diante, no serviço do rancho. Aí ficou até o fim da campanha, descascando batatas com a mesma tranquilidade com que afrontava as balas no tempo em que foi herói....

*Inédito em livro

UMBERTO PEREGRINO (1911- 2003). General de Brigada, Escritor, autor de "Pedro Cobra e Outros Acontecidos", "Literatura de Cordel em Discussão" entre outros livros. Ocupou a cadeira nº 15 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

OS DIAS DENTRO DE MIM

Osair Vasconcelos

Um amigo que está passando a quarentena sozinho me ligou:

- Olha, esse isolamento tem me ensinado muita coisa.

- ...?

- Por exemplo: descobri ontem que utensílios de cozinha falam. Foi assim: estava lavando uma panela e de repente ela reclamou: - *Ei! Vai devagar que eu sou de aço, mas tenho pele delicada!*

E aí, danou-se. Começou uma algaravia dos diabos, com reclamações saídas de tudo que estava na pia esperando a vez de receber bucha com sabão. Uma frigideira gritou, com voz gasguita,:

- Ele também faz isso comigo. E olha que sou muito mais fina do que você.

- Tá me chamando de gorda? - reclamou a panela.

E a partir da sua irritação, a panela radicalizou o pandemônio. Larguei as duas e fui cuidar dos pratos. Mal toquei no primeiro, ele disse para uma xícara:

- Parece marcação. Todo dia ele me pega para botar um ovo em cima, ainda mais melecado de azeite e inhame amassado. Depois, vem com essa bucha encardida achando que sou um capacho e me rela pra foder!

- Ei! - gritou a xícara. *Cuidado com a linguagem. Além de menina, sou pequena*.

Deixei a louça para lá. Peguei uma revista de palavras cruzadas e fui para o sofá. Já sabia o que ele ia dizer:

- Lá vem você de novo com essa bunda magra! Vê se escolhe outro assento, cara!

Acostumado com o resmungão, nem dei bola.

- Puxa! Sofrido, hein...?!

- Pois é... Bom, mas tô te ligando para você me ajudar. Diz aí: deitar abaixo, sete letras...

02 –

O amigo que enfrenta o isolamento sozinho ligou novamente.

- E aí, qual é a palavra de hoje, perguntei.

- Nada disso, cara! Tô te ligando para você para esclarecer uns fatos. Naquele dia, falei que tinha descoberto que os utensílios de cozinha falam e terminei só contando exemplos negativos. Tudo bem... É verdade: a turma de aço e alumínio é mesmo marrenta, mas tem outros legais.

... Huuum!

- O pessoal de cerâmica, cara, é outra vibe! Vou te contar. Começa com as *bowls*, saca? O lance é que, quando fui chamá-las assim, elas deram o toque:

- Cara, nada de bowls. Nós somos tigelas, tá? Tigelas! Tudo bem que viemos da China, mas você nos comprou aqui, neste país lindo e que nós adotamos como lar. Então, por favor, tigelas!

- Não é uma simpatia? - perguntou o meu amigo isolado, e emendou:

- Daí que digo: lavar as tigelas é um exercício super massa! Começa que elas mesmas, quando jogo um jato d´água, já vão saracoteando e mandando a sujeira para lá. As bichinhas são auto limpantes, cara, e eu nem tinha me tocado disso quando comprei elas. Fora isso, um dia desses, quando comecei a passar a bucha numa delas, a bichinha me disse:

- Cara, adoro quando você faz isso comigo... Sinto minha pele, aaahn, sabe... Acariciada...!

- Bom, meu... Também é verdade que, bem baixinho, ela deixou escapar para uma amiga ao lado:

- Nem me importo que a bucha seja encardida...

E o amigo continuou:

- As xícaras também são bacanas, cara. Uma até me confidenciou, puxando para outro contexto, saca, fora da lavagem de louça:

- Ah, homem! Adoro quando você toma café em mim, me envolve com os seus lábios e vai me deixando inclinada enquanto eu...

- Caramba, velho! Ainda bem que um pires entrou na história e disse para a xícara:

- Eu também adoro quando você se senta em mim, toda quentinha...

- Saltei fora, velho. a conversa estava ficando pesada. Mas, olha, já que tu perguntou pelas palavras cruzadas, diz aí pra mim: que corre em ondas, oito letras...

03 –

- Chega, disse para mim mesmo. Seja forte!

Dito o quê, tomei a decisão e agi: botei o celular no modo avião. Que coisa! Essa coisa não para o dia inteiro. Pronto! Fica aí caladinho, sem tugir nem mugir. Só vai falar quando eu quiser.

Enxuguei uma lágrima ativada por conta da poeira e fui em busca de uma antiga companhia: ressuscitei o telefone de discar Siemens, último modelo 1996. Com BINA.

Fui à cozinha e mal tinha tomado o primeiro gole d´água, ouvi:

- Triiiim... Triiiim...

Me recuperei do susto trazido por aquele toque metálico do século passado – Homem, há quanto tempo, hein?! Nem me lembrava mais da sua voz - e corri para atender.

Era o meu amigo que enfrenta o isolamento sozinho.

- Cara, o teu celular só dá fora de área! Onde você está? Tive de consultar a minha agenda de 1996 para encontrar o telefone fixo. Tá tudo bem com você? Olha, é o seguinte: estou te ligando pra você para ver se você me ajuda num lance.

- A turma do aço e alumínio, sugiro.

- Não. Tô dando um tempo da cozinha. O negócio por lá anda pesado. Uns enfrentamentos entre panelas e a frigideira magra, desavenças entre xícaras e pires, umas colheres se metendo em brigas de casal...

- ...?

- O lance dessa ligação é outro. Seguinte: ando apaixonado...

- Uau!

- ... por palavras cruzadas. Mas, não vou falar disso agora. O lance é que a cada vez que me sento no sofá ouço o cara dizendo impropérios contra a minha bunda.

- Chato, isso!

- Pois é! Acho até que já te falei... Então! Não é que descobri que ele tem lá suas razões?! Seguinte: o sofá reclamão tem três assentos. E eu só me sento no mesmo, o da ponta esquerda, toda vida. Vai daí, o assento afundou um pouco. Não tanto. Uns quatro ou cinco centímetros em relação aos irmãos dele. Daí, você não acha que o sofá tem lá suas razões para se chatear? Ontem mesmo tive de fazer as cruzadinhas na cama, de tanto que ele reclamou. Por isso estou te ligando pra você. Que é que eu faço, cara?

- Aí... Que tal levar o sofá a um estofador?

- Cara! você é um gênio! Boa ideia. E você conhece algum?

- Vou te passar pelo *zap* quando achar o celular.

- Massa, cara! A propósito, já que tu puxou o assunto, ajuda aí: instrumento musical de sopro com voz de baixo, oito letras...

04 –

Sete horas e um minuto da manhã e o telefone triiim... triiim...!

Corro para atender e confiro no BINA: é o amigo que enfrenta o isolamento sozinho.

- Pô, cara, por onde você anda?! O seu telefone só dá fora de área! Se não fosse a minha agenda de 1996 não ia saber como te encontrar.

... Tá! E aí?

- Eu já não te contei pra você que estou aprendendo muita coisa nesse isolamento?

- Sei... o sofá?

- Aquele resmungão? Não. Depois eu conto dele. O lance é outro, cara. O lance é que descobri que a minha omeleteira é foda!

- Antiaderente ou de alumínio?

- Alumínio. Ontem, fui arrumar as panelas, frigideiras, pratos, aquele povo todo e aí, lá no fundo do armário, estava ela. Me olhou e desafiou:

- E aí, não vai encarar?

- Cara, fiquei pasmo! Perguntei: - Encarar quem? Como? E sabe o que ela respondeu?

- Eu, ora... Bate uns dois ovos, me esquenta um pouquinho antes, depois me unta com um óleo fino e joga os bichinhos em mim. Aí,

se prepare pra ver como vai ficar gostoso.

- Cara...! Peguei a sugestão no ato. Puxei uma tigela chinesa, bati os ovos e derramei na omeleteira. Ela chiou alegre e feliz. Piscou um olhinho e mandou ver.

- ... e?!

- Foi muito bom. Amanhã vou encarar de novo. Me diz aí: pra bater os ovos, o que é melhor: colher ou garfo?

- Vou pesquisar. Te respondo pelo *zap*.

- Valeu! Aproveita e me manda outra resposta: saco membranoso cheio de líquido, oito letras...

05 –

É domingo, mas o que isso importa para um velho telefone de discar recentemente reativado? Seis e cinquenta e nove da manhã e ele triiim... triiim...! Quando me aproximo, o aparelho faz um ar de "eu não tenho nada a ver com isso". O BINA faz um muxoxo carregado de desdém e me revela:

- É o teu amigo que enfrenta o isolamento sozinho.

- Alôôô...Diz a minha voz enquanto os olhos voltam a dormir.

- Cara! O seu telefone continua fora de área. Você precisa tomar uma providência. Se não fosse a minha...

- Tá! O que é desta vez?

- Tô sendo injusto com alguém!

- Sério?! E quem é?

- Espátula.

- Espátula?! É nova na área?

- Mais ou menos. Comprei ela há uns seis, sete anos. De

aparência, continua muito bem, fora uns pequenos arranhões. Se fosse uma mulher, seria como uma daquela idade em que achamos a melhor idade delas, saca? Aquela parte de baixo se prolongando num cabo sinuoso, uma curvatura elegante, e ainda por cima tatuada com flores...

- Sim, mas...

- O problema é que acho que estou usando ela demais. Nem tinha percebido, mas ontem, quando terminei de mexer uns ovos, ela piscou um olhinho, sorriu um sorriso que eu nunca tinha percebido e me disse, numa boa:

- Você não acha que está exagerando comigo?

- ... não sei se já te falei que descobri, nesses dias de isolamento, que os utensílios de cozinha falam...

- Já. E aí...

- ... aí, ela continuou:

- Você me usa demais: mexe os ovos comigo, vira a carne comigo, mexe o arroz comigo e, um dia desses, até o macarrão você botou no prato comigo. Sem falar que está sempre me imprensando contra aquela panela quente como o aço do inferno e essa frigideira que todo mundo acha antipática. E como se não bastasse, cara, você ainda me pega para raspar os restos grudentos daquela gasguita na hora de lavar. Aliás, por falar em lavar, eu sou a última a ser lavada, a última a ir para aquele copo em que você bota os talheres para tomar vento na janela até secarem. E fico lá, tomando vento diretamente no corpo, porque, afinal, sou mais alta do que todos aqueles talheres baixinhos – me desculpe a expressão! – mas isso eu sou: alta, além de esguia e elegante.

- Puxa! Um desabafo e tanto, disseram meus olhos enquanto se abriam cheios de espanto, solidários. O amigo pensou que eu é que tinha falado e continuou:

- Pois é, cara! Me toquei. Fiz um exame de consciência e concluí, vê se estou errado ou certo, porque foi pra isso que te

liguei pra você: ela tem ou não tem razão? Tem, já vou adiantando. E te pergunto: o que devo fazer?

- *Compra outra espátula para dividir o trabalho com ela*, gritou o meu olho esquerdo.

- Ei! Taí, gostei da ideia. Mas, que voz esquisita é essa, meu?

- Nada, não. É que ando lendo muita...

- Falar em ler, cara, me ajuda nessa: nó na articulação dos dedos, sete letras...

06 -

Seis e cinquenta e nove da manhã... Acordo repentinamente, esperando ouvir alguma coisa e... Nada! Durmo.

Sete e um minuto. Acordo. Nada! Aaah...! Vou dormir.

Acordo às 08h07, com um barulho distante, pequeno, que, à medida em que os olhos se espreguiçam, aumenta de volume até ficar bem claro: triiim... triiim...

Corro. Ao me aproximar, o telefone abre um leve sorriso de galhofa. O BINA, depois do carão que levou da vez passada, não faz qualquer gesto. Limita-se a anunciar:

- *É ele!*

- Ô, cara! Cadê você?

- ... bom, tô aqui, ué! Mas, antes de tudo, quero te dizer a você que o seu telefone continua fora de área e se não fosse...

- Tá! É que, puxa...! Você não me ligou mais...

- Andei tendo uns probleminhas...

- A espátula?

- Ah! Nem te conto... Estamos às maravilhas. Comprei outra espátula, baixinha, sem graça, sem tatuagem, só para os serviços de

raspagem de panelas e frigideiras, o grosso, sabe como é... Agora, com a esguia, é só coisa de criatividade. Por exemplo, estou usando ela para fazer tapioca. Você precisa ver como ela vai espalhando a goma, mexendo as curvas numa leveza que, ó... Até a tapioca ficou mais leve e saborosa, fina como um vestido de *voil*, o sal mais espalhado... Depois de ensino.

- Tá, mas, e os problemas?

- A chaleira. Cara, você não imagina o que é uma chaleira chateada. A minha ficou. Acho que é por ciúmes, vou até falar baixo que estou perto da cozinha. Negócio seguinte: estava um dia desses lavando a louça. Aquela confusão de sempre: panelas reclamando de tudo, a frigideira gasguita se pondo acima de todos, facas e garfos com aquelas vozes finas, cortantes e penetrantes; as colheres falando com a boca mole, a espátula nova espantada com a gritaria e somente a espátula tatuada numa boa, tranquila, um sorrisinho lindo na ponta do cabo. Daí, ouvi uma voz nova, sibilante, tipo quem tem a língua presa ou quer falar imitando argentinos, saca?

- Sei...

- Pois então! Olhei de lado e flagrei a debutante das reclamações. A chaleira. Um fogão inteiro só para ela, como se fora uma rainha sobre o seu território e, quer saber...? Reclamava justo disso:

- Como você é tirano! Todo dia passa horas aí, com essa plebe, ouvindo calado essa gritaria mal-educada. E eu? Nada! Nunca me olha, nunca me lava - nem que seja com aquela bucha encardida -, e nunca me guarda num armário como mereço. Passo 24 horas por dia nessa praça de guerra, sentada em cima de uma boca louca para me esquentar, e olhando para outras cinco bocas adormecidas, já com sinais de estrago nos dentes, mas prontas para se transformarem em vulcões ao menor riscar de fósforo. Você só me procura quando é para me encher de água, normalmente mais do que o necessário, e depois me larga em cima desse fogo implacável. E me esquece. Aí, eu chio, chio

e você, nada! Quando se lembra de mim, ainda abre a tampa para ver se estou soltando fumaça e aprontei a água como você quer. Claro, idi...! Opa! Desculpe, não sou grosseira na linguagem. Mas, por que você acha que grito, quer dizer: chio e chio quando água está fervente como um banho de Dante? Depois de tanto esforço, ainda duvida de mim? Acredita mais na fumaça que deixo escapar do que na minha palavra?

- Puxa! Foi forte, hein...?

- Foi. Mais um problema por aqui, cara. Se puder me ajudar numa solução...

- Tá... Vou pensar. Te respondo pelo zap.

- Ótimo. Aproveita a mensagem e me diz: bebida alcoólica formada pela mistura de diversos licores, dez letras...

07 –

Reativei meu celular depois de três semanas. Trezentas e oitenta e nove mensagens. Vinte e três do meu amigo que passa a quarentena sozinho. Dezesseis começam assim:

- Cara, seu celular só dá fora de área! Eu já te avisei a você e você não toma providência. Se continuar assim, só ligo para o fixo, sacou?!

Entendo. Ele tem lá suas razões.

Abro as sete mensagens de conteúdo diferente:

Primeira epístola:

- Cara, o sofá... Tomei uma decisão! Não valia a pena mandar para um estofador, como você sugeriu. Aquele resmungão sem paciência! Vivi nele momentos de muita glória. Quer saber? A primeira vez com a minha namorada foi nele. Revi *Casablanca* duas vezes espichadão nele. Quantos cochilos maravilhosos tirei depois

de grandes almoços...! Onde? Nele! Teve um tempo que troquei as noites na cama por ele. Começava a ver um filme, um jogo do Flamengo, e ali mesmo enfrentava a noite. Muitas vezes levei alguma coisa pra comer e, se deixava cair um grão, limpava imediatamente. Tomei muitas taças de vinho ali, e nunca deixei pingar uma gota nele. Quer saber? Dei ele para uma prima que uma vez reclamou do sofá dela. Aí...! Acho que agora os dois estão felizes.

Segunda epístola:

- Cara, lembra que te perguntei a você qual era o melhor para bater os ovos, garfo ou colher? Você nunca me respondeu, mas fica tranquilo. Sei que às vezes tu é meio desligado, mesmo. Escolhi a colher. Dica da tigela chino-brasileira. Ela quem disse:

- Cara, o garfo pode até aerar melhor os ovos, mas me machucam com aqueles dentes finos. Como sei que temos uma relação especial, vou te pedir: usa a colher. Ela escorrega melhor nas minhas paredes internas. E, não sei se tu sabes...

Interrompi na palavra, que não ia querer saber certos segredos femininos. Respondi na bucha: - Combinado. Vamos de colher!

Terceira epístola:

- Cara, seu telefone continua fora de área...

Opa! Errei. Vamos consertar:

Terceira epístola:

- Cara, chorei! Às vezes fico em dúvida se você é sensível a essas coisas, mas vou te revelar: chorei pra cacete ontem. Minha espátula! Quando me lembro até choro de novo... Cara! Quebrei a bichinha. Fui esquentar um hamburguer orgânico na frigideira gasguita e, pra deixar bem passado, apertei com a espátula, com

força. A bichinha não aguentou e quebrou, cara! Ali, bem no limite entre o cabo e as anquinhas. Fiquei com o cabo na mão e o corpo da bichinha em cima do hamburguer. Inerte, fervendo em cima daquele pedaço de carne. Foi triste, cara... Tirei o corpinho dela dali, botei junto ao cabo tatuado com flores e fui comer, mas não foi a mesma coisa. Vou parar por aqui... Só de lembrar meus olhos viram goteiras...

Quarta epístola:

- Cara, tem uns chatos que me perseguem! Já te contei pra você o que fiz com aquele resmungão do sofá, né? O cara virou um chato depois de tantos anos de convivência íntima. Pois é... Dei ele pra minha prima e quando achei que estava livre dessas companhias, eis que a chaleira decide assumir o lugar. Ela já tinha dado de reclamar que não lavo ela, que não guardo ela no armário, que não presto atenção aos chiados dela, que prefiro abrir e olhar a fumacinha saindo de suas entranhas pra conferir se a água ferveu, essas coisas... Fato é que um dia desses botei um tiquinho d´água pra ferver, coisa pro café do meio da tarde, e mal acendi a boca do fogão onde ela se senta como uma rainha, o telefone tocou, fui atender. Até pensei que era você. Cara, quando terminei a conversa, a água tinha fervido tanto que evaporou. A chaleira estava com cara de limão chupado. Uma arara. Mal entrei na cozinha e ela já gritou, com voz seca e estridente, muito pior do que a frigideira:

- Filho da puta! Você é um filho da puta!!! E dessa vez não vou pedir desculpas, não! Seu filho da puta...! Me deixou aqui e saiu! Chiei mais do que cobra e você não ouviu. Botei fumaça por todo canto, e você não viu. Estou ardida que nem a pior pimenta, queimando o que não tenho e você só me chega agora, filho de uma ... Eu, eu que podia estar da cozinha do Imperador da China, haja vista a minha linhagem saída das melhores funilarias do Grandioso Império. Eu, quase uma Ming, vim parar nesse país! E pior: na sua casa, despautério das galinhas. Conversa aí com essa panela gorducha, pergunta à tua frigideira gasguita, fala com essas tigelas que renegaram a Grande

Pátria, peça a elas o testemunho do meu sofrimento com esse fogo azul debaixo das minhas nádegas nobres... Você, seu reles plebeu, não sabe como tratar uma rainha oriental...

- Cara! Dá pra aguentar uma dessas?

Quinta epístola:

- Amiiigo! Minha namorada veio me visitar!! Vou te contar, o sofá fez falta. Sabe como é... A gente senta ali, abre um vinho, até pode ligar a televisão, que agora ela tem canal de música, essas coisas... Bom, mas eu já te contei pra você que dei o sofá pra minha prima. Então, o que fizemos? Arraaá...! Ficou curioso, né? Só que eu vou ficando por aqui...

Sexta epístola:

- Amigo, desculpe, mas só você será capaz de entender. Seguinte: bateu uma saudade grande. Da espátula. Chorei que nem num samba do tempo do meu pai. Sabe como é: a gente se apega. E aquela espátula parecia gente. Gente das boas. Me ajudava a mexer os ovos, fritar carne, tirar o arroz grudado na frigideira, sempre atenciosa e gentil, conversa boa. Reclamava? Reclamava, mas numa boa, cara! E só quando tinha razão. Depois que ela se foi, sei não... Ainda mais nesse isolamento que não acaba...!

Sétima epístola:

- Meu irmãoziiinho! Desculpe, cara, mas fui! Tô indo pra Portugal. Não aguento mais aqui, tu aguenta? Quinhentos e vinte anos e o que que a gente aprendeu?! O quê? Respondo: nada! Então, se é pra ficar dentro de casa, vou pra Portugal. Vou pra lá ver o que eles fazem, como fazem. Se você se encontrar com Chico diz, por favor, que esta terra não vai virar imenso coisa nenhuma. Gerigonça alguma funciona aqui. Desculpa não ter te ligado pra você. É que arrumar mala dá trabalho. E o seu celular continua fora de área.

Agora, fui eu quem chorei. Bateu até vontade de seguir com o amigo. Vou sentir falta das ligações dele.

Mandei uma mensagem seca para esconder os olhos úmidos:

- Boa sorte. Dê notícias.

E ajuntei as respostas das palavras cruzadas.

Desativei o velho telefone de discar, Siemens, modelo 1996. Dei um carão em mim: chega de nostalgia. E ainda filosofei como nos bons tempos das conversas na calçada da igreja: o passado nunca é o mesmo quando a gente volta a ele. Tem mais: telefone é tudo igual.

E quer saber? Aquele BINA era muito do fofoqueiro.

∞

E eis os sentidos das palavras cruzadas:

1 – deitar abaixo - everter

2 – que corre em ondas – undífluo -

3 – instrumento musical de sopro com voz de baixo - oficlide

4 – saco membranoso cheio de líquido - otocisto

5 – nó na articulação dos dedos – tálitro

6 – uma excrescência carnosa como a cabeça do peru – carúncula

07 - bebida alcoólica formada pela mistura de diversos licores - cacharolete

OSAIR VASCONCELOS é jornalista, editor e escritor. Autor de "As pequenas histórias" e outros livros.

CIDADES

Manoel Onofre Jr.

Como um rio, que nunca é o mesmo, pois suas águas passam e se renovam a cada instante, também uma cidade nunca é a mesma todo o tempo.

Numa conferência enfeixada em livro sob o título "Imagens & Itinerários de Paris" (edição bilíngue), Américo de Oliveira Costa cita Paul Leautaud a respeito da "perpétua mudança das fisionomias de Paris, segundo a hora, o tempo, a estação".

Diz Leautaud:

Tel quartier doit être vu le matin, au printemps. Tel autre à midi em plein été. Tel autre encore durant la langueur de l' automne, vers cinq heures du soir. Tel autre, enfin, la nuit, em hiver, dans la claire sécheresse du froid" (Tradução: Tal bairro deve ser visto pela manhã, na primavera. Tal outro ao meio dia em pleno verão. Tal outro ainda durante o langor do outono, por volta das cinco horas da tarde. Tal outro, enfim, à noite, no inverno, dentro da clara aridez do frio).

A propósito, vejamos o que diz José Saramago no fecho do seu livro "Viagem a Portugal":

"O fim de uma viagem é apenas o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava"

Daí porque não posso dizer que conheço Lisboa, embora já tenha estado lá cerca de vinte vezes. Nem mesmo Natal, onde vivo há longos anos, eu conheço bem...

Mas, voltando a Paris, esta é a minha cidade predileta, depois de Martins, é claro. Lisboa, Roma, Nova York, Buenos Aires, Natal, Mossoró, Recife, Rio, Salvador, Petrópolis também ganharam meu coração...

Preciso conhecer Viena, Praga e Istambul.

-0-

Paris é o Louvre, Notre Dame, os cafés nas calçadas dos boulevards, o rio Sena, a Torre Eiffel... Elegância e *finesse d` esprit* seriam atributos característicos do parisiense típico. " Paris é uma festa" - disse Hemingway.

Tenta-se definir Paris, em vão, ela é muito mais do que tudo que foi dito a seu respeito.

Em suas memórias, Gilberto Amado gravou esta frase lapidar : "Uma rua de Paris é um rio que vem da Grécia". Evidentemente, quis o grande escritor referir-se ao patrimônio cultural que a cidade herdou da antiguidade greco-romana. E que está bem presente, inclusive, na arquitetura da urbe. A igreja da *Madeleine*, o Arco do Triunfo, *Les Invalides e o Pantheon*, afora tantos outros edifícios monumentais, são exemplos do mais autêntico estilo neoclássico. Presenças greco-romanas, transfiguradas.

Mas, vale dizer que, sob esse aspecto arquitetônico, existe outra Paris, bem mais antiga - a Paris dos monumentos góticos, de que se sobressai Notre Dame.

Singular e plural, a grande metrópole torna-se íntima como um vilarejo, em cada um dos seus *quartiers*: Montmartre, Montparnasse, Champs- Élysés, Quartier Latin, St. Germain... Só os nomes fazem sonhar - diria o poeta Ascenso.

-0-

Martins da minha infância era uma cidadezinha lírica e provinciana, cercada de verde, no alto da serra mais bonita do mundo.

Câmara Cascudo, que, ainda menino, morou lá, saudou-a com uns versos de Olavo Bilac:

"Última a receber o adeus do dia,

Primeira a ter a benção das estrelas..."

Quantas vezes eu fui até as quebradas da serra, e me demorava, sozinho, absorto, o olhar perdido naquele mar azul que era o sertão visto do alto. Eu sentia um apelo, um chamado na linha do horizonte. Que havia do lado de lá? - me indagava.

Quase toda a chã da serra, além da área urbana, era um imenso pomar, com muitos cajueiros, mangueiras e jaqueiras enormes, derramando sombras. Frutas ninguém comprava; quem as quisesse bastava apanhá-las no próprio sítio ou no de pessoa amiga.

Todo mundo se conhecia e interagia naquele pequeno mundo que guardava, ainda, muitos costumes e tradições do sertão arcaico.

Embora eu tenha nascido em Santana do Matos, fui para Martins, com os meus pais, ainda bebê, e lá vivi até os onze anos de idade, de modo que sou martinense por adoção. E muito me orgulho disto.

-0-

Lisboa derrama-se por sobre sete colinas, "cheia de encanto e beleza", como diz o fado, que a exalta. Vista do alto de uma dessas colinas, a velha cidade faz lembrar Salvador, Bahia. Velhos sobrados descendo ou subindo ladeiras sugerem ângulos do Pelourinho, e o rio Tejo, espraiado, sereno, ao fundo, parece a baía de Todos os Santos. Salvador deveria tomar a benção a sua mãe, Lisboa.... Mas, a semelhança entre as duas cidades fica apenas no visual...

Lisboa é bem comportada. Trânsito organizado, largas avenidas, ruas bem traçadas e limpas, edifícios quase sempre da mesma altura, cinco ou seis andares. (Deste cenário destoam, somente, os bairros antigos e a periferia da cidade).

Lisboa conquista o visitante, é "amor à primeira vista" - perdoem o clichê. É simples e acolhedora como uma pequena praça. Não tem a pompa, a soberba de outras metrópoles europeias; em pouco tempo torna-se amiga da gente.

Nada melhor do que caminhar pelos seus bairros cheios de história e legenda: ir de bonde à Alfama, onde tudo começou; esquadrinhar o Rossio e a Baixa, subir ladeiras do Bairro Alto, curtir Belém e maravilhar-se com a beleza do Mosteiro dos Jerônimos.

Ah! Lisboa de Camões, de Eça, de Fernando Pessoa e de tantos outros grandes escritores que decifraram a alma dessa cidade sem par.

-0-

Para o turista, Nova York é Manhattan. Fora desta ilha não há muito o que se ver. Manhattan equivale, em extensão territorial, a uma cidade de médio porte. Está visto, portanto, que Nova York - a maior cidade do mundo, considerando-se toda a área metropolitana - cabe na palma da mão do turista.

É facílimo orientar-se nessa megalópole, cortada simetricamente de ruas, num sentido, e de avenidas, no outro, todas numeradas, exceto a Broadway e mais duas ou três, tendo no centro, de alto a baixo, como espinha dorsal, a 5ª avenida.

Não se pense que Nova York - notadamente, Manhattan - seja apenas um conglomerado de arranha-céus, com tudo que há de mais moderno, *up to date*. Não.

A Big Apple também tem muita densidade histórica e cultural. Tem " personalidade". Nisto, aliás, difere de quase todas as outras cidades norte-americanas. Cosmopolita, como Paris e Lon-

dres, condensa e abriga um tanto da cultura proveniente de várias partes do mundo. Acho mesmo que o melhor para a gente ver em Nova York é a Europa. Sim, a Europa que está nos museus e galerias de arte. No Metropolitan, por exemplo, há salas e mais salas transpostas de palácios europeus, um pátio espanhol, a grade do coro da catedral de Valadolid, tanta coisa mais.

Do Metropolitan e do Museu Guggenhein (belíssimo edifício) avista-se o Central Park, contraponto verde à selva de pedra.

Feliz a megalópole que tem no coração (em duplo sentido) um Central Park.

MANOEL ONOFRE JR. É escritor e desembargador aposentado. Autor de "Chão dos Simples", "O Caçador de Jandaíras", "Ficcionistas Potiguares" e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais.

AS DOENÇAS DE BEETHOVEN*

Daladier Pessoa Cunha Lima

A história da medicina inclui a vida e a obra de grandes médicos, ou de outros profissionais, cujas biografias revelam suas contribuições para o crescimento dessa área de estudos. Ao longo dos séculos, desfilam nomes de homens e de mulheres, cujas vidas foram capazes de modular a saga que tem Hipócrates (460a.C.--377a.C.) como marco principal. Porém, poucos percebem que as vidas de grandes vultos da humanidade, em particular as doenças que sofreram, também importam para a história da medicina. Como separar, por exemplo, as obras-primas de van Gogh (1853-1890) da doença mental que o afligiu de forma constante? A vida de van Gogh compõe uma página da história da medicina. Da mesma forma, a vida e as doenças de Beethoven, um dos maiores gênios da música em todo o mundo, também compõem outra página similar, pois suas enfermidades foram muito mais do que a bastante conhecida surdez.

Ludwig van Beethoven nasceu a 15 de dezembro de 1770, em Bonn, Alemanha, e faleceu a 16 de março de 1827, em Viena, Áustria. O pai, músico da orquestra da corte, rude e alcoólatra, ao perceber o talento do filho, agiu com extremo rigor, no afã de obter ganhos com as apresentações do menino, opressão também sofrida por outro gênio da música, Amadeus Mozart. Aos 11 anos, Beethoven começou a receber aulas de música, além de literatura e de filosofia, do culto e renomado compositor Christian Neefe, seu grande mestre. Em 1792, o mais celebrado músico europeu vivo, Franz Joseph Haydn (1732-1809), logo após conhecer Beethoven, convidou-o a morar em Viena para ser seu aluno, o que ocorreu pouco tempo depois.

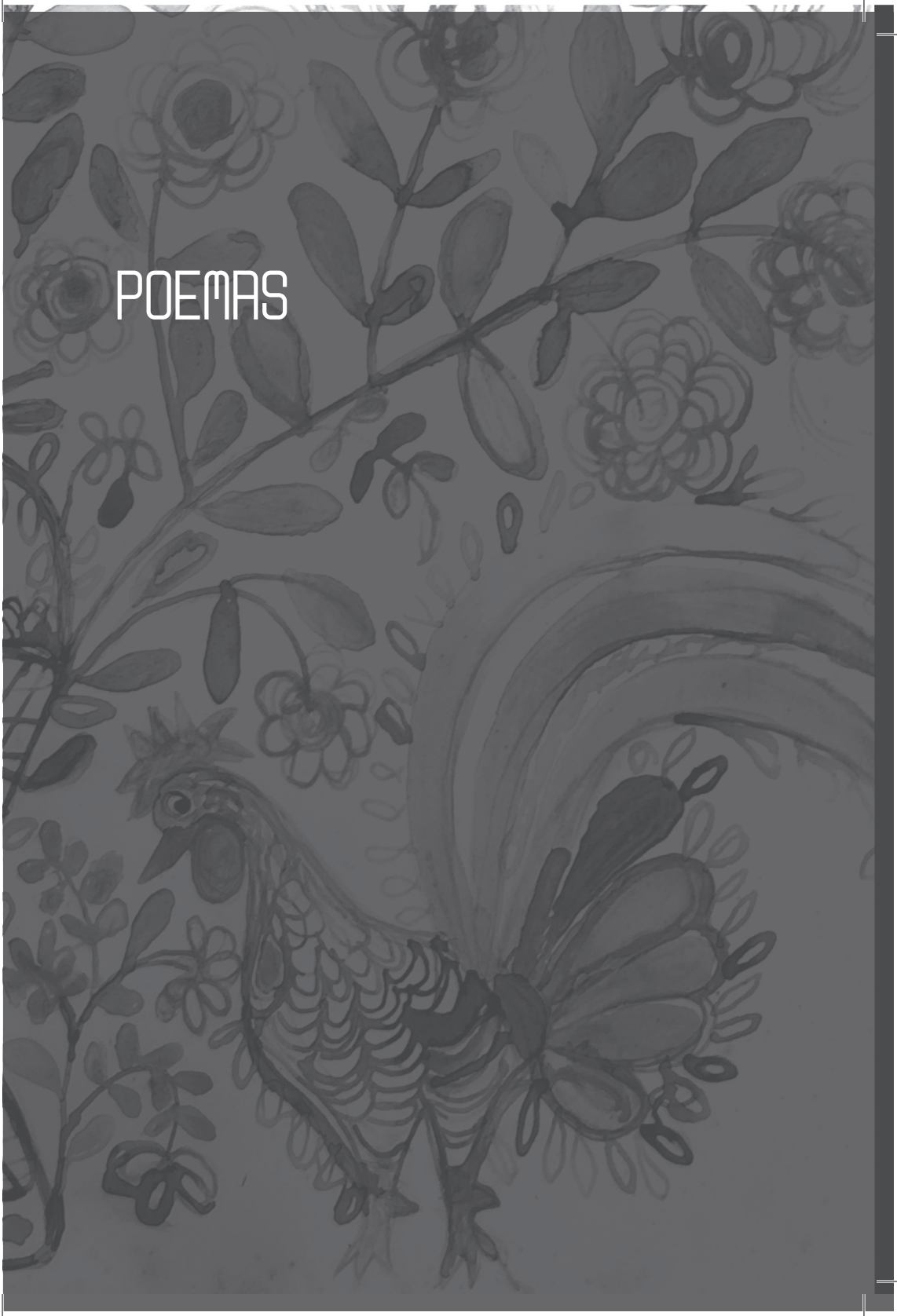
Em 1796, Beethoven começou a sentir perda da audição, progressiva e constante, fato que o levou, cinco anos depois, a escrever: "Eu estava a ponto de pôr fim à minha vida, devido a um mal incurável que, nos últimos seis anos, se agravou, nas mãos de médicos incompetentes. A única coisa que me impediu de fazer isso foi minha arte". Beethoven não teve uma infância feliz e foi infeliz com as mulheres, pois conheceu apenas amores platônicos. Não casou e não deixou filhos. Quase a vida toda sofreu de colite frequente (Doença de Crohn?), furunculose, episódios de hemoptise, hepatite, dores ósseas e reumáticas, otites, entre outras mazelas. Sua certidão de óbito atestou cirrose hepática. Nos últimos dias, pobre e cansado, pediu ajuda aos amigos de Londres, os quais, por meio da Philarmonic Society, mandaram-lhe 100 libras. O dinheiro chegou tarde mas serviu para pagar os funerais. Aos amigos, no leito de morte, ele teria dito: "Aplaudi, amigos, a comédia acabou". No entanto, há quem defenda que as últimas palavras do autor das nove mais famosas sinfonias foram: "Vou ouvir no céu".

Para a história da medicina, Beethoven é um exemplo de paciente que, vítima de várias doenças, mesmo assim, revelou-se um singular gênio da música.

*Texto publicado na Tribuna do Norte em 08/04/2021

DALADIER PESSOA CUNHA LIMA é escritor, professor e médico. Ex-Reitor da UFRN, atual reitor da UNI-RN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de "Retratos da Vida" e outros livros.

POEMAS



AMAR

Jarbas Martins

Nem tudo é amor, aquela febre
que perpassa a aurora de um dia
se desfazendo logo ao sol que feito lebre
-se multiplica pelo campo e se desvia.

Romeu amava Julieta ? Quem diria
que essa fábula perpassando célebre
engenhosa e enganosa ouviria
um dueto apenas? Em um casebre

quantos pobres estenderiam o seu ouvido
para acreditar no instante de uma hora,
uma planejada arte sem sentido?

A fraudulenta luz vem lá de fora
e num Templo Sem Amor se desmorona
exsurgindo o luzeiro em sua Hora Nua

JARBAS MARTINS é poeta, escritor e professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de "Contracanto" e outros livros.

CARTA AO MEU AVÔ

Marcelo Navarro Ribeiro Dantas

Treze anos eu tinha quando foste embora...
Vinte anos passados... e só agora
Vejo como marcaste minha vida.
Como sinto falta de tua mão amiga,
De teu sorriso franco, abençoado,
De teus olhos azuis de céu iluminado,
De fazer festa em tua calva luzidia.
De passear no teu jipe, na praia, de dia;
De ouvir, à noite, histórias que contavas...
Das músicas de que tanto gostavas,
De tua casa de avô — o único que tive!
Do flamboyant que, para mim, lá ainda vive,
Com flores, que, saudosas de ti, meu velho,
Jogam-se no chão, cobrindo-o de vermelho...
Tua casa era um recanto de sonho:
Tinha um jacaré empalhado, medonho,
E um laboratório de alquimista
Com tubos, retortas, e uma imensa lista
De objetos mágicos a meu olhar criança.
Um tanque no quintal, a memória alcança,
Os bichos mais incríveis — até faisões,
Que um tempo criaste entre caramanchões,
Antúrios, rosas e uns quantos passarinhos.
Houve também uns coelhos branquinhos...
Mas o melhor era uma estante de madeira
Pequena e preciosa, sem grão de poeira,
Com *O Thesouro da Juventude,* que eu lia,

Deliciado pela velhíssima ortografia,
Deitado no chão da sala de visitas
Onde, entre outras coisas raras e bonitas,
Havia a estatueta de uma negra nua.
Eu ia para lá, e brincava na rua,
E tu, do terraço de belas colunas,
Maroto, olhavas o cortejo das jovens alunas
Passar para a escola, de saias plissadas...
Gostavas de rir, e de contar piadas,
De pregar peças, com jeito pachola,
Enquanto assobiavas para a melhor gaiola,
Da tua sabiá, que era de estimação.
Tu aliavas ao teu sensível coração,
Um senso de humor finamente curtido:
Ninguém melhor que tu para pôr apelido,
Ninguém melhor que tu para aperrear...
Tu eras erudito, e eras popular:
Comias escutando *O Curruchiado*,
A resenha esportiva de João Machado,
E nos almoços tão gostosos de família
— Comida de vovó, aquela maravilha —
Com todos tu mexias, sem escapatória...
Ah, vovô!... Vovó, a tua Madaglória...
Quanta saudade dela eu sinto também...
Relembro vocês dois assistindo novela,
E ela repetindo, alto, o que da tela
Não conseguias escutar... Era engraçado:
Eu ficava só rindo, quieto, ali, ao lado,
Sem dar-me conta do quanto era feliz...
Tu eras da família a grande diretriz,
Tu eras quem cuidava dos doentes,
Do caso mais grave à vulgar dor de dentes...

Mais que um farmacêutico, foste um Galeno
Um médico, um sábio, um cidadão heleno,
Um filósofo... Culto, mas sem arrogância,
Ou nunca te importaste em ter importância,
Porém toda a cidade te queria bem.
Das tolas vaidades, estavas além,
E olha que tu foste o primeiro graduado
Em curso superior, aqui em nosso Estado.
Meu pai, teu genro, que tanto te admirava,
Dizia-me: "meu filho", e a ti apontava,
"Faz de Mestre Álvaro o teu exemplo
De ética e trabalho, ingressa nesse templo;
Vê como a honestidade mora na conduta
Que o homem constrói na incessante luta:
Moral de atitudes, não só de palavras."
Era esse o árduo campo que lavravas,
Com a dureza do teu caráter reto,
Temperado apenas pelo profundo afeto
Que de ti emanava, ó grande alma pura!
Tinhas a alegria clara e a doçura
De quem costuma fazer somente o bem,
De quem não se conforma em só dizer amém
Ao que há de torto por aí, e quer
Fazer um pouco, seja o que fizer,
Para ajudar a melhorar o mundo,
Para minorar-lhe o sofrimento fundo,
Como fizeste, com tua farmácia...
Quantas vezes deste remédio de graça?
A quantos atendeste, a quantos curaste?
Só Deus sabe dizer quanto aliviaste
A dor do velho enfermo, a doença do pobre...
Tenho orgulho de ti, de tua vida nobre,

Pois nunca procuraste qualquer recompensa.
Eis a maior lição, eis a lição imensa
Que me deixaste sem nada ter de dizer,
Tu, que tanto me ensinaste a fazer,
Que me cativaste pela inteligência,
Pela habilidade, pelo amor à ciência,
Que sempre me incentivaste a estudar...
Lembras? Adoravas ver-me desenhar,
Compravas-me revistas, levavas-me ao centro...
E quando olho dentro de mim, ali bem dentro,
Vejo isso tudo como se passado só um dia...
Tu me deste uns fascículos de mitologia
Que até hoje tenho, encadernados.
São o último resquício desses tempos dourados...
Meu avô!... Não posso mais conter-me, vou chorar...
Porém tenho uma esperança, que vou te contar:
De vez em quando peço, em minhas orações,
A graça de encontrar-te, em outras dimensões,
Pois sei que, de onde estás, sempre me acompanhas.
Perdoa estas bobagens, mas vêm das entranhas...
Sei que tenho mamãe, em quem vejo teu gesto,
O brilho dos teus olhos, e te sinto perto;
De uns tempos para cá, toda vez que eu a beijo,
Me vem tua lembrança, e eu te revejo.
Eu sinto que entre nós existe um forte laço,
Queria ter-te aqui para mais um abraço,
Conversar contigo, ouvir o teu conselho...
Vem! Atravessa daí do outro lado do espelho,
Vem dar a tua bênção a meus filhos!
A vida e a morte são só os dois trilhos
Da estrada de ferro da eternidade:
Parecem separados, porém, na verdade,

Unem-se mais à frente, no infinito...
Já vislumbro teu vulto, sereno e bonito...
As coisas impossíveis, pode-se fazê-las
Com *o amor, que move o sol e as mais estrelas...*

Poema escrito em Pirangi em janeiro de 1996

MARCELO NAVARRO RIBEIRO DANTAS é magistrado, professor, jurista e poeta, autor de "Mandado de Segurança Coletivo - Legitimação Ativa" e outros livros

O MOINHO COMO TESTEMUNHO

Alfredo Neves

Vejo o deslumbrado moinho
com as suas palhetas
inertes no verde brilho
das águas mornas dos baldos
a contemplar distante
as pirâmides de sal.
Multidões o reverenciam,
e diante da sua beleza azul
o vento forte vindo do leste
cruza as suas engrenagens
sem força para movê-lo.
Cantos antigos falam da sua saga,
E tendo a ferrugem como aliada
É o guardião de todas as histórias
Dos homens que usurparam a cidade.

ALFREDO NEVES é poeta, escritor e artista plástico. Sociólogo, é vice-presidente da Academia Macauense de Letras e Artes.

DESERTO

Xalliane Amorim.

"Porque o Senhor vosso Deus vos abençoou
em todo o trabalho de vossas mãos.
Ele sabe de vossa viagem por este vasto deserto."
(Deuteronômio 2,7)

Assovia tão de perto
o silêncio no deserto,
que até posso acarinhar
o seu fl anco aveludado
como um pássaro de ar.

Levemente, ponho a mão
nesse casto coração
onde mora o encantamento
da nudez que a alma esconde
sob os véus do pensamento...

Com o olhar apascentado
nas areias, sem cuidado,
a não ser o de beber
essas pedras da paisagem,
que sabem a amanhecer...

Eu caminho como quem
tateasse mais além
das fronteiras de si mesmo,
recolhendo a luz antiga
dos astros, brilhando a esmo...

Ouço o canto mais dolente
do meu pássaro silente,
e penso nos seus punhais
esgarçando a acetinada,
falsa tez de minha paz!

Como dói esse deserto,
em quarenta passos certos,
desejar atravessar!
Mas de mim é que me amparo
se por ele ouso passar...

KALLIANE AMORIM é poeta, escritora e professora do IFRN. Autora de "Relicário" e outros livros.

POEMA

Oreny Júnior

ouçam o som da periferia

ouçam o som da periferia

ouçam o som da periferia

ouçam o som da periferia

ORENY JR é poeta, editor e livreiro. Autor de “Fórceps” e “Metamoformas”.

UM SONETO E CINCO POEMAS BREVES DE ROBERTO LIMA

SAUDADE ANTIGA

Uma saudade antiga era mais terna.
Era de alguém ou mesmo de um lugar
E, embora parecesse ser eterna,
Findava-se com um breve regressar...

Saudade nova vive em nós e hiberna
Pois quando chega, vem para ficar
E, quase sempre, o coração consterna,
Lembrando tudo que hoje é só lembrar...

As primeiras saudades verdadeiras
Foram todas saudades passageiras
Contrastando às saudades atuais...

...Mas as saudades, as que sinto agora,
Bem diferentes das que tive outrora,
São mesmo assim: saudades imortais...

CANTIGA MORRENTE

Talvez, se a morte não fosse,
A vida é que não seria
Um canto triste, assaz doce,
Sabendo a melancolia;
Sentimento de acabou-se,
Mas que não se acabaria
E a vida triste ou contente,
Um longo tédio morrente,
Mas que nunca morreria.

ALMA E CORAÇÃO

O nosso amor na alegria
Engradece e, em breve, amplia
Mesmo o menor coração,
Que cresce em forma tão plena,
Que a alma fica pequena,
Pra guardar-lhe a dimensão...

... Mas o nosso amor sofrente
Nos revela claramente
A sua outra feição:
Faz crescer a alma da gente
Pra guardar completamente
Mesmo o maior coração ...

(Para Socorro, minha mulher, alma e coração da minha vida.)

CANÇÃO EM MIM MAIOR

Em tão breve ocasião,
Sou a sensível canção
Do nosso divino amor.
Você me inspira e me encanta
E bem suave me canta
E me toca em mim maior...

OUVINDO "ASA BRANCA" POR AMETH MALE

O que será que agora sinto,
O que será que escuto agora
Nas voltas dessa canção
Que só a indiferença mandaria embora?...

- É um canto de dor, um grito:
Canto que sai na voz da alma,
Expondo o seu coração;
Dor que inquieta a mente calma,
Grito que agita o corpo são...

WHERE MY HEART

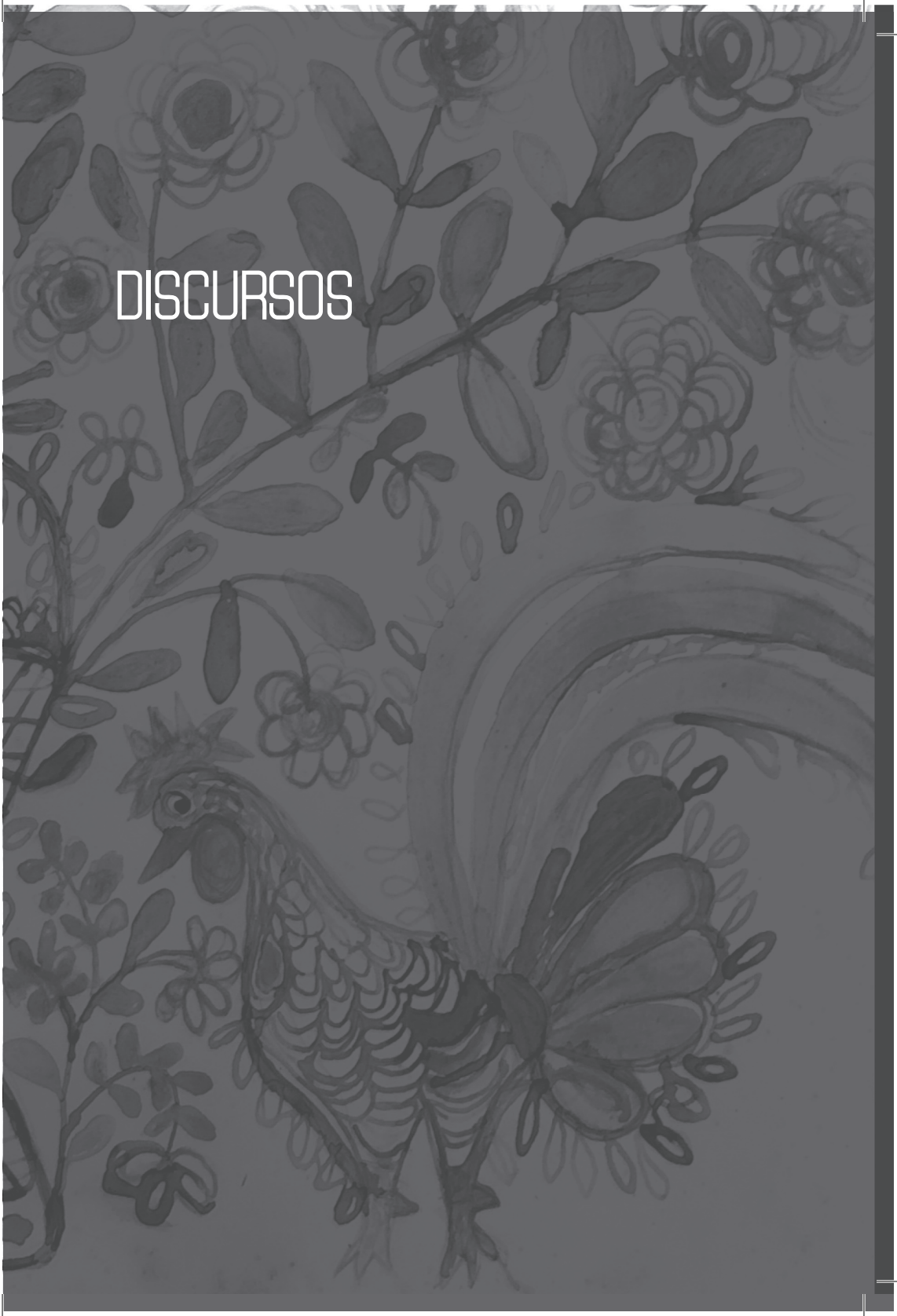
One day, I asked my soul where my heart was.
And I heard that maybe it was in the heart of the earth,
Where my grandparents and my parents are sleeping.
So, I asked the land where my heart went.
And the land answers me: into the heart of all yours truly.

ONDE ESTÁ MEU CORAÇÃO

Um dia, eu perguntei a minha alma onde estava o meu coração
E ouvi que, talvez, no coração da terra,
Onde dormem os meus avós e os meus pais.
Perguntei, então, à terra por onde andava meu coração.
E a terra me respondeu que ele estava no coração
De todos aqueles que são verdadeiramente meus.

ROBERTO LIMA é poeta e escritor, professor aposentado da UFRN. Autor de "As Dimensões do Tempo" e "As Dimensões do Espaço Íntimo" (poesias), "Romance da Princesa Kalina" e o "Quinto Anjo" (contos). Membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, da União Brasileira de Escritores / RN e do Instituto Histórico/RN.

DISCURSOS



NECROLÓGIO
NELSON FERREIRA PATRIOTA NETO

(Cadeira 8, ANRL)

Nascimento: 04 de novembro de 1949, Natal/RN.

Falecimento: 06 de janeiro de 2021, Natal/RN.

– Saudação *in memoriam na ANRL* –

LÍVIO OLIVEIRA - Cadeira 15

Senhor Presidente, Professor Diógenes da Cunha Lima, a quem agradeço por mais um honroso convite; desta feita, para complexa tarefa, ao mesmo tempo elevada e nobre;

Senhoras e Senhores Membros da Academia Norte-rio-grandense de Letras;

Senhoras e Senhores Membros do Conselho de Cultura do Rio Grande do Norte, através dos quais saúdo todas as instituições culturais do nosso Estado e agradeço pela adesão ao presente evento;

Demais autoridades políticas, religiosas, militares;

Senhoras e Senhores familiares e amigos do nosso querido homenageado;

Senhoras e Senhores presentes a esta solenidade de saudade e de homenagem.

A princípio, comoveu-me e surpreendeu-me o convite feito para homenagear o meu confrade e amigo pessoal Nelson Patriota: a tarefa de elaborar as palavras em seu louvor significou para mim uma honra e um susto, um salto no inusitado, como foi na ocasião em que Nelson me convidou para escrever as orelhas do "Livro das Odes", que publicou pela Editora Sol Negro, em 2012.

Ora, eu já conhecia todo o humanismo enciclopédico de Nelson, advindo de sua plural e rica condição de ensaísta, crítico, tradutor, ficcionista. Ali surgiam – diante dos meus olhos perplexos e deslumbrados – aquelas belas odes, canções poéticas que vinham sendo guardadas a sete chaves (com algumas poucas exceções expostas em publicações locais), de um poeta que se desvelava por inteiro no livro que acabava de apresentar aos leitores, elegendo um gênero que se espraiou ao longo dos tempos, chegando aos modernos e contemporâneos com a mesma força de outrora (Álvaro de Campos/Fernando Pessoa já nos dava bons exemplos com a "Ode Triunfal" e a "Ode Marítima").

Não se faz necessário afirmar que naqueles versos estava situada uma comovente e sublime maneira de tratar a palavra poética. Nelson não desperdiçava palavras. Sentimentos, sonoridades, lugar da estética musical, uma razão lógica e lances de emoção desbragada se casavam e se harmonizavam, encontrando lugar na poesia que viria envolver o leitor sob fino e macio tecido.

Li (e propunha que assim fossem lidos) os poemas de Nelson: como quem contemplava aquarelas, face à beleza calma e contida dos tons e matizes, mas sem deixar de perceber os fortes sentimentos, a paixão e a ardência que, inexoravelmente, transbordavam das pinceladas leves e delicadas.

Nosso tempo não é um tempo fácil. Ainda mais para se poetizar. Nelson Patriota já nos relembrava isso na sua

“Ode da pulsão escritória

Escrever-te é um ato subalterno: badalasse
um sino distante
anunciando tua iminente vinda,
Vaticinasse o madrugador pássaro da manhã
que vinhas com a aurora,
Previsse tua chegada uma garrafa náufraga
Peregrina
em indistinto ou secreto manuscrito (mas que eu
conheceria),
então não te escreveria. Se ora o faço, porém,
penitencio-me
da indesculpável inércia em que me enreda,
a pulsão escritória
numa teia de inextrincáveis fios
que nada me contam de ti, mas fingem fazê-lo.
Escrevo-te para não perder o diálogo que
entretenho contigo,
artifício com que espero desesperadamente
alimentar nossa comunhão laica,
embora cada palavra nossa pareça, em sua
sacralidade,
portar bênçãos imensuráveis.
Escrevo-te, enfim, para renovar todos os motivos
que te trazem a mim, mas sem os quais
poderias te dissipar como

uma nuvem,
um sopro,
uma miragem que a caravana sequestra
do meu deserto particular
onde só a aridez é certa."

Seria, assim, um lance de extrema ousadia de Nelson fazer o caminho inverso ao de muitos escritores contemporâneos, que têm se deslocado da poesia (menos afeita possivelmente à popularidade entre leitores) para a prosa?! Nelson buscou, talvez, o caminho mais difícil ou o mais valoroso, para poucos e bons, encontrando pedras na estrada e transformando-as em pepitas, num trabalho digno de um alquimista.

Bom saber que Nelson não se acomodou num único gênero dentro das suas amplas possibilidades do fazer literário. A palavra de Nelson foi até onde foram o seu olho sensível e a sua profundeza de alma.

A sensibilidade humanística desse prosador e poeta não carece de "dilação probante". Já se mostra ampliada nos seus próprios conceitos estéticos, bem assimilados pelo estudioso e homem de amplo espírito.

Essa palavra peculiar, valiosa e viva de Nelson Patriota se projeta em todos os cantos. E nos traz a beleza, algo essencial aos nossos frenéticos e caóticos dias. O poema e a poesia não se acovardaram na lavra desse poeta que esteve diante e agora está distante (tão-somente fisicamente) de nós.

Senhoras e Senhores da Academia,

Nesta sessão solene de saudades de Nelson Patriota, nosso confrade da cadeira número 8 da nossa cada vez mais ilustrada Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, que neste 2021 viverá

a relevante efeméride dos 85 anos de existência e de serviços de natureza cultural e artística para o Rio Grande do Norte, trago – para rememorar – alguns trechos que escolhi (o tempo desta sessão não comportaria a íntegra) da entrevista com o nosso Nelson, por mim realizada no ano de 2011.

Deixarei somente as sábias respostas de Nelson, já que dizem muito mais do que alcançariam as perguntas feitas por mim.

Senhoras e senhores, ouçam o que Nelson ainda nos ensina de forma perene:

Sobre a relação com os livros, a leitura, a escrita:

"O convívio diário com os livros é uma escolha, dentre inúmeras outras que eu poderia eleger na vida. Optei por escrever e isso supõe a leitura como ponto de partida e de chegada: uma simbiose que se renova no próprio ato da leitura/escrita. Eu não diria que isso me satisfaz profissionalmente, até porque sendo jornalista e exercendo esse ofício, entre outros, me sinto profissionalmente dividido. Mas é uma opção pessoal inegociável, não importando satisfações profissionais que daí decorram. Quanto a impasses, enfrentei-os de diversos tipos, mas sempre soube o que quis.

Sobre a experiência como editor de O Galo:

"A experiência à frente de O Galo foi importante para aprofundar minha

convivência com escritores de minha geração, especialmente os nordestinos, mas também de outras regiões do país. Dirigir O Galo também me ajudou a me disciplinar profissionalmente e desenvolver um modo de ver e avaliar o que chamamos de literatura, sua função, seu valor, seu alcance etc. Posso dizer ainda que esse diálogo multiliterário me auxiliou a amadurecer conceitos e valores literários. Acrescentaria, porém, que minha relação com a literatura começou efetivamente no convívio doméstico, com meus pais e irmãos. Outro momento importante foi minha experiência profissional no jornal A República, duas décadas antes de O Galo, quando criei uma página literária dominical que deu origem ao suplemento cultural Contexto, na mesma "República", do qual fui também editor."

Sobre o ato de escrever:

"Como afirmei acima, minha escritura se alimenta de minhas leituras, na medida em que me sugerem ideias, me propõem desafios, me inspiram projetos e enriquecem minha experiência de vida. Assim, não posso ver qualquer tipo de conflito ou incompatibilidade entre as leituras literárias que faço, paralelamente às atividades de crítico, ensaísta e tradutor e, ainda, de ficcionista. Alguns contos do meu livro Colóquio com um leitor kafkiano, de 2009, seriam inima-

ginável sem certas leituras literárias, e não só de Franz Kafka, como agudamente observou o crítico Tácito Costa, aliás um excelente leitor, da linhagem de Manoel Onofre Jr., Pedro Vicente Costa Sobrinho, Vicente Serejo e Paulo de Tarso Correia de Melo."

Sobre o ofício do crítico literário:

"A crítica literária sempre foi uma atividade vista como essencial para a renovação de qualquer literatura, pois é a crítica que determina, pouco a pouco, o que é transitório e o que é permanente numa dada literatura, suas nuanças, suas inflexões, suas inovações etc. Se eventualmente isso pode ser algo perturbador não é uma questão essencial; a crítica pode ser prazerosa quando depara com uma descoberta que passara despercebida numa primeira leitura e aflora numa segunda; pode ser enervante quando depara com um mau livro, um mau romance, pretensioso e fátuo; pode ser intrigante quando produz perplexidade e espanto à primeira leitura etc., mas sempre acrescenta e ilumina as veredas literárias."

Aqui, abro parênteses para acrescentar ótimas observações do nosso prezadíssimo confrade Manoel Onofre Júnior, por ocasião da saudação ao Acadêmico Nelson Patriota, durante a posse deste na nossa querida Academia. Isso foi na noite de 16 de abril de 2016:

> "Nas análises que faz, Nelson Patriota revela traços essenciais do seu caráter intelectual: honestidade e equilíbrio. Julga sempre com isenção. Nada passional. Para usar uma pitoresca, mas adequada expressão do escritor François Silvestre: 'Nem mel, nem fel'."

E acrescenta o perspicaz e atento Manoel Onofre Júnior:

> *"Ecce homo...*Considero-o, dentre os escritores potiguares, a mais perfeita encarnação do intelectual, do *scholar,* do bibliófilo, tomada esta palavra não no sentido de colecionador, mas, sim, de amigo dos livros."

Continuemos ouvindo o nosso saudoso e muito admirado Nelson Patriota, imortalizado em suas palavras exatas:

Sobre a arte da tradução:

> "Cheguei à tradução literária depois de ter trabalhado com traduções diversas de línguas como o francês, o inglês, o espanhol, entre outras. Traduzir poesia se tornou para mim um desdobramento de outras traduções, haja vista que a leitura da poesia em outros idiomas sempre traz consigo o desafio da tradução. (...) Meu interesse por tradução poética cresceu devido ao diálogo permanente que mantenho com o poeta Jarbas Martins, leitor apaixonado de poesia. A amizade com o poeta Luís

Carlos Guimarães foi outra influência fundamental para a ideia da "Antologia poética" que publiquei. Como traduzir é também uma forma de criação (ou recriação), sinto grande prazer intelectual em traduzir Tennyson, Auden e Goethe e outros poetas de minha eleição."

Sobre a relação do escritor com o leitor:

"Lançando mão de um velho truísmo, diria que todo escritor quer ser antes de tudo lido. A poetisa americana Edna Saint Vincent Millay expressou essa ideia num verso famoso: "Read me, do not let me die!" ("Leiam-me, não me deixem morrer"), e Saramago pediu que o lessem em voz alta, a fim de preservar a oralidade que perpassa sua prosa. Mas é claro que, no fundo, cabe ao leitor a última palavra nessa questão, o que revela também a enorme fragilidade que cerca o ofício do escritor."

Acredito que todas as palavras de Nelson se mantêm atualíssimas. Parece até mesmo que Nelson está circulando levemente, com as mãos para trás e olhar sereno, neste salão, dialogando conosco. Sim, Nelson era um homem do diálogo sincero e desassombrado, como me lembrava, dia desses, um dos nossos amigos comuns.

O nosso precioso colaborador, editor da Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Thiago Gonzaga, também conseguiu obter uma curiosa e relevante resposta de Nelson, quando lhe indagou acerca da eleição para a Academia. Ouçam, senhoras e senhores, a seguinte resposta, presente à pág. 133 do Volume

I do livro "Impressões Digitais", publicado por Thiago, na Offset Editora, em 2013:

> "Na verdade, eu nem sequer pensava em me tornar acadêmico. Minha modesta atividade literária não via na condição de acadêmico um complemento indispensável. Mas fui levado a mudar de ideia em virtude de vários fatores, a começar pelo movimento que surgiu dentro do Conselho Estadual de Cultura, a que pertenço, e que me exortou com muita persuasão a concorrer à cadeira do meu tio Nilson Patriota, logo após o seu falecimento, que se deu em março de 2008. Tentei resistir a esse pleito, mas chegou um momento em que isso se tornou incômodo e indefensável".

Saliento que, indiscutivelmente, Nelson se situa entre os mais importantes e completos intelectuais do Rio Grande do Norte. Escritor (romancista, contista, cronista, poeta, ensaísta), crítico literário, tradutor, revisor, jornalista, editor, desenvolveu suas atividades intelectuais e literárias com seriedade dedicada e com olho e mão extremamente meticulosos.

Tudo o que Nelson produziu teve a marca da qualidade e do esmero.

Não à toa, o nosso mestre e dileto confrade, **Ivan Maciel de Andrade,** afirmava durante nossos frequentes diálogos virtuais, há poucos dias:

> "Nelson Patriota tinha múltiplos talentos: era um crítico e ensaísta literário erudito e com rara capacidade de compreensão e interpretação das obras

> submetidas a seu foco analítico; um ficcionista inovador, voltado para as formas anticonvencionais de construção e elaboração das narrativas; um aglutinador de pessoas vocacionadas para as letras, tendo organizado bem-sucedidos e desbravadores movimentos culturais. Mas Nelson era principalmente um ser humano que cultivava a simplicidade, o bom e amistoso relacionamento com os amigos e com os que dele se aproximavam e que preservava, acima de tudo, uma intransigente dignidade de princípios e atitudes."

A grande poeta Carmem Vasconcelos também nos deu recentemente um sintético e poderoso depoimento acerca das qualidades humanísticas e humanas do nosso homenageado:

> "Nelson Patriota era uma criatura em quem a gentileza fez morada. Um ser humano com quem fazia muito bem conviver. E como intelectual, digno da admiração mais reverente. Sua presença física deixará saudades em todos os que tiveram a graça de compartilhar com ele momentos da vida, mas as palavras que escreveu vão garantir sua presença muito mais além."

O nosso confrade valoroso Woden Madruga relembra a participação de Nelson como editor de *O Galo*:

> "Na gaveta dos papéis desarrumados e outros guardados encontro um exemplar do jornal "O Galo", edição de dezembro de 1996. Se a memória não

> me falha foi a primeira publicada sob o comando de Nelson Patriota, que se encantou há 11 dias deixando um enorme vácuo na literatura e no jornalismo potiguares. O artigo da página 2, com o título "Um Galo, outros Galos", é do editor, como está 'ferrado' em baixo: "O Editor". Portanto, dele, Nelson. O jornal foi criado na Fundação José Augusto, em 1988, durante o governo de Geraldo Melo, e editado por Marize Castro. No governo seguinte (José Agripino Maia), O Galo deixou de ser publicado. Só voltou a cantar no governo de Garibaldi Filho, entre os anos 1996 a 2002, agora sob a regência do nosso querido Nelson Patriota."

Outro grande parceiro de Nelson, o jornalista Tácito Costa assim se expressa sobre o amigo que partiu:

> "Nelson foi o intelectual mais completo com quem convivi. Aprendi muito com ele. Contribuiu de maneira decisiva para o meu refinamento literário. Tem minha eterna gratidão. Jornalista, sociólogo, crítico literário, tradutor, escritor que desconhecia fronteiras, escreveu biografias, crônicas, contos, romances e poesia, revisor, organizador de coletâneas de poesia, violonista, enxadrista, editou os cadernos culturais dos jornais A República, Diário de Natal, Tribuna do Norte e da revista RN Econômico. Como editor, jamais se negou a noticiar um lançamento, escrever uma crítica a

> pedido do autor ou fazer uma orelha ou prefácio para quem quer que fosse. Era cultíssimo, mas generoso e humilde. De uma integridade e honorabilidade reconhecida tanto no meio jornalístico quanto literário. Deixa uma lacuna impreenchível na cultura e no jornalismo do Rio Grande do Norte."

E eu afirmo que, também como Tácito, aprendi muito com Nelson. E não nego sentir hoje uma enorme falta das nossas conversas, inauguradas na Fundação José Augusto, quando ele e o grande poeta e imortal Luís Carlos Guimarães decidiram publicar, pela primeira vez, alguns poemas meus, quando até aquela entidade fui levado, puxado pela mão de um amigo, o ótimo contista Manoel Marques da Silva Filho.

Normalmente, as conversas que vieram depois quase sempre foram de pé, tranquilas e duradouras, aqui mesmo nas solenidades acadêmicas, ou nas livrarias de Natal. Desses estabelecimentos, hoje muito poucos sobram na nossa combalida cidade, todos sabem. Destaco, dentre as que frequentávamos, principalmente a louvável e resistente Cooperativa do Campus da UFRN, onde circulávamos, Nelson e eu, por entre as prateleiras de livros e conversávamos animadamente, sempre com algumas observações sociais e literárias de leve natureza crítica e sutilmente bem humoradas.

Sentiremos todos, Nelson, a sua ausência e a lacuna intelectual que se estabeleceu na nossa Academia e no mundo literário e cultural do Rio Grande do Norte. De qualquer sorte, sabemos que você é um dos nomes que ficarão gravados na imortalidade, com letras de ouro e com o sentimento elevado de quem se dedicou com paixão e amor sincero ao seu ofício literário. Por isso mesmo, reservo as últimas palavras desta minha singela oração de saudade para dar realce a uns rápidos trechos do seu discurso de posse nesta Academia em 2016, que confirmam a expressão de Manoel Onofre Júnior ("amigo dos livros"), conforme acima citei:

> "Nasci entreouvindo diálogos sobre livros, à mesa. Ao seu tempo, eles me levaram aos livros sobre os quais discorriam e, finalmente, aos livros em geral – a literatura em toda a sua infinita incompletude – e à escritura de livros. Paralelamente, os livros se revelariam objetos sobre os quais eu exerceria uma espécie de ourivesaria: a da pesquisa vocabular, busca da exatidão vernacular, da adequação semântica e sintática, enfim, da revisão gramatical, paralelamente à tradução e à reescritura, e, por fim, à crítica e ao ensaio literário, que têm ocupado muitas horas dos meus dias."

Nelson, a partir da assertiva acima, fez-se a si mesmo uma primeira e essencial pergunta:

> "**Poderia ter seguido outro destino que não o dos livros?** Confesso que sinto calafrios só em pensar numa alternativa a essa atividade que me absorve com um olor sempre agradavelmente renovado. Encaro-a como um dever e uma dádiva de herança que cultivo e preservo e que se justifica por si mesma. Aqui faço outra confissão: quando olho para trás, vejo que fui forjado na forja do lar; eu nada seria sem isso, ou seria alguém totalmente estranho ao homem que sou. Não posso jactar-me, como tantos o fazem, de ter-me feito por mim mesmo. Nada mais estranho para mim do que o *self-made man* apregoado pelo dinamismo da América fabril."
>
> (Negritou-se).

E construiu outra auto-indagação, seguida da resposta exata:

> "**Queremos insistir nesse ponto: por que a literatura?** Propomos duas respostas. A primeira vem de Marcel Proust, quando afirma a excelência da literatura como único saber capaz de dar conta de toda a complexidade da vida. A segunda, de Ítalo Calvino, que, com requintes escatológicos, dá um ultimato a nossa época: literatura ou decadência, pois ao seu ver, só a literatura pode salvar o mundo. Também pensamos assim."
>
> (Negritou-se).

Agora falo, por derradeiro, destacadamente em primeira pessoa, pela grande amizade que tivemos e pelos ensinamentos que Nelson Patriota me propiciou: *Meu prezadíssimo Nelson, estivemos e estamos juntos em todas essas crenças. Mantenho eterna gratidão por ter me dado o tratamento de amigo e por ter me deixado uma parcela do seu legado humano e humanístico tão valioso!*

Lembremo-nos sempre de Nelson em nossas mentes e em nossos corações! Muito obrigado aos presentes pela atenção! Saúde, com vacina para todos!

Natal/RN, prédio-sede da Academia Norte-rio-grandense de Letras, em 10 de fevereiro de 2021.

JUBILEU DE OURO SACERDOTAL DE CÔNEGO JOSÉ MÁRIO DE MEDEIROS

Padre João Medeiros Filho

"Cantai ao Senhor um cântico novo, pois, Ele fez maravilhas." (Sl. 98/97, 1).

Há cinquenta anos, pela ordenação presbiteral, o Cônego José Mário de Medeiros ornou-se um "*Alter Christus*" (Outro Cristo). Renova-se misticamente o mistério da Encarnação e "*Deus arma a sua tenda entre nós*", na expressão do Profeta Isaías (Is 33, 20). É bom lembrar que a data de hoje é celebrada, no tempo do Advento, onde proclamamos que o "*Verbo Divino se fez carne e habitou entre nós"* (Jo 1,14). O Eterno teve a suprema gentileza de assumir a condição humana, tornando o seio de Maria primeiro sacrário da Divindade. Num espantoso gesto de amor, Cristo tornou-se nosso próximo e irmão, conferindo-nos uma dignidade infinita. "*Somos, pelo amor de Deus, projeto do Eterno, semente do Absoluto. E Jesus, o Divino feito homem, é o máximo futuro da nossa raça. Utopia maiúscula, da qual um dia nos revestimos",* escreveu o Padre Teilhard de Chardin.

Querido irmão e confrade acadêmico, que lhe dizer, hoje, diante de meio século vivido com sabedoria, fé e doação? Nada melhor que recitar as palavras do salmista, quando agradece ao Todo-Poderoso a riqueza de sua revelação: "*Dai graças ao Senhor, pois Ele é bom, eterno é seu amor, incomensurável a sua misericórdia."* (Sl 106, 1).

Fomos e somos iluminados pela vida e pelo testemunho de nosso homenageado. Hoje é dia de memórias e saudades, festa e agradecimento. Agradecer integra a nobreza da vida e a dignidade da alma cristã. Assim, vemos continuamente o Mestre, elevando os olhos aos céus e rendendo graças ao Pai: "*Eu te bendigo e te agra-*

deço, ó Pai" (Lc 10, 21). Não é em vão que a passionária chilena, Violeta Parra, proclama a sua gratidão à existência e ao Deus da vida, quando canta: "*Graças à vida que me tem dado tanto; deu-me o riso e deu-me o pranto, por isso eu canto o cântico de todos".* E, séculos antes, o salmista reconhecido enriquecera os versos: "*Que retribuirei ao Senhor, por tudo o que Ele me tem feito, tomarei o cálice da salvação e invocarei o seu nome"* (Sl 116/114-115, 12-13).

Não há como esquecer a bondade infinita de Deus, que culminou de graças, durante cinco décadas, aquele que Ele nos presenteou como pastor de nossas vidas. O Transcendente revelou-se com um rosto humano na pessoa de nosso Cônego José Mário, o qual tem por nós os mesmos sentimentos, descritos pelo profeta Isaías: "*Velarei por ti, te acariciarei em meu colo, como a mãe acalenta o filho"* (Is 66, 12-13). Hoje, em especial, temos motivos para elevar nossas preces aos céus e bendizer ao Senhor por nosso irmão sacerdote, há cinquenta anos. Destes, mais de trinta, são dedicados à causa do Reino e ao bem das almas nesta Igreja particular da arquidiocese de Natal. Padre José Mário entregou-se totalmente para nos trazer vida e a alegria da graça. "*Vim para que todos tenham a vida e a tenham em plenitude ou abundância"* (Jo. 10,10).

Para o nosso sacerdote jubilar, o santuário de nosso íntimo ou o tabernáculo das graças de Deus, qual seja o coração do homem, sempre foi a primazia de sua missão presbiteral. "*Vós sois o campo de Deus"* (1 Cor 3, 9), assim se referiu o apóstolo Paulo às comunidades cristãs de Corinto. O Cônego José Mário sempre acreditou que somos esse plantio divino. De espinhos poder-se-ão colher flores; de sementes semimortas frutos saborosos e de folhas secas ramos verdejantes. É belo ver nosso jubilar, limitado hoje pela saúde, pela premência do tempo e a complexidade da vida moderna, entregar-se às tarefas pastorais, com o mesmo entusiasmo e deleite de sua juventude sonhadora, como fazia, enquanto jovem sacerdote, em Jardim de Piranhas e Caicó. Jamais esqueceremos uma frase dita por ele a nossos antigos paroquianos de São José de Caicó, em 1966, durante uma aula sobre a Sagrada Escri-

tura: "*o ser humano vale muito, pois é sacrário do Infinito*". E aqui seu pensamento se encontra com aquele do poeta francês Paulo Claudel, quando proclamara: "*Deus colocou o coração humano para além do tempo num desejo e sonho de eternidade*."

É ao irmão José Mário que o próprio Cristo agradece, enquanto dá graças ao Pai, neste dia de festa e alegria. Nosso aniversariante dá-nos uma grande lição ao fazer da vida um contínuo aprendizado. *"O belo da existência é aprender, mergulhado cada dia um pouco mais no oceano do Sagrado*", afirmou o saudoso Dom Nivaldo Monte.

A preocupação de nosso homenageado com a arte e a história lembram-nos a perenidade e a beleza do Infinito. A arte embriaga-nos do Transcendente e torna-nos grávidos da esperança. Ele é um dos sacerdotes mais cultos e eruditos do Rio Grande do Norte. Seu pensamento transita das páginas da Sagrada Escritura à literatura de Exupéry, de quem é profundo conhecedor e admirador. Mário é um apaixonado pela poesia e grande devoto de Maria Santíssima – a excelsa poetisa do Novo Testamento – em cuja festa escolheu ser ordenado e a quem consagrou seu ministério presbiteral. Cônego José Mário ama a forma poética e sabe que a oração é a forma absoluta da poesia. "*Estas são as asas da alma e a mais humilde serva da esperança*", segundo Adélia Prado. A profundidade ou inquietude intelectual e espiritual de nosso jubilar lembra a sede interior de Santo Agostinho, quando busca o Amor e a Luz da Vida. Ao conversar com ele, em muitos momentos, parece que estamos ouvindo o bispo de Hipona: "*Senhor, torna-nos capazes de viver com amor nossa vocação, como verdadeiros enamorados da beleza espiritual, extasiados pelo perfume de Cristo, que exala de uma vida de conversão ao bem, não como escravos subjugados por uma lei, mas como homens livres, guiados pela graça divina".*

O nosso jubilar detém várias diplomas e títulos acadêmicos: bacharelado e licenciatura em filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina, bacharelado em teologia e mestrado Ès-arts

pela Universidade de Louvain, na Bélgica e mestrado e doutorado em língua latina pela Universidade Salesiana de Roma. Educador por vocação dirigiu várias instituições de ensino. Dentre elas, o Centro de Ensino Superior do Seridó, do qual foi seu segundo diretor. Posteriormente coordenou os *Campi* da UFRN, inclusive tendo sido assessor especial do magnífico reitor.

Autor de várias obras literárias, pesquisador, membro da ANRL e do IHGRN, da Sociedade Norte-rio-grandense de Genealogia, dentre tantas entidades, nosso confrade é um poliglota. Tivemos a honra de precedê-lo na Universidade de Louvain e o antecedemos como diretor do então Núcleo Avançado de Caicó da UFRN, hoje CERES. Daí resulta também nossa afinidade e amizade. Por onde passou deixou seus rastros de luz e fez história. E esta é a medida do tempo e emissária da eternidade!

Pastor dedicado, nosso aniversariante passou pelas paróquias de Jardim de Piranhas, exercendo, de forma concomitante, as funções de administrador paroquial de Brejo do Cruz, São Bento e Belém, na diocese de Cajazeiras (PB) e em Caraúbas, no bispado de Mossoró. Eis uma amostra de sua capacidade de servir, disponibilidade e dinamismo sacerdotal. Chegando a esta arquidiocese natalense, animou as freguesias de Macaíba, Ponta Negra e Bom Jesus da Ribeira (da qual é pároco emérito), acumulando as funções de capelão da UFRN e do Cemitério Morada da Paz. Incansável, anima ainda o Eremitério do Santo Lenho e outras instituições religiosas. É de bom alvitre lembrar suas peregrinações à Terra Santa, importantes no aprofundamento de sua fé, no conhecimento exegético e na sua vivência mística. Atualmente, após longa estadia de estudos, em Roma, tornou-se postulador da causa do Padre João Maria. Coroa seu trabalho apostólico como padre exorcista (o único do estado), apaziguando as almas angustiadas e abatidas pelos males e sofrimentos da vida.

Meus irmãos, celebrar meio século de vida sacerdotal do Cônego José Mário é proclamar solenemente a pureza da vida. É

dizer que a força do coração é mais pujante e convincente do que os limites do corpo, espelho de nossa alma imortal. Cabem-lhe bem as palavras do Saltério: "*Em constantes perigos de minha vida, na doença, não esqueci a tua Lei... Pertenço a, ti Senhor, sê meu apoio e viverei* (Sl 119/118, 109-113).

Querido amigo, Deus seja bendito e louvado pela sua existência. Sentimo-nos privilegiados pela graça de sua amizade, pois assim quis o mesmo Deus que cultuamos e a quem adoramos. Foi Ele quem despertou em nós vívidas lembranças que se revelam vínculos de amor e unidade evangélica. Hoje, estamos unidos a seus amigos e gostaria de poder exprimir a gratidão de todos. Que Deus o conserve são, lúcido e forte. Sentimos que você carrega a marca de Deus, inscrição da nossa proveniência, fornalha que arde no âmago de nossa alma.

Muito obrigado, irmão, você ensinou a todos que a existência humana, bem vivida, faz parte da realidade eterna, formidável parcela de divindade, pois "*Deus também habita no coração da matéria e da existência terrena"*, como pensava Heidegger. E, com mais profundidade e de forma iluminada, expressara o grande pensador católico Jacques Maritain: "É no concreto, no pão e no vinho, que se enraíza a experiência ou a presença de Deus". Cristo é Deus feito homem, ser Infinito materializado, encarnado, bem à mão para qualquer mão. É esse o Cristo que você nos transmitiu e fez amar. Ter privado da sua amizade e escutado a sua palavra é "*sentir-se às vésperas de Deus",* como proclamara o monge Dom Marcos Barbosa, em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras.

Deus o abençoe, irmão. Nossa Senhora da Conceição, em cuja festa você foi ordenado o proteja e ilumine sempre. Hoje lembremo-nos que – mesmo em datas e anos diferentes – o mesmo bispo, Dom Manuel Tavares de Caicó ungiu-nos e impôs as suas mãos episcopais. Fomos tangidos pelo mesmo báculo. Um memento e um momento de gratidão e saudades. Suplicamos que a Mãe de Cristo tenha um largo sorriso para você e o carregue no

colo nos momentos de dificuldades e nos dias da limitação anciã.

Caríssimo irmão, que Deus ilumine sempre o seu coração, fortaleça a sua alma, console-o nas tribulações e aumente a sua fé na graça divina, que transforma o homem e o mundo! Que você sinta sempre a força do alto e possa dizer como Santa Teresa d'Ávila: "*Por tanto tempo o teu poder me abençoou. Sei que me conduzirás pelas estradas do amor e da misericórdia. Tu, Senhor, que penetras a minha alma e, como um turbilhão, invades a minha vida; a Ti, somente a Ti, eu quero amar, a Ti somente a Ti, desejo servir*"*!*

Muito obrigado pelo privilégio de tantos anos partilhados. Seja feliz sempre!

Natal, Igreja do Bom Jesus da Ribeira, em 08 de dezembro de 2020.

ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

(SESSÃO COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DO ACADÊMICO JOSÉ HERMÓGENES – 11 DE MARÇO DE 2021).

Exposição realizada por XISTO TIAGO DE MEDEIROS NETO (sobrinho-neto do homenageado)

Cazuza, tio Cazuza, vovô Cazuza são os nomes afetivo-familiares do Professor Hermógenes.

Meu tio-avô foi o caçula dos quatros irmãos sobreviventes do casal José Hermógenes de Andrade e Maria Isaura (minha bisa, carinhosamente chamada D. Maroca). Pois dos treze filhos gerados, nove faleceram ainda crianças; sim, nove. Como consequência da pobreza aguda presente naqueles anos iniciais do século passado, e da vulnerabilidade da saúde pública, agravada, inclusive, pelas epidemias e pandemias que grassaram naquela época, e pela inexistência de vacinas e de tratamentos eficazes.

Hermógenes foi um sobrevivente, do nascimento e da infância. E tornou-se um "supervivente", da adolescência em diante, pelo rumo que deu à sua existência, até o último suspiro, em 13 de março de 2015, aos 94 anos de idade.

A família morava numa pequena casa, na rua Potengi, no tempo em que o barro e a poeira conferiam a tonalidade dos passos e das vestes dos moradores e transeuntes. O pai exercia a função de contínuo, no serviço público, e a mãe costurava roupas para serem vendidas na feira-livre, como meio de ajudar na manutenção da casa.

Iniciou a alfabetização em uma escolinha pública e teve continuidade com uma professora, de nome Dona Filhinha, que lhe ensinou verdadeiramente a ler e a escrever, despertando o seu dom para as letras e para o raciocínio aguçado.

Em passo seguinte, ingressou no Atheneu Norte-rio-grandense, concluindo com destaque o curso secundário.

Paralelamente, para auxiliar nas despesas da família, trabalhou como "lanterninha" do Teatro Alberto Maranhão e também ministrou aulas particulares de matemática.

Até então, nesse período da sua existência, dois fatos significativos e determinantes em sua vida merecem registro, notadamente pela transcendência dos gestos e das palavras que os marcaram:

O primeiro, aconteceu quando a sua mãe, vitimada pela malária e sabedora das incertezas do futuro, dirigiu-se ao quintal da casa, tomando o filho Hermógenes nos braços, que tinha poucos meses de vida, e, levantando-o em direção ao firmamento, pronunciou a prece: "sol, cuida e cura o meu filho".

O segundo fato ocorreu quando tio Cazuza, por volta dos 14 anos, em plena adolescência, lépido e corajoso, estava sendo vencido pela correnteza traiçoeira, ao banhar-se no mar da orla de Natal. Na agonia do afogamento, um homem nadou em seu socorro e, ao aproximar-se dele, orientou: "deixe que eu te pego; não me agarre; entregue-se".

Foi aí, e assim, que se adicionou à gramática espiritual de Hermógenes a expressão "entrega", passando a ter para ele um profundo significado místico e postural, diante do mistério absoluto da vida, da salvação e da percepção do divino. A palavra "entrega", como uma chave-estrofe, tantas e repetidas vezes retomada por ele em escritos e falas.

Terminado o estudo secundário já no início da vida adulta, e impelido pela necessidade de buscar novos horizontes, ele decidiu aos 20 anos de idade seguir corajosamente para estudar no Rio de Janeiro, visando ao exame para ingresso na Academia Militar, por vislumbrar nessa opção um caminho seguro para a aprendizagem. Lá chegando, conseguiu alugar um quarto no bairro de Madureira e, todos os dias, gastando cerca de três horas de percurso, deslocava-se para a Urca, pertinho da praia vermelha, a fim de assistir às

aulas preparatórias gratuitas que eram oferecidas aos candidatos.

A sua aprovação fez jus ao esforço despendido, ingressando, então, na Escola do Exército. Esse curso de formação foi concluído com êxito, de tal maneira que se tornou, em seguida, professor dessa Academia, lecionando as disciplinas de História e Filosofia.

Depois veio o casamento com Ione Maria, à época estudante de pedagogia, seguindo-se o nascimento de suas duas filhas: Ana Lúcia e Ana Cristina, as Aninhas da sua vida.

O terceiro fato de efeito impactante e de maior dramaticidade em sua existência se deu em 1956, aos 35 anos de idade, e em plena atividade intelectual como docente e escritor, já tendo publicado, inclusive, o livro "*História do Brasil no admissão*: *A pergunta que ensina",* em 1954. O fato foi o recebimento do diagnóstico médico de tuberculose pulmonar, em estágio avançado, doença tida à época como uma sentença prévia de morte.

Essa foi a ocorrência que, sem dúvida, deu ensejo à mudança mais radical na vida de tio Cazuza, privando-o drasticamente dos novos projetos e do contentamento com as conquistas pessoais, profissionais e familiares, conduzindo-o ao sofrimento e à angústia profunda em face das incertezas do viver.

E o que fez, então? Deu-se ele, novamente, a uma entrega, assumindo de corpo e alma, quando a vida se lhe apresentava fugaz, escorrida em dias de dor, o sentido da mesma palavra de ordem que o salvara antes do afogamento na praia, e que fora igualmente traduzida no gesto de elevação realizado por sua mãe, lá atrás, quando a vida iniciava o percurso.

Mas agora a entrega se voltava para o tratamento médico, inclusive com a submissão semanal ao doloroso procedimento de "pneumotórax" (*colapsoterapia*), que consistia na inserção de um tubo no tórax para a retirada do ar do pulmão, para permitir que esse órgão voltasse a inflar, em procedimento que era realizado sem nenhuma anestesia.

A doença lhe impingiu enorme debilidade e incessante sofrimento físico, além de mudanças no próprio corpo, com inchaços e envelhecimento precoce. E foi enfrentando essa agonia, que, em paralelo ao atendimento às recomendações médicas, decidiu mergulhar na leitura filosófica e espiritual, como lenitivo para suportar e superar os efeitos e as agruras do prognóstico da enfermidade, durante o longo tempo de isolamento em que era obrigado a viver.

Algumas dessas leituras, certamente tiveram um forte impacto naquele momento da vida de Hermógenes: a obra *Bhagavad Gita*, texto religioso hindu, escrito em sânscrito, datado do século IV a.C, obra que representa a essência do conhecimento védico e sagrado da Índia e um dos maiores clássicos de filosofia perene e de espiritualidade do mundo; o livro *The Yoga System of Health*, de Yogue Vithaldas, rico em ilustrações e na descrição dos efeitos terapêuticos dos exercícios; o manual *Sport et Yoga*, escrita por Sevarajan Yesudian, um verdadeiro livro-guia explicativo; e a publicação "Yoga para cristãos", do religioso francês, Jean-Marie Déchanet.

Assim, uma nova entrega à Yoga (como união do ser com a divindade) reproduzia a esperança depositada no braço que o salvara na adolescência da correnteza do mar traiçoeiro e a fé presente no seu oferecimento materno aos cuidados do Deus sol.

Um detalhe importante: a iniciação à prática dos exercícios de Yoga, principalmente aqueles com ênfase respiratória, foi feita no banheiro da sua casa, às escondidas da família, em razão da orientação médica de permanência em estado de repouso.

Somou-se a isso o exercício de meditação diária e a adoção de uma dieta vegetariana, como forma de reverter o excesso de peso adquirido em razão do tratamento médico.

Tio Cazuza salvou-se da doença. Mas sempre externava que não alcançara essa salvação por seus exclusivos méritos; expressava que a vontade e a razão de ser da cura eram superiores à sua mera capacidade humana de reação à doença, manifestando a certeza

da ação divina nessa transformação. E que também não percebia a superação como um milagre fantástico ou uma dádiva individual. Dizia que essa fase difícil foi a trilha descoberta a ferro, fogo e tórax para a condução da sua vida à busca da plenitude da entrega a Deus e ao próximo.

Vencida essa etapa, continuou a ensinar e incrementar a atividade de escritor, lançando novo livro de nome "*Iniciação à história do Brasil*", em 1958.

A partir daí, aprofundou a imersão no estudo da Yoga, lançando em 1960 uma obra revolucionária para a época: "*Autoperfeição com Hatha Yoga*". A primeira editada no Brasil, apresentando a teoria e a prática dessa técnica, centrada na percepção e busca da unidade e do equilíbrio psicossomático, mediante o uso, como caminho, de posturas físicas e exercícios respiratórios. Esse manual-proposta de vida e saúde foi lançado pelo Professor Hermógenes quando ainda não se escutava falar de relaxamento, vegetarianismo e terapias bioenergéticas. É considerado o guia prático inaugural e pioneiro de holismo (holopráxis) aplicado à saúde e à felicidade humana, em nosso país.

Diante da repercussão positiva para os leitores e da demanda de solicitações sobre o método e sobre as bases teóricas do livro, além da natural atração gerada pelo testemunho vivo da sua história de cura, o professor Hermógenes começou a ministrar aulas de Yoga, iniciadas no espaço adaptado da garagem de sua própria casa.

Em pouco tempo, diante da acolhida e do relato dos benefícios à saúde externados pelos alunos e seus familiares, decidiu abrir a Academia de Yoga, no centro do Rio de Janeiro, em 1962, na rua Uruguaiana, nº118, 12º andar, e assim pode fazê-lo pelo entusiasmo e colaboração de amigos, dentre os quais Noya Wolfson, ex-colega do Atheneu Norte-Rio-Grandense de Natal.

Daí em diante, transformou-se em um símbolo vivo, de incansável e disciplinado mister, em suas variadas nuanças como pro-

fessor-peregrino, estudioso-aprofundador, escritor-inspirador, mestre-incentivador; mas sem nunca abandonar as vestes da humildade e da generosidade inata de verdadeiro discípulo-descobridor.

Publicou cerca de 40 livros, traduzidos para diversas línguas, dentre os quais destacam-se, pela grande repercussão e contínuas reedições, as obras "*Mergulho na paz*"; "*Yoga para nervosos"; "Convite a não violência"; "Yoga: caminho para Deus" e "Saúde na terceira idade"*.

Por justiça, recebeu o título de doutor em Yogaterapia e doutor Honoris Causa por duas Universidades Indianas (World Development Parliament da Índia e Open University for Complementary Medicine).

E em 1988 foi escolhido o Cidadão da Paz do Rio de Janeiro.

Mas um quarto fato de grande relevância em sua vida, não pode deixar de ser registrado: o acidente ocorrido na Índia, com a sua segunda esposa Maria, em 1993, ao ser atropelada por um caminhão, que lhe causou sérias sequelas neurológicas. Ao descrever, em momento posterior, a reação que teve diante daquele trágico momento, Hermógenes expressou-se assim:

"*A primeira coisa que fiz foi entregar minha mulher a Deus. Segui este esquema: entrego, confio, aceito e agradeço. E entrei em estado de tranquilidade."*

Mais uma vez, a entrega surge como marca presente e desafiadora em sua existência.

Em 2002, vindo a esposa a falecer, compartilhou a seguinte mensagem, que é atualíssima para nós. Disse ele:

"Maria a mim não pertencia, logo não a perdi. Temos mania de achar que possuímos as coisas e as pessoas. Uma tremenda ilusão. Quando percebemos isso, a vida fica mais leve".

Termino, pois, convidando vocês, caríssimos acadêmicos e amigos, a brindar, elevando ao firmamento as expressões dicionarizadas no coração e na alma do Professor Hermógenes, transfor-

madas por ele, literalmente, em verbos de sabedoria e amor incondicional a Deus: *entregar, confiar, aceitar e agradecer*.

Obrigado pela digna e honrosa homenagem prestada a tio Cazuza.

XISTO TIAGO DE MEDEIROS NETO é Professor do curso de Direito da UFRN e Procurador do Ministério Público do Trabalho

A ARTISTA DA CAPA

Maria do Santíssimo (Maria Antônia do Santíssimo), nascida em 21 de dezembro de 1890, na Vila Luíza, município de Flores, atual cidade de São Vicente, no Seridó potiguar, onde faleceu em 4 de dezembro de 1974. " Pintora autodidata, com atividade artística intuitiva desde os 9 anos, utilizando a rusticidade do palito de coqueiro e anilina sobre papel pautado e de embrulho. Retratou a fauna e a flora sertaneja, com destaque aos galos, roseiras e cajus, estampando as faces internas dos baús, oratórios e paredes das familias tradicionais do Seridó". (Informação do pesquisador e colecionador Manoel Onofre de Souza Neto).

Incentivada pelo artista e conterrâneo Iaponi Araújo, Maria do Santíssimo obteve consagração nacional, como importante expoente da arte naif brasileira. " Construindo seu mundo de sonhos e fantasias, distruibuia, no latifúndio branco de cartolina, as paisagens e os bichos de seu viver. Os galos coloridos, arrepiando cores ao sol. As folhagens lavadas pela pureza criativa despontando dos pequenos jardins de canto de muro, onde melindres, espirradeiras, cravinas e as folhagens deslumbrantes do agrião compõem o pequeno oásis da gente do sertão", poetiza outro conterrâneo, médico e artista, membro da ANRL, Iaperi Araújo.

QUADRO DE ACADÊMICOS

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano.
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado, Humberto Hermenegildo de Araújo.
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira, Daladier Pessoa Cunha Lima.
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves, Cassiano Arruda Câmara.
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr.
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral.
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima, Luiz Alberto G. de Faria
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota, Gaudêncio Torquato (Eleito)
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas, Roberto Lima.
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo, Dácio Galvão
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra, Clauder Arcanjo.
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto. Eulália Duarte Barros.
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Negreiros.

15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto, Lívio Oliveira.
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes, Armando Holanda.
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluízio Alves, Ivan Maciel de Andrade.
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho.
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho, Marcelo Alves Dias de Souza.
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho, Jarbas Martins.
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita.
22	Côn. Leão Fernandes	Côn, Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Faustino.
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo, Luiz EduardoB. Suassuna.
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandyr Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha.
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara.
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado. (vaga)
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine, Carlos de Miranda Gomes.
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto, Ivan Lira de Carvalho.
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte, Woden Madruga.
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado.

37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimaráes, Elder Heronildes.
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes.
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	Geraldo Queiroz

Este livro foi composto em
Adobe Garamond Pro
e impresso em cartão
Duo Design 250g./m². (capa)
e Pólen Bold 90g./m². (miolo)
pela Offset Gráfica, Natal/RN,
junho de 2021

www.offsetgrafica.com.br